



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
(UNIRIO)

**LETÍCIA KRAUSS PROVENZANO**

BIBLIOTECA DE MUSEU-CASA: uma “estranha entidade”? Reflexão a partir da Biblioteca  
de Rui Barbosa

Rio de Janeiro

2021



LETÍCIA KRAUSS PROVENZANO

**BIBLIOTECA DE MUSEU-CASA: uma “estranha entidade”?** Reflexão a partir da  
Biblioteca de Rui Barbosa

Dissertação do Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do grau de mestre em Biblioteconomia. Área de Concentração: Biblioteconomia, Cultura e Sociedade.

Orientadora: Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos  
Dodebei

Rio de Janeiro  
2021

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

P969 Provenzano, Letícia Krauss  
Biblioteca de museu-casa: uma "estranha entidade"? Reflexão a partir da Biblioteca de Rui Barbosa / Letícia Krauss Provenzano. -- Rio de Janeiro, 2021.  
128 f.

Orientadora: Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos Dodebei.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, 2021.

1. Biblioteca de museu-casa. 2. Biblioteca de Rui Barbosa. 3. Lugar de saber. 4. Lugar de memória. 5. Patrimônio bibliográfico. I. Dodebei, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos, orient. II. Título.

LETÍCIA KRAUSS PROVENZANO

**BIBLIOTECA DE MUSEU-CASA: uma “estranha entidade”?** Reflexão a partir da  
Biblioteca de Rui Barbosa

Dissertação do Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do grau de mestre em Biblioteconomia. Área de Concentração: Biblioteconomia, Cultura e Sociedade.

Aprovada em: 31 / 08 / 2021.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos Dodebei (Orientadora)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

---

Prof. Dr. Fabiano Cataldo de Azevedo

Universidade Federal da Bahia - UFBA

---

Dra. Dilza Ramos Bastos

Fundação Casa de Rui Barbosa - FCRB

## **DEDICATÓRIA**

À minha família, raiz e abrigo, exemplo e  
força, coragem e afeto.

## AGRADECIMENTOS

O que eu sou, eu sou em par. Não cheguei sozinho

*Lenine e Carlos Posada*

*(Música “Castanho”, disco “Carbono”, 2015)*

Às minhas amizades, próximas ou distantes, por emanarem toda energia positiva para o êxito da pesquisa.

À Profa. Dra. Vera Dodebei, pela serenidade e sabedoria ao longo da orientação.

À Dra. Dilza Ramos Bastos, minha chefe, pelo incentivo e apoio durante a pesquisa.

Ao Prof. Dr. Fabiano Cataldo, por ter acreditado no tema da dissertação quando este ainda era semente.

Aos colegas do Mestrado, de quem a pandemia me apartou após apenas um semestre de convivência no ambiente da nossa estimada UNIRIO, tendo as dificuldades de cada um ressoado em mim de alguma forma.

À Coordenação do PPGB, a passada e a atual, pelos esforços para manter o ânimo dos alunos — na medida do [im]possível — durante a pandemia. Certamente o acolhimento e o suporte oferecidos surtirão resultados.

Aos professores do PPGB, por não esmorecerem ante a frieza dos computadores e a imposição de aulas remotas.

“A cultura não amadurece, nem as letras se fecundam, senão à custa de aturado e laborioso esforço.” (Rui Barbosa, 1883).

## RESUMO

PROVENZANO, Letícia Krauss. **Biblioteca de museu-casa**: uma “estranha entidade”? Reflexão a partir da Biblioteca de Rui Barbosa. 2021. 128 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

A pesquisa que resultou nesta dissertação abordou a biblioteca de museu-casa. Em face do contexto profissional da pesquisadora atrelar-se a esse tipo de biblioteca, percebido como peculiar, propôs-se pensar a metamorfose subjetiva da biblioteca pessoal domiciliar em uma biblioteca de museu-casa tendo como objeto de estudo a Biblioteca de Rui Barbosa, do Museu Casa de Rui Barbosa. A biblioteca foi considerada como entidade que conjuga ambiente, museália e acervo bibliográfico. A análise foi conduzida a partir de duas perspectivas, a primeira: a biblioteca particular contemporânea de seu proprietário na residência que se tornaria museu-casa, a *Bibliotheca* do Rui Barbosa. A segunda, a biblioteca no museu-casa, a Biblioteca de Rui Barbosa. A investigação, de natureza exploratória, baseou-se em pesquisa bibliográfica. Foram utilizados conceitos como lugar de memória, práticas de memória, lugar de saber, valor memorial dos monumentos, valor dos objetos em museus-casas e patrimônio bibliográfico. Da reflexão sobre a metamorfose subjetiva depreendemos que a *Bibliotheca* do Rui Barbosa e a Biblioteca de Rui Barbosa são sujeitos distintos.

Palavras-chave: Biblioteca de museu-casa. Lugar de memória. Lugar de saber. Patrimônio Bibliográfico. Biblioteca de Rui Barbosa.

## ABSTRACT

PROVENZANO, Letícia Krauss. **House museum library**: a “strange entity”? Reflection on Rui Barbosa Library. 2021. 128 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

This investigation addressed the theme of house museum library. Considering the researcher's professional scenario, which is associated to this type of library, perceived as peculiar, the purpose was to examine the subjective metamorphosis from a private home library into a house museum library. Rui Barbosa Library of the Rui Barbosa House Museum was the object of research. The library was considered as an entity that combines environment, museum objects and bibliographic collection. A two-perspective analysis: the private library coeval with its owner on his residence prior to house-museum, Rui Barbosa's Library; and the library in the house-museum, Rui Barbosa Library. This exploratory investigation was based on bibliographical research. Some of the main concepts adopted: place of memory; memory practices; place of knowledge; patrimonialization by inverse filiation; memory value of monuments; value of objects in house museums; endogenous and exogenous perspectives of the bibliographic heritage. As a result of research we assume Rui Barbosa's Library and Rui Barbosa Library are distinct subjects.

Keywords: House museum library. Place of memory. Place of knowledge. Bibliographic patrimony. Rui Barbosa Library.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	- Etapas e procedimentos da pesquisa bibliográfica .....	17
Quadro 2	- Referencial teórico-conceitual .....	17
Quadro 3	- Algumas definições de biblioteca de museu.....	20
Quadro 4	- Algumas definições de biblioteca particular, pessoal e privada.....	22
Figura 1	- Aquarela da perspectiva arquitetônica do projeto para a biblioteca de J. P. Morgan .....	23
Fotografia 1	- Biblioteca construída para a coleção de Pierpont Morgan .....	24
Fotografia 2	- Fachada da entrada principal para The Morgan Library and Museum.....	24
Fotografia 3	- Biblioteca e Casa Museo Menéndez Pelayo em Santander, Espanha .....	24
Figura 2	- Livros lidos e não lidos em cartum da personagem Enriqueta com seu gato Fellini.....	29
Fotografia 4	- Área externa da propriedade que pertenceu a Manguel no Vale do Loire, França .....	32
Fotografia 5	- Manguel em sua biblioteca .....	32
Fotografia 6	- Biblioteca de Sir Walter Scott .....	37
Figura 3	- Desenho aquarelado da biblioteca de Sir John Soane .....	38
Fotografia 7	- Vista da lareira da Biblioteca-Sala de Jantar do Sir John Soane's Museum.....	38
Fotografia 8	- Biblioteca de Edith Warton em The Mount.....	40
Desenho 1	- Representação da complexidade do campo da memória.....	41
Figura 4	- Cartum da personagem Enriqueta com seu gato Fellini sobre madeleines de Proust .....	44
Quadro 5	- Classificação das bibliotecas dos séc. XVI-XVII por Victor Infantes .....	51
Desenho 2	- Representação de possíveis dimensões dos lugares de saber .....	57
Figura 5	- Flora Thomson-Deveaux em sua mesa de trabalho.....	57
Desenho 3	- Representação de possíveis dimensões dos lugares de saber ruianos .....	60
Imagem 1	- Biblioteca (Salão) .....	62
Imagem 2	- Gabinete gótico.....	62
Imagem 3	- Quarto de vestir .....	63
Imagem 4	- Gabinete branco.....	63
Imagem 5	- Biblioteca em cômodo no segundo corpo da residência.....	64

Planta 1	- Indicação área biblioteca externa .....	64
Fotografia 9	- Algumas das estantes-armários da Biblioteca.....	66
Fotografia 10	- Secretária da Biblioteca (atual Sala Constituição) .....	68
Fotografia 11	- Volumes que compuseram o levantamento dos itens da Bibliotheca do Rui Barbosa .....	70
Imagem 6	- Folha de rosto do volume referente à Biblioteca, nomeada como Salão (v. 1) .....	70
Imagem 7	- Primeira folha do volume 1 referente à Biblioteca (Salão) .....	71
Imagem 8	- Cena no escritório do personagem Dom Corleone.....	72
Imagem 9	- Cena no gabinete do personagem Dr. Isak Borg .....	72
Fotografia 12	- Set do gabinete do personagem Albus Dumbledore.....	73
Fotografia 13	- Escrivãzinha no escritório de Manoel de Barros.....	73
Fotografia 14	- Jean Piaget no seu escritório em Pinchat, Suíça, 1979.....	75
Imagem 10	- Escrivãzinha do Gabinete Branco .....	75
Imagem 11	- Rui Barbosa e sua escrivãzinha do Gabinete Gótico.....	76
Figura 6	- Roda de livros projetada por Ramelli .....	77
Quadro 6	- Critérios para taxação e valoração de bibliotecas patrimoniais segundo Pedraza Garcia.....	85
Imagem 12	- Formal de Partilha Amigável indicando valor da Biblioteca .....	87
Planta 2	- Distribuição salas do Museu e Setores Administrativos no MCRB em 1964 .....	90
Fotografia 15	- Parte da Sala Civilista.....	92
Quadro 7	- Elementos dos saberes na Sala Civilista.....	92
Planta 3	- Localização de elementos da materialidade dos saberes na Sala Civilista..	93
Fotografia 16	- Vista parcial da Sala Constituição .....	94
Quadro 8	- Elementos dos saberes na Sala Constituição .....	94
Planta 4	- Localização de elementos da materialidade dos saberes na Sala Constituição .....	95
Fotografia 17	- Parte da Sala Casamento Civil.....	96
Quadro 9	- Elementos dos saberes na Sala Casamento Civil.....	96
Planta 5	- Localização de elementos da materialidade dos saberes na Sala Casamento Civil .....	97
Fotografia 18	- Mesão e algumas estantes da Sala Código Civil .....	98

Quadro 10	- Elementos dos saberes na Sala Código Civil.....	98
Planta 6	- Localização de elementos da materialidade dos saberes na Sala Código Civil .....	99
Imagem 13	- Escritório de Rui Barbosa na casa de Petrópolis .....	100
Fotografia 19	- Uma das estantes e parte da mesa da Sala de Haia.....	100
Quadro 11	- Elementos dos saberes na Sala de Haia .....	101
Planta 7	- Localização de elementos da materialidade dos saberes na Sala de Haia ...	101
Planta 8	- Área de Trabalho do Museu Casa de Rui Barbosa.....	101
Desenho 4	- Aspectos da discussão sobre patrimônio bibliográfico no Brasil .....	103
Quadro 12	- Valores dos monumentos e valores dos objetos em museus-casas .....	106

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2</b>	<b>BIBLIOTECA DE MUSEU-CASA: CATEGORIA <i>SUI GENERIS</i></b> .....	20
<b>2.1</b>	<b>Biblioteca de museu-casa <i>versus</i> biblioteca de museu</b> .....	20
<b>2.2</b>	<b>Biblioteca de museu-casa: precedência</b> .....	21
2.2.1	Biblioteca pessoal/particular/privada: aproximações .....	22
2.2.2	Biblioteca pessoal/particular/privada, uma “estranha entidade” .....	27
2.2.3	Elogio às bibliotecas pessoais: o maestro Alberto Manguel .....	31
<b>2.3</b>	<b>Museu-casa, casa-museu: gênero singular, subtipos plurais</b> .....	33
<b>2.4</b>	<b>As primeiras bibliotecas de museu-casa</b> .....	36
<b>2.5</b>	<b>Bibliotecas: lugares de registros memoriais e para memoração</b> .....	40
2.5.1	Bibliotecas pessoais/particulares/privadas no complexo campo da memória .....	43
2.5.2	Bibliotecas de museus-casas: aspectos memoriais .....	46
<b>2.6</b>	<b>Biblioteca de museu-casa: heterotopia?</b> .....	49
<b>3</b>	<b>A <i>BIBLIOTHECA</i> DO RUI BARBOSA: A BIBLIOTECA DA CASA</b> .....	51
<b>3.1</b>	<b>De <i>biblioteca práctica</i> a <i>biblioteca museo</i></b> .....	51
<b>3.2</b>	<b>Lugares de saber</b> .....	55
3.2.1	Lugares ruianos de saber .....	59
3.2.1.1	<i>Biblioteca (Salão) e suas estantes</i> .....	65
3.2.1.2	<i>Gabinetes e uma mesa planejada</i> .....	71
3.2.2	Práticas e inscrições ruianas de saber .....	79
<b>4</b>	<b>BIBLIOTECA DE RUI BARBOSA: A BIBLIOTECA DO MUSEU-CASA</b>	83
<b>4.1</b>	<b>A institucionalização da <i>Bibliotheca</i> do Rui Barbosa</b> .....	83
<b>4.2</b>	<b>Ex-lugares ruianos de saber: a Biblioteca no contexto museológico</b> .....	91
4.2.1	Sala Civilista .....	92
4.2.2	Sala Constituição .....	93
4.2.3	Sala Casamento Civil .....	95
4.2.4	Sala Código Civil .....	97
4.2.5	Sala de Haia .....	99
<b>4.3</b>	<b>Patrimônio bibliográfico: um tema em evolução</b> .....	102
<b>4.4</b>	<b>Algumas reflexões: endogenia e exogenia no campo do patrimônio</b>	

	<b>bibliográfico.....</b>	<b>104</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>110</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>111</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Bibliotecas, quaisquer sejam os tipos, reúnem muito mais do que objetos — livros ou outros materiais bibliográficos, mobiliário e demais equipamentos ou instrumentos — do que pessoas — proprietários, leitores, visitantes ou profissionais daquele espaço — e do que o (s) espaço(s) que a compõe(m). Bibliotecas são um complexo de toda sorte de interações e sentidos, nelas se produzem; se transmitem, se manifestam e se guardam registros do conhecimento e memoriais.

São entidades, portanto, com imenso potencial a ser explorado como objeto de estudo por diversas áreas do conhecimento — Biblioteconomia, História, Letras, Museologia, Turismo, entre outras — tendo como base conceitos e reflexões que emergem de diferentes perspectivas.

Nesse sentido, uma mesma biblioteca é uma fonte profícua para pesquisas: tanto aquelas focadas no conjunto bibliográfico em si — seja um único item, um recorte da coleção ou, até mesmo, o seu acervo completo — quanto aquelas relacionadas a aspectos simbólicos da criação, existência e permanência de uma biblioteca em um dado contexto.

Todos são passíveis de serem abordados nos campos da história da leitura, da história das bibliotecas, da história do conhecimento, da bibliografia material, da memória, do patrimônio bibliográfico, da preservação, da representação descritiva ou temática, dentre tantas outras disciplinas.

A biblioteca peculiar tema desta pesquisa é a biblioteca de museu-casa. A nomenclatura denota a ideia de tratar-se de uma biblioteca que pertenceu a alguém ligado àquela casa transformada num tipo específico de museu, o museu-casa. Assim, ela orbita o mundo da Biblioteconomia, pois originalmente foi uma biblioteca domiciliar<sup>1</sup> e transita também no espaço da Museologia já que compõe um museu-casa, seja sob a forma de um ou mais cômodos dedicados a abrigar livros e outros materiais bibliográficos, seja de um pequeno conjunto bibliográfico acondicionado em alguma mobília do museu-casa.

Ela é um complexo que se manifesta pela conjunção de museália<sup>2</sup> e de materiais bibliográficos. A biblioteca de museu-casa tem como pressuposto ser uma metamorfose que

---

<sup>1</sup> Há uma reflexão sobre essa denominação mais à frente.

<sup>2</sup> “O termo ‘objeto de museu’ é, por vezes, substituído pelo neologismo *musealia* (pouco utilizado), construído a partir do latim, com plural neutro: as *musealia*. Equivalente em inglês: *musealia*, *museum object*; francês: *muséalie*; espanhol: *musealia*; alemão: *Musealie*, *Museumsobjekt*; italiano: *musealia*.” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 68).

compreende, no mínimo, duas fases bem definidas, porém, que não necessariamente ocorrem em cadeia direta e imediata: a primeira, biblioteca pessoal ou particular na residência de alguém, coeva de quem a reuniu; a outra, já institucionalizada, quando compõe o museu-casa.

Quando componente de um museu-casa, essa biblioteca emana dupla personalidade. Ora estática, impassível aos transeuntes do museu e que passam por ela ou param no seu interior para apreciá-la, como se faz diante de um monumento. Aos olhos dos visitantes, a biblioteca pode parecer inerte, uma peça ou mais do quebra-cabeça simbólico que é o museu-casa. Ora em movimento, tendo seus itens retirados da estante, despertos do repouso, da quietude na qual se encontravam, seja para atender a necessidade de informação de um estudioso que tem naquele acervo uma imprescindibilidade ou um trunfo para a evolução da sua pesquisa, até mesmo para satisfazer a um espírito curioso; seja para que alguma obra passe pelo exame e cuidados de um bibliotecário ou de um conservador no ofício cotidiano.

A institucionalização<sup>3</sup> de uma biblioteca pessoal/particular/privada domiciliar implica novos significados. Semantizamos o entorno a partir da nossa interação com objetos, logo, em se tratando da coleção, as associações surtidas da relação entre o antigo proprietário e seu acervo terão permanecido no passado. No caso de uma biblioteca particular que é institucionalizada em função da patrimonialização da casa da qual faz parte, transformando-se então numa biblioteca de museu-casa, o espaço em si também será um meio para a produção de novos sentidos, não necessariamente relacionados à leitura, mas à experiência do visitante do museu-casa.

Embora existam categorias estabelecidas para as bibliotecas — principalmente pela International Federation of Library Associations and Institutions e American Library Association —, elas não refletem as nuances que marcam a heterogeneidade do universo institucional bibliotecário. As filigranas simbólicas e organizacionais próprias de cada

---

“Os objetos no museu são desfuncionalizados e ‘descontextualizados’, o que significa que eles não servem mais ao que eram destinados antes mas que entraram na ordem do simbólico que lhes confere uma nova significação (o que conduziu Krzysztof Pomian a chamar esses “portadores de significado” de *semióforos*) e a lhes atribuir um novo valor – que é, primeiramente, puramente museal, mas que pode vir a possuir valor econômico. Tornam-se, assim, testemunhos (con)sagrados da cultura.” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 70).

De acordo com Brulon (2015, p. 26), “O objeto de museu – que não significa meramente o objeto *em* museu – como objeto musealizado, passa a adquirir um estatuto museológico.”

<sup>3</sup> Em 2016 aconteceu o evento “Da minha casa para todos”, sobre a incorporação de bibliotecas pessoais ou particulares a instituições públicas. Os textos apresentados foram reunidos numa publicação, de 2018, com o mesmo nome do evento, disponível em: <https://daminhacasaparatodos.icict.fiocruz.br/files>.

biblioteca impactarão as experiências e práticas dos bibliotecários, revelando assim a também heterogênea trajetória que eles podem percorrer.

Por haver diversidade entre bibliotecas, o mesmo poderá se dar na trajetória profissional de um bibliotecário. A vida profissional pregressa desta pesquisadora entre estantes, livros, revistas, bases de dados e leitores se iniciou em uma biblioteca superespecializada: uma biblioteca médica de traumatologia e ortopedia situada em um hospital. Parceiros dos profissionais de saúde, os bibliotecários se esmeravam em buscas em fontes eletrônicas para atender as demandas próprias da prática da medicina baseada em evidências. Seguiu-se breve passagem pela Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional. Enfim, desde 2016, a atuação no Serviço de Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa, sendo uma das bibliotecas — a do patrono, Biblioteca de Rui Barbosa — distribuída por mais de um cômodo de um museu-casa.

Em face do contexto profissional desta pesquisadora, que percebe como peculiar esse tipo de biblioteca, surgiu naturalmente, o interesse em refletir acerca das tessituras que envolvem a Biblioteca de Rui Barbosa sobre a qual possíveis pesquisas estão longe de se esgotar. Assim, esta investigação vai ao encontro do propósito do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro que

surge da percepção de uma lacuna em estudos aprofundados no campo da Biblioteconomia de forma a possibilitar **que esses profissionais investiguem problemas oriundos do cotidiano do fazer** biblioteconômico em diversas bibliotecas, centros e unidades de informação, [...] (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, *s.d.*)

e é consonante, portanto, com a linha de pesquisa intitulada Biblioteconomia, Cultura e Sociedade.

Norteadas pelas questões — “Quais percepções sobre as bibliotecas pessoais originárias da casa se mantêm e quais se dissolvem quando elas se tornam parte de museu-casa? Qual(is) aspecto(s) da vida da Biblioteca de Rui Barbosa pode(m) contribuir para os estudos acerca das bibliotecas de museus-casa? — esta pesquisa pretende alcançar os seguintes objetivos:

- Geral

Pensar a metamorfose subjetiva da biblioteca domiciliar em biblioteca de museu-casa tendo como caso ilustrativo a Biblioteca de Rui Barbosa do Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB).

- Específicos
  - ✓ Explorar o que configura uma biblioteca de museu-casa;
  - ✓ Relacionar a *Bibliotheca* do Rui Barbosa — a biblioteca da casa — especialmente ao conceito de lugares de saber (*lieux de savoir*);

- ✓ Aproximar a Biblioteca de Rui Barbosa, a biblioteca do museu-casa, da discussão sobre patrimônio bibliográfico.

A força motriz natural para essa investigação foi, portanto, a curiosidade, elemento que move não apenas o universo da ciência, e que

[...] raramente é recompensada com respostas significativas ou satisfatórias, e sim com um desejo crescente de fazer mais perguntas e com o prazer de conversar com outras pessoas. Como sabe todo inquisidor, afirmações tendem a isolar; perguntas, a unir. A curiosidade é um meio de declarar nossa aliança com a comunidade humana. (MANGUEL, 2016, p. 8).

Para atravessar do lugar onde paira abstrato esse sentimento questionador para o lugar no qual ele adquire a forma de produção científica registrada é necessário trilhar um caminho específico, o percurso metodológico. A metodologia, portanto, será a ponte entre a curiosidade empírica e o mundo do saber científico.

Esta pesquisa é de natureza exploratória pois, “Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (GIL, 2008, p. 27), valendo-se de pesquisa bibliográfica, “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas” (GIL, 2008, p. 50).

Considerando a transdisciplinaridade emaranhada no universo acadêmico, onde as linhas que demarcam alguns territórios de conhecimento se mostram flexíveis, o estudo se inspira pela abordagem da história de vida do campo da arqueologia. Para a arqueóloga Ruth Tringham (1995) — que pesquisou casas do período neolítico a partir dessa abordagem — a casa é como um indivíduo e, por isso, passível de ser biografada.

Transposta para o recorte temático das bibliotecas e desassociada do estudo arqueológico, essa ideia corrobora a possibilidade de se investigar a história de vida da Biblioteca de Rui Barbosa considerando a musealização que marca a clivagem dessa história em duas fases. Assim, no contexto desta pesquisa, examinamos essa biblioteca enquanto biblioteca particular do Rui Barbosa em sua residência e como uma biblioteca de museu-casa, a biblioteca de Rui Barbosa enquanto parte do MCRB.

Também inspiraram a metodologia as questões patrimoniais relacionadas aos processos de memorização e de patrimonialização. O quadro abaixo demonstra as etapas para a consecução do exposto acima:

Quadro 1— Etapas e procedimentos da pesquisa bibliográfica

<b>Etapas</b>	<b>Procedimento</b>
Levantamento bibliográfico	Pesquisa em fontes bibliográficas primárias e secundárias para levantamento de textos sobre temas correlatos à biblioteca de museu-casa, sobre memória e patrimônio e sobre a biblioteca de Rui Barbosa, tanto no contexto da casa quanto no do MCRB
Leitura	Estudo dos textos selecionados a partir do levantamento bibliográfico realizado. Identificação de conceitos e abordagens consentâneos com a história de vida difásica da Biblioteca de Rui Barbosa (pré e pós-musealização <sup>4</sup> da casa).
Elaboração de análise teórica	Redação da dissertação conjugando elementos teóricos, texto argumentativo e explanação sobre a Biblioteca de Rui Barbosa (pré e pós-musealização da casa) como estudo de caso da transformação identitária de uma biblioteca particular/pessoal/privada domiciliar em uma biblioteca de museu-casa

**Fonte:** a autora (2021)

Por esta pesquisa se encontrar na intersecção entre duas disciplinas é necessário ancorá-la numa diversidade de abordagens conceituais para a construção da sua estrutura teórica complexa e plural, expressa no quadro que se segue:

Quadro 2— Referencial teórico-conceitual

<b>Categoria</b>	<b>Abordagens/conceitos</b>	<b>Discursos</b>
Anotações	Extratores e Marginalistas	Ferrer ([2004?])
Biblioteca	Heterotopia	Foucault (2013)
Biblioteca de Rui Barbosa (biblioteca do museu-casa)	Acepção de cidadania	Ferreira (2008)
Biblioteca pessoal/particular/privada	Biblioteca material e biblioteca virtual	Ferrer (2016)
	Antibiblioteca	Taleb (2015)
	Lugar de saber	Jacob (2012, 2014)
	Tecnologia de autodesenvolvimento	Liming (2020)
Biblioteca de museu-casa	Relação simbiótica	Stokes (2008)
	Crise de identidade	Schumacher (2016)
	Memória cultural	Assman, J. (2016)

<sup>4</sup> "De um ponto de vista mais estritamente museológico, a musealização é a operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em musealium ou musealia, em um 'objeto de museu' que se integre no campo museal." (DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, 2013, p. 57)

Memória	Instituição de memórias culturais e práticas de memórias culturais	Namer (1987)
	Lugar de memória	Nora (1993)
	Lugar da recordação (meio de memória)	Assman, A. (2011)
	Memória individual e memória coletiva	Halbwachs (1990)
	Memória vegetal e memória coletiva	Eco (2014)
	Memoração; registros memoriais	Dodebei (2015)
Museu-casa	Casa-Museu de memória íntima	Afonso (2015)
	Lugar de confluência do patrimônio material e imaterial; Teatro da memória	Ponte (2017)
Patrimônio	Patrimonialização por filiação inversa	Davallon (2000; 2002)
	Patrimônio bibliográfico	Faria e Pericão (2008); Palma Peña (2013)

**Fonte:** Elaborado pela autora (2021)

O cenário amplo desta pesquisa é a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), instituição pública subordinada atualmente ao Ministério do Turismo, cuja missão é “preservar e dar acesso à obra de Rui Barbosa, ao seu acervo e ao de personalidades de destaque para o país, promovendo a pesquisa, o ensino e a difusão do conhecimento sobre temáticas relevantes para a história do Brasil.” (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2021).

A preservação, o processamento técnico e a promoção da Biblioteca de Rui Barbosa (acervo bibliográfico que pertenceu a Rui Barbosa) são competências do Serviço de Biblioteca, que integra o Centro de Memória e Informação. Além da biblioteca do patrono da instituição, o Serviço de Biblioteca gere ainda a Biblioteca São Clemente — composta de acervo corrente, de coleções especiais<sup>5</sup> adquiridas por meio de doações ou de compras e da coleção de folhetos de cordel, reconhecida internacionalmente — e a Biblioteca Infantojuvenil Maria Mazetti.

Sem considerar a introdução e as considerações finais, esta dissertação foi desenvolvida em três seções. A seção 2, “Biblioteca de museu-casa: categoria *sui generis*”, explorou como se configura uma biblioteca de museu-casa, buscando distingui-la da biblioteca de museu e discutindo as definições de biblioteca pessoal, particular e privada a fim de estabelecer a relação delas com a biblioteca de museu-casa. Apresentou o gênero museal denominado museu-casa. Tratou da reflexão sobre a correlação entre o complexo campo da memória e as bibliotecas,

especialmente sobre as particulares e as de museu-casa. Pensou, ainda, o conceito de heterotopia no contexto da biblioteca de museu-casa.

A seção 3, intitulada “A *Bibliotheca* do Rui Barbosa: a biblioteca da casa”, abordou a biblioteca particular do Rui Barbosa em sua residência, isto é, contemporânea de seu proprietário. Tratou da evolução da biblioteca destacando certas passagens da vida pessoal e profissional de Rui Barbosa. Foi apresentado o conceito de lugares de saber para, a partir dele, ser analisada essa biblioteca.

A seção 4, nomeada como “Biblioteca de Rui Barbosa: a biblioteca do museu-casa”, referiu-se à Biblioteca de Rui Barbosa, a biblioteca do museu-casa. Buscou traçar um histórico da passagem, após o falecimento de Rui Barbosa, da biblioteca particular da casa para biblioteca do MCRB, considerando a patrimonialização da casa e a conseqüente institucionalização da biblioteca.

Resgatou-se o conceito de lugares de saber para continuar a análise da biblioteca no contexto museológico. Estabeleceu aproximação entre o tema patrimônio bibliográfico e o acervo da Biblioteca de Rui Barbosa, a biblioteca do MCRB.

## 2 BIBLIOTECA DE MUSEU-CASA: CATEGORIA *SUI GENERIS*

Nesta pesquisa considera-se a biblioteca de museu-casa peculiar pela característica complexa própria dessas bibliotecas que, da intimidade do ambiente antes privado, são lançadas às vistas do público dentro de um museu e desnudadas pelas mãos de pesquisadores, passando a gestão da sua materialidade a ser compartilhada, eventualmente, entre museólogos e bibliotecários.

### 2.1 Biblioteca de museu-casa *versus* biblioteca de museu

Note-se que esta pesquisa não trata da biblioteca de museu — algumas definições no quadro abaixo —, aquela que

[...] apoia o museu em todos os pontos e em todas as etapas da missão do museu. A biblioteca atenderá às necessidades de informação dos gestores e equipe através de seus próprios recursos ou através do acesso a outros recursos [...] (BIERBAUM, 2000, p. 8, tradução nossa).

Quadro 3 — Algumas definições de biblioteca de museu

Termo	Definição
<i>museum library</i>	“Biblioteca de museu. Biblioteca mantida por um museu que inclui material bibliográfico relacionado com suas exposições e áreas de especialização.” (GLOSARIO ALA, 1988, p. 228, tradução nossa)
Biblioteca de museu	“Biblioteca que é mantida por um museu e que inclui material bibliográfico relacionado com as exposições nele realizadas e com as áreas de especialização desse museu.” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 101)
<i>museum library</i>	“Um tipo de biblioteca especial mantida por um museu ou galeria, normalmente nas dependências internas, mas às vezes em um local separado contendo uma coleção de livros, periódicos, reproduções e outros materiais relacionados à exposições e áreas de especialização”. (REITZ, c2004-2014)
<i>Biblioteca de museu</i>	“museum library bib biblioteca especializada (<=>) mantida por um museu, portanto seu acervo diz respeito às áreas temáticas do museu.” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 50)

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Um exemplo é o da Biblioteca Paulo Mendes de Almeida pertencente ao Museu de Arte Moderna de São Paulo, que “é referência para o estudo e a pesquisa da arte moderna e contemporânea [...]” (MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO, [2018?]).

Em que pese a biblioteca de museu-casa participar do cumprimento da missão do museu — considerando que a função precípua de um museu-casa é cultuar e preservar a memória de um ou mais personagens — essa biblioteca não é a biblioteca de museu.

Um museu-casa do qual já faça parte a biblioteca originária da propriedade poderá, ainda, contar com uma biblioteca de museu, ou seja, dedicada a atender às necessidades informacionais da equipe de trabalho e do público do museu.

Lazan (2001) propôs um modelo geral para a formulação de coleção para uma biblioteca de museu em museu-casa. O acervo bibliográfico seria baseado em seis grandes categorias: administração de museus; restauração; interpretação; cuidado e preservação do interior/exterior; cuidado e preservação da coleção museológica; pesquisa na área temática.

Vale registrar que no caso da FCRB, embora a Biblioteca São Clemente, estabelecida a partir de 1937, não seja exclusivamente uma biblioteca de museu, ela cumpre essa função visto que seu acervo abrange publicações da área da Museologia, Preservação, Rui Barbosa e outros assuntos afins com o contexto de vida do patrono, dando suporte ao corpo funcional do MCRB, das outras áreas finalísticas da instituição, aos pesquisadores da instituição bem como ao público da FCRB.

Essa biblioteca também dá suporte ao Centro de Pesquisas, criado em 1952<sup>6</sup> com o objetivo de serem realizados estudos na área do Direito e da Filologia tendo a biblioteca e os arquivos que pertenceram ao Rui Barbosa como campo de pesquisas. O decreto que instituiu o Centro de Pesquisas e seu funcionamento previu que fossem adquiridas publicações consideradas necessárias para atualizar a Biblioteca de Rui Barbosa, fator que pode ter contribuído para o incremento de obras sobre Rui e de seu contexto de vida no acervo da Biblioteca São Clemente.

Elucidada a distinção entre a biblioteca de museu-casa e a de museu, discutiremos a origem da biblioteca de museu-casa.

## **2.2 Biblioteca de museu-casa: precedência**

Denominamos biblioteca de museu-casa aquela originalmente inserida na residência que foi musealizada. O fato dessa biblioteca estar num museu-casa pressupõe ter sido, antes, a

---

<sup>6</sup> Decreto nº 30.643, de 20 de MARÇO de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html>.

biblioteca pessoal/particular/privada de alguém em seu domicílio<sup>7</sup>. Reitz (c2004-2014, tradução nossa) define como *home library*

um cômodo ou quarto em uma residência privada com estantes alojando livros, periódicos e outros materiais para leitura, visuais e de referência, muitas vezes com uma escrivaninha e uma cadeira confortável ou sofá com uma luminária.

### 2.2.1 Biblioteca pessoal/particular/privada: aproximações

Pelo fato de não serem comumente empregados no campo da Biblioteconomia os termos biblioteca na residência ou biblioteca domiciliar, considera-se pertinente apresentar algumas definições para biblioteca pessoal, biblioteca particular e para biblioteca privada, organizadas no Quadro 4, percebendo que quaisquer sejam essas denominações, quando num espaço domiciliar, precedem a existência de uma biblioteca de museu-casa

Quadro 4 — Algumas definições de biblioteca particular, pessoal e privada <sup>8</sup>

<b>Termo</b>	<b>Definição</b>
<i>private library</i>	“Biblioteca privada. Biblioteca que não é mantida com fundos públicos, principalmente aquela que pertence a um particular.” (GLOSARIO ALA, 1988, p. 269, tradução nossa)
<i>private library</i>	“Uma biblioteca de qualquer tamanho que não seja mantida por fundos públicos, especialmente aquela pertencente a um indivíduo ou família para uso pessoal ou por um clube privado, empresa ou fundação, [...]” (REITZ, c2004-2014, tradução nossa)
<i>biblioteca privada</i>	“É a biblioteca de propriedade de pessoa física, instituição científica, acadêmica, etc., ou órgão do Estado, cujo uso se limita exclusivamente ao proprietário da biblioteca, aos membros que compõem a organização ou a funcionários do governo.” (BUONOCORE, 1976, p. 84, tradução nossa)
biblioteca pessoal	“home collection, home library, personal collection, personal library bib biblioteca ou acervo pertencente a um indivíduo. <=> arquivo pessoal, biblioteca privada.” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 52).
biblioteca privada	“Biblioteca criada e sustentada por um particular ou instituição para seu uso exclusivo, com ausência de recursos públicos; biblioteca particular.” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 104)

**Fonte:** elaborado pela autora (2021)

<sup>7</sup> O Código Civil Brasileiro estabelece em seus artigos 70 e 71, respectivamente, que: “O domicílio da pessoa natural é o lugar onde ela estabelece a sua residência com ânimo definitivo” e “Se, porém, a pessoa natural tiver diversas residências, onde, alternadamente, viva, considerar-se-á domicílio seu qualquer delas”. (BRASIL, 2002)

Pelas definições demonstradas entendemos que quaisquer desses termos podem ser utilizados para se referir a uma biblioteca que foi ou é propriedade de alguém, em sua residência, sobretudo quando se trata de uma biblioteca individualizada, ou seja, conjugada com o nome do personagem a que se refere. Assim, para evitar a repetição excessiva de um desses termos, em busca de fluidez para a redação e, posteriormente, para a leitura desta dissertação, ao longo do texto foram empregados os diferentes termos.

As definições que foram apresentadas evidenciam que os adjetivos pessoal, particular ou privada qualificando uma biblioteca não denotam, necessariamente, relação com um espaço domiciliar do(a) proprietária(o) da coleção.

Bibliotecas para uso próprio de uma pessoa e/ou de sua família podem estar em residências, em locais de trabalho, até mesmo alocadas no todo ou em parte em outros imóveis adquiridos ou alugados para a finalidade de comportar algum acervo bibliográfico particular que cresceu exponencialmente, como acontece com tantos bibliófilos que, com sorte, mantêm imóveis próximos de suas residências para guardarem os exemplares que extrapolaram a capacidade do espaço domiciliar.

O banqueiro estadunidense John Pierpont Morgan (1837–1913) foi um colecionador de obras de arte, de manuscritos e de livros antigos e raros (sua coleção incluía tabuletas mesopotâmicas com escrita cuneiforme e três exemplares da Bíblia de Gutenberg). Residente no início do século XX em uma casa na avenida Madison, em Manhattan, na cidade de Nova Iorque, precisou construir uma biblioteca (Figura 1 e Fotografia 1) contígua à residência principal para acomodar o acervo que já não cabia na sua casa, e que, além disso, estava disperso, parte em uma biblioteca na mesma cidade e parte em seu imóvel na Inglaterra.

Figura 1 — Aquarela da perspectiva arquitetônica do projeto para a biblioteca de J. P. Morgan



Fonte: Hawley (1902)

Fotografia 1— Biblioteca construída para a coleção de Pierpont Morgan



Fonte: Hill (2012)

Após essa primeira grande obra, a propriedade passou por outras intervenções com vista na expansão e na disponibilização do acesso ao público. Atualmente The Morgan Library and Museum<sup>9</sup> é uma instituição cultural composta de prédios históricos e modernos, construídos ao longo dos séculos XX e XXI, como pode ser visto na Fotografia 2.

Fotografia 2 — Fachada da entrada principal para The Morgan Library and Museum



Fonte: Morgan Library & Museum Mckim Building (2012)

A Biblioteca e Arquivo José Pacheco Pereira, do historiador português José Álvaro Machado Pereira (1949- ), é considerada, em tamanho, a maior biblioteca-arquivo particular de Portugal.

---

<sup>9</sup> The Morgan Library and Museum. Disponível em: <https://www.themorgan.org>.

A biblioteca que ele começou a formar na adolescência se juntou à que pertenceu aos seus avós e à de seus pais. Os livros e demais documentos passaram a não caber na sua casa, em Vila da Marmeleira, próxima à cidade portuguesa de Santarém. Assim, Pacheco Pereira adquiriu, ao longo do tempo, outros cinco imóveis na área, todos próximos uns dos outros, para poder expandir sua biblioteca e arquivo para além dos cômodos da sua própria casa.

Desde 2009, essa grande coleção, que cresceu vertiginosamente graças a diversificadas doações — arquivos pessoais de personagens históricos portugueses e anônimos, encartes de supermercados e itens efêmeros criados para manifestações sócio-políticas tais como cartazes, adesivos e panfletos —, foi denominada Arquivo-Biblioteca Ephemera<sup>10</sup>, e atualmente ocupa também dois armazéns na região do Barreiro, antiga zona industrial na baía do Rio Tejo.

Todo o trabalho de tratamento e processamento do material recebido conta com uma rede de cerca de 150 voluntários da sociedade, e o acervo continua a ser de propriedade privada. Para Pacheco Pereira, o futuro dessa grande coleção de coleções é incerto e desconhecido.

Atualmente, o Ephemera conta com seis quilómetros lineares de documentos, com mais de 200 mil títulos de livros e brochuras, milhares de periódicos, fotografias, discos, panfletos e cartazes e objetos que testemunham a história contemporânea, sobretudo portuguesa. (AGÊNCIA LUSA, 2020).

Um caso curioso é a Biblioteca de Menéndez Pelayo<sup>11</sup> no centro da cidade espanhola de Santander. O intelectual e polígrafo Marcelino Menéndez Pelayo (1856-1912) — que também atuou como bibliotecário da Real Academia de História e diretor da Biblioteca Nacional de Madrid — legou em testamento sua coleção com cerca de 45.000 volumes como uma enorme herança cultural para a cidade.

Sob a batuta de Menéndez Pelayo, a coleção alcançou tamanho porte que foi necessário criar um pavilhão independente no jardim da propriedade onde morava com a família para receber a biblioteca. A casa da família tornou-se casa-museu (destacada com a elipse em vermelho na Fotografia 3) e, poucos metros à frente dela, separada por um jardim, está situada a biblioteca (destacada pelo retângulo amarelo na Fotografia 3).

---

<sup>10</sup> EPHEMERA - Biblioteca e arquivo de José Pacheco Pereira. Disponível: <https://ephemerajpp.com/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

<sup>11</sup> Biblioteca de Menéndez Pelayo. Disponível em: <https://www.bibliotecademendezpelayo.es/>.

Fotografia 3 — Biblioteca e Casa Museo Menéndez Pelayo em Santander, Espanha



Fonte: Edificio y Jardín ([2018])

Bibliotecas particulares, pessoais ou privadas “independentes” como essas de Morgan, Pacheco Pereira e Menéndez Pelayo não originariam bibliotecas de museus-casa. As bibliotecas desses personagens formaram outras configurações que não biblioteca de museu-casa: museu e biblioteca, biblioteca e arquivo e biblioteca e casa-museu.

Encontramos na literatura especializada da última década o emprego variado dos termos apresentados anteriormente referentes a pesquisas que abordaram diversos aspectos de bibliotecas que pertenceram a alguém em seu domicílio. Alguns exemplos são: Azevedo (2010), Dias (2018), Santiago (2018) que abordaram a institucionalização das bibliotecas do escritor e jornalista João do Rio (1881-1921), do professor português Joaquim de Carvalho (1892-1958) e do médico Fernandes Figueira (1863-1928), respectivamente.

Duroselle-Melish e Lines (2015) exploraram o arranjo da biblioteca do naturalista italiano Ulisse Aldrovandi (1522–1605) e como ele empreendia a aquisição dos itens para a coleção; Ackerman (2020) pesquisou a biblioteca formada pelo cineasta russo Sergei Eisenstein (1898-1948) e Liming (2020) escreveu sobre a biblioteca da escritora estadunidense Edith Wharton (1862-1937).

Observamos ainda em pesquisas recentes a ocorrência de outros termos como biblioteca particular privada, utilizado em referência à biblioteca particular na residência do crítico literário e tradutor Fernando Py (1935-2020), estudada pelo Prof. Dr. Fabiano Cataldo e pela Profa. Ma. Stefanie Freire junto com o proprietário (A PESQUISA..., 2020), e biblioteca particular pessoal, empregado por Azevedo, Silva e Silva (2020) em artigo sobre coleções institucionalizadas que pertenceram a duas bibliófilas brasileiras, Maria Anunciada Ramos Chaves (1915-2006) e Salete Maria Polita Maccalóz (1946-2017).

Se há biblioteca<sup>12</sup> em um museu-casa então antes ela foi uma biblioteca domiciliar. O adjetivo domiciliar foi utilizado para enfatizar que diz respeito a uma biblioteca pessoal/particular/privada mantida no(s) domicílio(s) de quem a formou e a possuiu.

### 2.2.2 Biblioteca pessoal/particular/privada, uma “estranha entidade”

Na segunda década do século XIX a escritora Mary Shelley (1797-1851) criou o clássico literário *Frankenstein*. A trama conta a história de um cientista, Dr. Victor Frankenstein, que ambiciosamente concebeu em seu laboratório uma criatura com características humanas, contudo, ela se revolta contra seu criador, porque ele demonstra repulsa pela criatura.

Somos nós, criadores e possuidores de bibliotecas pessoais, um pouco Dr. Victor Frankenstein no sentido de vivenciarmos algumas vezes uma relação não tão amistosa com essas criaturas, nossas bibliotecas? Seffouh (2012, tradução nossa) destaca a estranheza da biblioteca particular por considerá-la “um lugar paradoxal, estendido entre conservação e criação, entre coleção e passagem, entre memória e promessa”.

Vivemos com a ilusão de mantermos o controle sobre nossas bibliotecas, porém, a sensação de que elas criam asas é uma constante. Assim como filhos adquirem confiança e sentem-se independentes à medida que lhes soltamos as mãos durante a caminhada, nossas bibliotecas ganham vida própria a partir de algum momento, surpreendendo-nos, de tempos em tempos, com seu amadurecimento e porte físico. Não percebemos essas crianças crescerem alterando o espaço ao redor delas e de nós mesmos, quebrando “a monotonia das paredes vazias” ? (PERELMAN apud SEFFOUH, 2012, tradução nossa).

Manguel (2006, p. 64) descreveu o embate entre os limites espaciais e a audácia sorrateira da sua própria biblioteca:

Recordo que, na adolescência, observava com uma espécie de terror fascinado como, noite após noite, as estantes na parede do meu quarto enchiam-se de livros, aparentemente por conta própria, até que não sobrasse nenhum canto promissor. [...] Ao meu redor — no chão, nos cantos, embaixo da cama, na escrivaninha colunas de livros erguiam-se —, colunas de livros erguiam-se lentamente e transformavam o espaço numa floresta saprófita cujos troncos proliferantes ameaçavam me expulsar.

---

<sup>12</sup> Considerada a biblioteca original da casa.

Se recorrermos ao campo da Ecologia para estabelecermos uma metáfora sobre as relações homem-biblioteca pessoal, podemos observar que são caracterizadas por simbiose, mais especificamente, uma relação do tipo mutualismo trófico<sup>13</sup>, ou seja, marcadas por reciprocidade, pois, de acordo com Mole (2019), nós, na mesma medida em que fazemos coisas com nossos livros — compramos, organizamos, anotamos neles, emprestamos, lemos, damos vida a eles, pois “cada leitura existe com o objetivo de assegurar uma modesta imortalidade a determinado livro” (MANGUEL, 2006, p. 33) — nossos livros também atuam sobre nós, compondo conosco um “ecossistema complexo” (MOLE, 2019, p. 2, tradução nossa).

Tal ecossistema pode passar a sensação, em alguns casos, de um sistema em desequilíbrio, como uma absorção do criador por sua criatura quando “Os volumes da biblioteca formam um volume único como um exército de livros que nos viram as costas. Surge uma impressão de peso, esmagamento, compressão” (SEFFOUH, 2012, tradução nossa).

Bibliotecas particulares demonstram, em geral, uma visão do mundo e se desenvolvem de acordo com as idiossincracias do seu possuidor. Assim, mais do que um conjunto de livros,

As bibliotecas ou coleções particulares são fruto de uma escolha pessoal, da prática do colecionismo, podem demonstrar o pensamento de um indivíduo nas mais diversas áreas em que este esteja inserido e de como pode ter e ser influenciado pelo mundo ao seu redor [...] (SANTIAGO, 2018, p. 26).

Ainda que a ideia de uma biblioteca pessoal como reflexo do dono — que “pode representar uma espécie de máscara ou segunda face” (SEFFOUH, 2012, tradução nossa) — seja amplamente aceita, é importante retomarmos a ponderação de Ackerman (2019), ao pesquisar o que restou da biblioteca que pertenceu a Sergei Eisenstein, acerca de uma biblioteca pessoal preservada não corresponder à totalidade de livros lidos durante uma vida

Um indivíduo pode pesquisar livros em bibliotecas públicas, descobrir livros que não pode comprar em livrarias, pegar livros emprestados com amigos, alguns livros foram perdidos ou roubados, e assim por diante. Em todos esses casos, os livros não vão aparecer na biblioteca. **Ao contrário, todos os livros presentes em uma biblioteca podem não ter sido necessariamente lidos por completo, ou até mesmo podem nunca ter sido abertos.** (ACKERMAN, 2019, p. 34, grifo nosso)

O trecho em destaque nos remete especialmente ao que Taleb (2015) denominou antibiblioteca, inspirado pelos comentários de Umberto Eco a respeito da quantidade de livros

---

<sup>13</sup> Relação na qual “[...] cada população participante da interação proporciona à população com a qual se associa um tipo de nutriente específico.” Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/book/view.php?id=2434846&chapterid=20377>. Acesso em: 5 dez. 2020.

não lidos na sua própria biblioteca e o curioso fenômeno que ocorre quando resolvemos, enfim, dar-lhes uma chance e constatamos que, mesmo sem tê-los lido, nós, de alguma maneira, os lemos indiretamente <sup>14</sup>.

A biblioteca deve conter tanto *das coisas que você não sabe* quanto seus recursos financeiros, taxas hipotecárias e o atualmente restrito mercado de imóveis lhe permitam colocar nela. Você acumulará mais conhecimento e mais livros à medida que for envelhecendo, e o número crescente de livros não-lidos nas prateleiras olhará para você ameaçadoramente. Na verdade, quanto mais você souber, maiores serão as pilhas de livros não-lidos. Vamos chamar essa coleção de livros não-lidos de *antibiblioteca*. (TALEB, 2015)

Assim, uma biblioteca pessoal compreende também uma antibiblioteca. E, se o que o esquecimento é, é em par com a lembrança, a biblioteca vive também da sua antibiblioteca. A antibiblioteca é o *alter ego* da biblioteca e vice-versa.

Figura 2— Livros lidos e não lidos em cartum da personagem Enriqueta com seu gato Fellini



Fonte: Liniers (S.d)

Uma biblioteca pessoal é, de fato, uma estranha entidade. Uma certa “metamorfose ambulante”, o que explica por que “[...] devemos sempre lembrar que ela é uma entidade viva em constante evolução, cujas mudanças e oscilações cessam apenas quando seu proprietário desaparece.” (ACKERMAN, 2019, p. 38).

Há, ainda, outra nuance em torno da existência de nossos acervos bibliográficos particulares. Eles não se materializam apenas em função de um movimento endógeno mas também, pela internalização do mundo ao redor, razão pela qual há livros em nossas bibliotecas

<sup>14</sup> “A primeira é que, tendo tocado várias vezes aquele livro ao longo dos anos, para mudá-lo de lugar, desempoeirá-lo, ou mesmo só para empurrá-lo a fim de pegar outro, algo de seu saber se transmitiu, através das polpas dos nossos dedos, ao nosso cérebro, e nós o lemos pelo tato, como se ele estivesse em alfabeto Braille. [...] A segunda explicação é que não é verdade que não lemos aquele livro: sempre que o deslocávamos ou o desempoeirávamos, dávamos uma olhada nele, abríamos casualmente umas páginas, alguma coisa no aspecto gráfico, na consistência do papel, nas cores, falava de uma época, de um ambiente. E assim, um pouquinho a cada vez, absorvemos grande parte daquele livro. A terceira explicação é que, no decorrer dos anos, líamos outros livros nos quais se falava também daquele, e assim, sem perceber, acabamos sabendo o que ele dizia [...]” (ECO, 2014, p. 47).

que não nos definiriam, ou, na verdade, definiriam o oposto do que somos ou do que pensamos sobre um tema.

Se é dito que não devemos julgar um livro pela capa então não devemos julgar pessoas pelos livros em suas bibliotecas, pois “[...] a presença de um livro em uma biblioteca não revela necessariamente as opiniões ideológicas e políticas de seu proprietário.” (ACKERMAN, 2019, p. 38).

Um exemplo notório e autodeclaratório da reflexão acima e do que afirmou Ackerman é o da escritora espanhola Ángeles Caso (1959-) que explicou a razão de ter uma seção dedicada ao nazismo na sua biblioteca domiciliar: “O Terceiro Reich é o melhor exemplo da imagem do mal, da capacidade para o mal. Sempre me preocupou e me inquietou muito, e por isso li tanto sobre esse período.” (CASO, 2016, tradução nossa). Esses livros não denotam, portanto, que ela seja admiradora ou simpatizante do que foi o governo nazista, muito pelo contrário. Na verdade, revelam uma aversão, um certo fascínio (negativo, nesse caso) sobre o tema, tamanho o horror empreendido por aquele regime totalitário. Dada a complexidade existencial dos seres humanos e as artimanhas da própria vida, depreende-se quão caleidoscópica pode revelar-se uma biblioteca pessoal, razão pela qual há que se evitar inferências a partir de um olhar superficial sobre a biblioteca de alguém. A visão deveria ser holística, ou seja, sobre o criador e a criatura, em conjunto.

Ferrer (2016, p. 61) demonstrou interesse em bibliotecas de escritores porque elas “[...] materializam da maneira mais visível possível a interface entre o ato individual de criação e o espaço social em que ele está imerso”. Ele apresentou a ideia da existência de uma biblioteca material, ou seja, os itens impressos pertencidos por um escritor, reunidos no local original ou não, e de uma biblioteca virtual, que são cadernetas, anotações feitas durante as leituras e registradas fora dos livros etc. que formam um conjunto de referências. É evidente que essas duas bibliotecas não são exclusivas de escritores.

É da investigação, preferencialmente simultânea, dessas bibliotecas, que se analisa como ou o quanto uma biblioteca pessoal expressa a relação entre seu proprietário e a projeção intelectual e/ou profissional dele na sociedade. Ackerman (2019, p. 95), por ocasião do estudo da biblioteca de Eisenstein, comentou:

Ao considerar os dados relacionados à sua biblioteca material assim como aqueles relacionados à sua biblioteca virtual e, ao constantemente entrelaçá-los, podemos examinar de perto o processo pelo qual Eisenstein constrói seu pensamento através das suas leituras. Desse modo, recebemos o *status* privilegiado de sermos capazes de assistir e seguir o desdobramento e o florescimento da mente teórica do ‘Leonardo da Vinci russo’.

Seffouh (2012, tradução nossa) revela que outra característica de uma biblioteca particular é a de ser uma parte do nosso infinito particular<sup>15</sup>, também um modo de *fugere urbem* pois

A biblioteca constitui uma ordem espacial tranquilizadora, uma muralha, um envelope protetor, um limite, uma fronteira entre si e os outros. [...] A biblioteca é um espaço de projeção, um mundo particular que nos é consubstancial e no qual nos projetamos e para o qual voltamos. É a ocasião para múltiplas viagens dentro de nosso próprio espaço mental.

Uma dessas experiências introspectivas propiciadas pelo ambiente íntimo e acolhedor que pode transmitir uma biblioteca particular foi aludida por Manguel (2006) ao revelar que, aproveitando a privacidade da sua biblioteca, costuma ler em voz alta para si mesmo com intenção de apropriar-se de um texto. Esse ato soa até como uma espécie de autoacalanto.

### 2.2.3 Elogio às bibliotecas pessoais: o maestro Alberto Manguel

Para orgulho dos sul-americanos, o romancista e ensaísta argentino-canadense, tradutor e editor Alberto Manguel (1948- ) é referência mundial em ensaios sobre livros, leitura e bibliotecas. Dentre sua prolífica produção intelectual acerca desses temas destacam-se *Uma História da Leitura* (1997); *A Biblioteca à noite* (2006); *O leitor como metáfora: o viajante, a torre, e a traça* (2017); e, *Embalando a minha biblioteca: uma elegia e dez divagações* (2018).

Desde a infância, por conta de seu pai ser embaixador, Manguel teve a experiência de viver em diversos países e de se tornar fluente em alguns idiomas. Cavaleiro errante, foi arrebatado por uma antiga construção do século XV num vilarejo pacato no vale do rio Loire, na França, onde decidiu fixar residência e instalar sua biblioteca.

Foi esse contexto que estimulou Manguel a escrever o clássico *A Biblioteca à noite*. A partir do relato sobre a construção da nova biblioteca no vilarejo francês para abrigar a sua coleção composta de mais de 30 mil livros, Manguel descreve a materialização arquitetônica de sua biblioteca e conta detalhes da intimidade existente entre os dois, e então parte para um *tour* histórico-filosófico sobre bibliotecas.

A nova propriedade (fotografia 4) era a oportunidade de Manguel realizar o sonho de ter sua biblioteca, até então dispersa em alguns lugares do mundo onde morou, consolidada:

---

<sup>15</sup> Expressão apropriada da música “Infinito particular”, composta por Arnaldo Antunes, Marisa Monte e Carlinhos Brown.

“Assim que vi o muro e as pedras espalhadas à volta, entendi que aquele era o lugar onde iria construir o aposento que abrigaria meus livros.” (MANGUEL, 2006, p. 17).

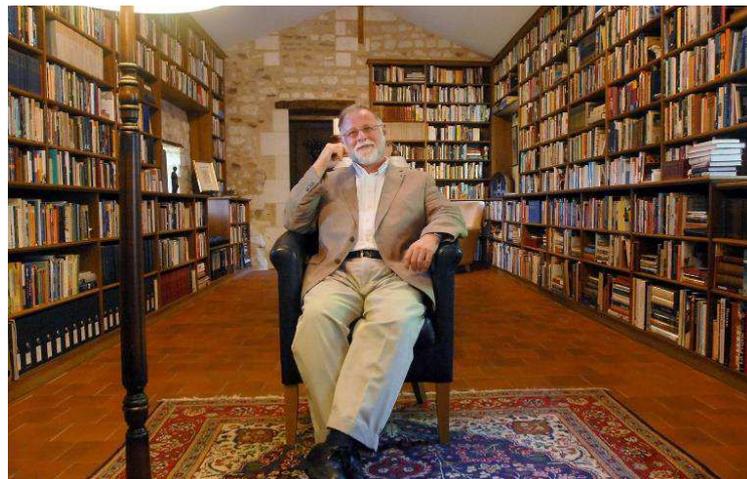
Fotografia 4 — Área externa da propriedade que pertenceu a Manguel no Vale do Loire, França



Fonte: MEZANNOTTI ([2008?])

Ao longo de toda a obra, enquanto percorre, à moda *mangueliana*, isto é, com muita erudição e paixão, o mundo das bibliotecas e dos livros, o ensaísta aproveita para registrar diversas passagens que tratam da sua experiência pessoal na sua biblioteca, ou seja, da relação íntima com sua própria coleção de livros.

Fotografia 5 — Manguel em sua biblioteca



Fonte: MEZANNOTTI ([2008?])

Quase 15 anos depois de viver entre seus livros no antigo celeiro francês, Manguel foi obrigado a se mudar daquela casa que lhe tinha surgido como uma espécie de epifania. Deixar para trás aquela propriedade não seria tão traumatizante se não implicasse desmontar e embalar, mesmo que provisoriamente, sua biblioteca.

Manguel aproveitou o ensejo para escrever seu *Embalando a minha biblioteca: uma elegia e dez divagações*, cujo título é uma referência ao texto *Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador*, de Walter Benjamin, de 1931.

Num processo inverso ao do autor alemão — que relata a retirada de seus livros das caixas e declara “quantas coisas não retornam à memória uma vez nos tenhamos aproximado das montanhas de caixas para delas extrair os livros para a luz do dia, ou melhor, da noite” (BENJAMIN, 1987, p. 234) — Manguel trata do melancólico processo de desmontar sua biblioteca e embalar os próprios livros, a essa altura cerca de 35 mil, para poder realizar a mudança. Essa árdua tarefa, ao contrário da experiência benjaminiana, “é um exercício de esquecimento” (MANGUEL, 2018, p. 36). Seria, na perspectiva de Manguel, mergulhar a si mesmo e seus livros num período de incerteza sem prazo para terminar já que ainda não havia paradeiro para sua biblioteca. Tratava-se de um estado transitório que poderia tornar-se definitivo.

Uma biblioteca, uma coleção no chão, em caixas. A realocação de uma coleção parece corresponder a um espaço que está se desintegrando. Há uma perda de pontos de referência; a ordem aparente parece quebrada, a coleção sem cauda ou cabeça. (SEFFOUH, 2012, tradução nossa)

O ano de 2020, marcado pela pandemia do coronavírus, também selou o destino da biblioteca de Manguel. Após um tempo sendo assediado por algumas instituições ao redor do mundo, o maestro decidiu que a cidade de Lisboa receberá sua biblioteca, doação que se justifica pela intenção de ser criado um Centro de Estudos da História da Leitura<sup>16</sup> na capital portuguesa.

Discutida a origem da biblioteca de museu-casa, entraremos na temática do museu-casa, pois que esse é o continente da biblioteca focalizada nesta pesquisa.

### **2.3 Museu-casa, casa museu<sup>17</sup>: gênero singular, subtipos plurais**

Muitas bibliotecas pessoais ou particulares domiciliares sobreviveram à passagem do tempo e às convulsões socioeconômicas graças à institucionalização, ou seja, foram absorvidas

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://observador.pt/2020/09/12/manguel-assina-doacao-da-sua-biblioteca-a-lisboa-para-criar-centro-da-historia-da-leitura/>. Acesso em: 26 set. 2020.

A biblioteca de Alberto Manguel ocupará o Palacete dos Marqueses de Pombal. Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=5040](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5040).

<sup>17</sup> Sobre o emprego dos termos museu-casa ou casa-museu: “Por exemplo, Portugal utiliza para esta tipologia museal o termo Casa-Museu, enquanto aqui no Brasil é mais usual a referência por Museu-Casa. Em algumas bibliografias, incluindo nomeadamente as norte-americanas e anglo-saxônicas, admite-se a utilização da palavra Casa-Histórica, para a mesma categoria de museu.” (AFONSO, 2015, p. 34).

por instituições públicas ou privadas através de doação ou compra, geralmente adquirindo o *status* de coleções especiais — conjuntos bibliográficos que pertenceram a uma pessoa ou a uma entidade e que usualmente são armazenados em área separada do acervo geral na biblioteca que passou a custodiá-los.

Algumas delas resistiram à ausência permanente dos seus proprietários graças a uma institucionalização específica, a criação de um museu-casa, entendido como um gênero de museu cujo objetivo é celebrar/memorar uma personalidade ou um grupo proeminente por meio dos seus espaços domésticos pelos quais é possível perceber o contexto sociocultural daquele indivíduo ou grupo (PONTE, 2019), tendo sido mantidas, geralmente, em sua integralidade, no lugar original, isto é, na residência transformada em museu-casa.

A missão de uma Casa-Museu pode variar, mas em suma estima-se que preserve o edifício, os bens culturais que abriga, exerça práticas museológicas, entre outros. Não menos importante, mas principalmente caracterizador deste tipo de instituição de guarda: deve manter viva a memória ali contida do seu homenageado. (AFONSO, 2016, p. 42)

A especialista em estudos sobre museus-casa, Linda Young, publicou em 2016 a obra *Historic house museums in the United States and the United Kingdom: a history*. Nela, a pesquisadora afirma que museus-casa, enquanto espaços públicos, suscitam um vínculo identitário com a comunidade em diversas escalas, do nível nacional ao local. Ela sugere que

[...] os museus residenciais sejam estabelecidos para conhecer o caráter heróico de um habitante, para conservar a estética do próprio edifício, para possibilitar o gesto universalizante de coleções particulares expostas na casa; interpretar o significado da história social na esfera doméstica [...] (YOUNG, 2016, p. 2, tradução nossa).

Young (2015, p. 230, tradução nossa) faz a seguinte ponderação:

Se o significado do local é constituído por seu uso doméstico, o objetivo for o de expressar algum aspecto da cultura doméstica, e o sistema de gestão obedece ou visa cumprir padrões profissionais de acesso público, então uma habitação pode ser chamada de museu-casa.

Afonso (2015) e Ponte (2019) reiteram a imprescindibilidade de ações museológicas, “caso contrário será apenas uma casa aberta ao público” (AFONSO, 2015, p. 21).

O gênero museu-casa subdivide-se em tipos conforme critérios interpretativos que podem ser atribuídos a eles; todavia não há um sistema de classificação único para essa categoria museal. Afonso (2015) analisou as categorizações estabelecidas por especialistas oriundos de realidades sócio-culturais diversas, razão pela qual há uma pluralidade de rótulos e divisões nos quais classificar museus-casas.

A publicação *Museus-casas históricas no Brasil*, organizada por Ana Cristina Carvalho, além de consistir numa espécie de guia sobre museus-casa no país, separados por regiões, classifica cada um deles a partir da categorização estabelecida pelo Comitê Internacional para Museus Casas Históricas do Conselho Internacional de Museus, o ICOM-Demhist, porém com algumas alterações feitas pela organizadora: casas de personalidade, de colecionador, de arquitetura destacada<sup>18</sup>, de eventos históricos, de sociedade local, ancestral, de poder, de caráter religioso<sup>19</sup>, casas rurais e de arquitetura destacada vernacular<sup>20</sup> (CARVALHO, 2013). Nessa publicação o MCRB é indicado como casa de personalidade, categoria que abrange casas de escritores, artistas, músicos, políticos, heróis militares, etc. (DEMHIST, 2007, tradução nossa).

Afonso (2015) propôs uma nova categoria como contribuição para o processo de classificação dos museus-casas ou casas-museus denominada por ela Museu-Casa de Memória Íntima ou Casa-Museu de Memória Íntima, consideradas assim aquelas instituições

que tenham como objetivo principal a preservação da memória de um personagem de destaque para uma sociedade, através **da manutenção de um espaço de vivência cotidiana e de intimidade familiar**, ou a reconstrução destes locais. Admite-se também nesta categoria os locais que abrigam gerações da mesma família, prestigiando o legado dos seus primeiros habitantes. Nesta categoria **a expografia necessita estar alicerçada em objetos cotidianos e de cunho pessoal**, que auxiliem na reconstrução das memórias do personagem que ali se homenageia (patrono ou patronesse). (AFONSO, 2015, p. 73, grifo nosso)

Desse modo o MCRB foi enquadrado também nessa categoria — de fato esse museu-casa preserva a memória do patrono “através da exposição de objetos de cunho pessoal e da manutenção de um exemplo de vivência íntima” (AFONSO, 2015, p. 12) — além de se manter como representante da tipologia casa de personalidade.

Quanto à forma, incluem-se apartamentos no gênero museu-casa. Se o Brasil carece de exemplos, a Rússia, por outro lado, possui diversos apartamentos onde residiram, mesmo que por curto período, personalidades da sua história social, política e cultural e que foram convertidos em apartamento-museu: aquele onde viveu os últimos 4 meses de vida o poeta Alexander Pushkin (1799-1837)<sup>21</sup> antes de ser assassinado, ou o que pertenceu ao casal formado pelo político Mark Elizarov (1863-1919)<sup>22</sup> e Anna Ulyanova (1864-1935), irmã mais velha de

---

<sup>18</sup> Casa de beleza segundo o DEMHIST.

<sup>19</sup> Casa clerical segundo o DEMHIST.

<sup>20</sup> Casa humilde segundo o DEMHIST.

<sup>21</sup> The Pushkin Apartment Museum. Disponível em: <http://www.museumpushkin.ru/eng>.

<sup>22</sup> Elizarov Apartment Museum. Disponível em: <http://www.museum.ru/M176>.

Lenin. Essa residência também foi moradia do líder comunista durante a maior parte do período que compreendeu a Revolução Russa. Ambas as propriedades estão localizadas em São Petersburgo.

Outros exemplos europeus são os apartamentos em Zagreb, Croácia; do arquiteto Viktor Kovačić (1874 – 1924)<sup>23</sup> e o de Marija Jurić Zagorka (1873–1957)<sup>24</sup> — escritora, jornalista e ativista pelos direitos das mulheres —; e o alugado durante 16 anos pelo escritor francês Victor Hugo (1802-1885)<sup>25</sup> na Place des Voges em Paris. Até mesmo em Baku, capital do Azerbaijão, há um apartamento-museu dedicado ao escritor azerbaijano Abdullah Shaig (1881-1959)<sup>26</sup>.

## 2.4 As primeiras bibliotecas de museu-casa

De acordo com Young (2016), a propriedade do escritor Walter Scott (1771-1832), denominada Abbotsford<sup>27</sup>, em Melrose, Escócia, e a do arquiteto Sir John Soane (1753-1837) em Londres, atual Sir John Soane's Museum<sup>28</sup>, foram as primeiras a serem tornadas museus-casa.

Ainda, segundo Young (2016), a de Scott, curiosamente, teve sua biblioteca (Fotografia 6) aberta à visita cerca de cinco meses após o falecimento do escritor e antes que fossem franqueados os demais cômodos ao público. Embora a musealização da casa só tenha sido efetivada anos depois, essa biblioteca então pode ser considerada a primeira biblioteca de museu-casa, tema desta pesquisa.

---

<sup>23</sup> Architect Viktor Kovačić Apartment . Disponível em: [https://www.inyourpocket.com/zagreb/architect-viktor-kovacic-apartment\\_4012v](https://www.inyourpocket.com/zagreb/architect-viktor-kovacic-apartment_4012v).

<sup>24</sup> Stan Marije Jurić Zagorka. Disponível em: <http://zagorka.net/stan-marije-juric-zagorka/>.

<sup>25</sup> Maison de Victor Hugo. Disponível em: <https://www.maisonsvictorhugo.paris.fr/fr/musee-collections/visite-de-lappartement>.

<sup>26</sup> House Museum of Abdulla Shaig. Disponível em: <http://abdullashaig.az/en/>.

<sup>27</sup> Abbotsford: the home of Sir Walter Scott. Disponível em: <https://www.scottsabbotsford.com/>.

<sup>28</sup> Sir John Soane's Museum. Disponível em: <https://www.soane.org/>.

Fotografia 6 — Biblioteca de Sir Walter Scott



Fonte: Abbotsford (S.d.)

A respeito da residência de Soane, a casa em si já era repleta de coleções de antiguidades, de esculturas, de pinturas, de desenhos e modelos arquitetônicos e de mobiliário decorativo. Um grande gabinete de curiosidades<sup>29</sup>.

Iniciativa do próprio arquiteto, que desejava legar esse microuniverso à nação, Soane negociou com o Parlamento britânico quatro anos antes de seu falecimento uma lei “para preservar sua casa e coleção, exatamente como estavam dispostas na época de sua morte, para sempre – e mantê-la aberta e livre para inspiração e educação.” (SIR JOHN SOANE’S MUSEUM, [2019], tradução nossa).

A biblioteca dele (Figura 3 e Fotografia 7) foi mantida no ambiente original e

[...] consiste em pouco mais de 6.000 títulos e é a única biblioteca profissional sobrevivente de um arquiteto no início do século XIX. Considerado o pai da profissão de arquiteto na Grã-Bretanha no final de sua vida, Soane foi professor de arquitetura na Royal Academy e, em certa medida, desenvolveu suas coleções como uma ferramenta de ensino para estudantes de arquitetura, incluindo os jovens em seu próprio escritório. (SIR JOHN SOANE’S MUSEUM, [s.d.], tradução nossa)

---

<sup>29</sup> “Organizados por eruditos, apotecários, naturalistas, botânicos, médicos, profissionais liberais de todos os matizes e príncipes europeus, interessados pela ciência e pela arte, os gabinetes de curiosidades eram originariamente locais de estudos, periodicamente abertos para que o público conhecesse e apreciasse uma profusão de itens criados por Deus e pelo homem. Uma nomenclatura latina organizava tudo o que fosse da lavra de Deus como *naturalia* – plantas, sementes, insetos, minerais, fósseis, conchas, animais empalhados, cascas, ór-gãos conservados em frascos, e exótica - plantas e animais exóticos. O que era da lavra do homem era ordenado como *artificialia* – obras de arte, antiguidades, artefatos, objetos etnográficos, e *científica* - instrumentos científicos, autômatos, etc.” (FARES, 2016, p. 17).

Figura 3 — Desenho aquarelado da biblioteca de Sir John Soane



Fonte: Richardson (1832-33)

Fotografia 7 — Vista da lareira da Biblioteca-Sala de Jantar do Sir John Soane's Museum



Fonte: Gardner ([2019])

Pertence ao MCRB o título de primeiro museu-casa público do país<sup>30</sup>. Foi aberto para a sociedade em 1930, seis anos após o governo brasileiro ter comprado a propriedade com o plano de ser fundado um museu-biblioteca, justificado pela aquisição também do frondoso acervo bibliográfico do patrono.

Duas teses específicas sobre bibliotecas de museus-casa foram de suma importância para esta pesquisa, embora resultantes de investigação na área de estudos museológicos. A primeira, intitulada *One for the Books: A Case Study of the Interpretation of Personal Libraries in Historic House Museums*, de Casey M. Schumacher. Na pesquisa foram analisadas três propriedades relacionadas a ex-presidentes dos Estados Unidos, Thomas Jefferson<sup>31</sup> (cuja antiga residência é patrimônio mundial), James Madison<sup>32</sup> e George Washington<sup>33</sup>, a partir do

<sup>30</sup> O Museu Mariano Procópio em Juiz de Fora, MG, foi fundado em 1915 por iniciativa privada.

<sup>31</sup> Monticello. Disponível em: <https://www.monticello.org/>.

<sup>32</sup> Montpelier. Disponível em: <https://www.montpelier.org/>.

<sup>33</sup> Mount Vernon. Disponível em: <https://www.mountvernon.org/>.

pressuposto de que a relevância histórica em comum desses personagens — líderes políticos diretamente ligados ao movimento de independência dos Estados Unidos, denominados Pais Fundadores —, implicaria uma análise similar sobre as suas bibliotecas pessoais.

Assim, o pesquisador empreendeu “um estudo cuidadoso das bibliotecas desses três homens individualmente, incluindo projeto arquitetônico, escopo, conteúdo e objetivo” (SCHUMACHER, 2016, p. 3, tradução nossa). A pesquisa mostrou a importância das bibliotecas para o desenvolvimento desses personagens históricos e revelou que “as principais diferenças temáticas e de missão dessas três bibliotecas devem ofuscar todas as evidências das semelhanças entre elas” (SCHUMACHER, 2016, p. 150, tradução nossa).

A segunda, *Rediscovering the Private Library: The National Trust of Great Britain and the Campaign to Expand the Role of Library Collections in Historic House Museums*, de Heidi Hutchins Stokes. Elaborada a hipótese de pesquisa de que bibliotecas particulares são estratégicas na formação de museus-casas, a pesquisa examinou a história e a evolução de bibliotecas particulares em casas históricas no Reino Unido até a institucionalização delas.

O movimento de transformação da biblioteca pessoal de uma casa em biblioteca de museu-casa pode não acontecer por uma via reta, curta e de mão única. O acervo bibliográfico original da casa de alguém pode percorrer caminhos tortuosos antes de retornar à origem, até fazer morada no museu que outrora foi sua casa. Em Lenox, no estado de Massachusetts, Estados Unidos, está localizada a propriedade denominada *The Mount*<sup>34</sup>, projetada e construída pela escritora estadunidense Edith Wharton (1862-1937), autora do clássico *A época da inocência*. Além de museu-casa, a instituição é um grande centro cultural.

Nela está armazenada a biblioteca que pertenceu à própria Wharton, ou melhor, o que restou da coleção cuja trajetória foi conturbada depois do falecimento da sua ilustre proprietária, em 1937. De acordo com Stokes (2008) e Liming, (2020), Wharton legou a biblioteca de 4 mil livros para o amigo William Tyler e para o afilhado dela, Colin Clark, então com 5 anos. Tyler residia em Londres, para onde foi enviada sua parte da herança, pouco mais da metade da coleção. Armazenada em um depósito, foi perdida em decorrência dos bombardeios que a cidade sofreu na Segunda Guerra Mundial, durante as investidas do exército alemão sobre a Inglaterra, série de ataques que ficou conhecida como *Blitz*.

Do que coube a Clark, parte foi mantida com a família dele, alguns exemplares entregues como presentes a conhecidos e, outra porção, vendida no início da década de 80 para um

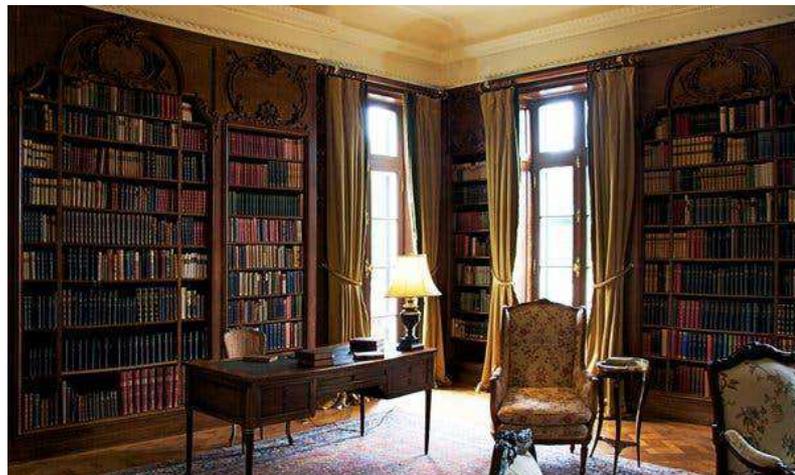
---

<sup>34</sup> The Mount. Edith Wharton's home. Disponível em: <https://www.edithwharton.org/>.

alfarrabista. Este, por sua vez, leiloou o conjunto no todo, tendo sido adquirido por George Ramsden, também um negociante de livros usados. Ciente de que havia livros dispersos que pertenceram a Wharton, empreendeu por cerca de 15 anos esforços para captá-los.

Finalmente, em 2005, depois de negociações, The Mount<sup>35</sup> (vendida por Wharton em 1911 e comprada pela fundação Edith Warthon Restoration na década de 90), pagou a Ramsden 2,6 milhões de dólares pela coleção, e assim o que restou da biblioteca de Wharton foi realocado na antiga propriedade da escritora quase um século após a casa ter sido vendida por ela.

Fotografia 8 — Biblioteca de Edith Warthon em The Mount



Fonte: Arthur (2012)

## 2.5 Bibliotecas: lugares de registros memoriais e para memoração

O conceito de memória não é unívoco. Trata-se de tema estudado em diversas áreas do conhecimento. Transdisciplinar. A imagem por meio da qual podemos tentar representar a memória quando pensamos no contexto das Ciências Sociais ou Humanas é a de um mosaico ou a de uma colcha de retalhos (imaginados no Desenho 1), tecida com reflexões e discursos de filósofos, historiadores, sociólogos, psicólogos, cientistas da informação, escritores.

---

<sup>35</sup> Nessa casa histórica que foi convertida em museu apenas a biblioteca é o cômodo que possui objetos pessoais de Edith Wharton (LIMING, 2020).

Desenho 1 — Representação da complexidade do campo da memória<sup>36</sup>

Fonte: elaborado pela autora (2021)

O sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945) discutiu a memória como um fenômeno social, manifestado pelas dimensões individual e coletiva. Segundo ele, a memória individual não é encerrada em si mesma. Não é estática e nem inerte perante o meio. Ainda que referente a um indivíduo, ela se constrói também por exogenia. Nas palavras dele:

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. (HALBWACHS, 1990, p. 54)

Dodebei e Gouveia (2008) frisam essa característica própria da lembrança individual, a de uma interrelação com o meio. Tanto a manifestação dela quanto nossa percepção racional sobre ela, uma vez manifestada, não são incólumes, pois “[...] acionaremos códigos que são sociais, códigos culturais que regem nossa racionalidade, nossa inteligência.” (DODEBEI, GOUVEIA, 2008, p. [5]). A existência de memórias individuais pressupõe a de memória coletiva, na qual as primeiras se ancoram. A memória individual e a coletiva são dimensões da memória e todos participamos de ambas (HALBWACHS, 1990).

Para o semiólogo e escritor italiano Umberto Eco (1932-2016) a memória coletiva é identidade cultural, logo, memória coletiva é cultura. De acordo com ele, a biblioteca é símbolo e realidade da memória coletiva (ECO, 2014; 2015).

Outro sociólogo francês, Gérard Namer (1928-2010) abordou, a partir do conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs, a questão da memória cultural, sob duas vertentes: as instituições de memórias culturais e as práticas de memórias culturais (NAMER, 1987).

<sup>36</sup> Nessa figura a pesquisadora não pretendeu ser exaustiva na menção aos autores que já refletiram a respeito da memória sob os mais diversos vieses nas Ciências Humanas e Sociais bem como não foi intenção estabelecer distinção entre, como indicou Abreu (2005), os autores clássicos e os autores que contribuíram pontualmente, e, ainda, os pesquisadores do campo da memória social.

Assim, bibliotecas são um tipo de instituição de memórias culturais, lugares onde se forma, pela reunião de memórias culturais, o que ele chama de memória social virtual. A fruição dessa memória se dá por meio das tais práticas de memórias culturais. No contexto das bibliotecas essa virtualidade da memória se materializa pela leitura

Esses livros foram escritos para que os leitores os lessem um dia ou outro. Há, encerrado nessas páginas, um desejo de que nos lembremos do que está escrito ali: há uma memória-mensagem, essa memória é virtual; só se torna real agora; porque leio, ouço o conteúdo e a forma do que está aí escrito. [...] Daqui a pouco, quando o livro for fechado e recolocado no lugar, essa memória se tornará virtual novamente. (NAMER, 1987, p. 74, tradução nossa).

De acordo com Dodebei (2015), um dos processos de memorização, ou seja, de produção de memórias, é por meio da acumulação. Conscientes da limitação da nossa própria capacidade mnemônica, criamos, ao longo da história, dispositivos auxiliares das nossas memórias individuais considerados, assim, memórias artificiais.

Esses “meios de armazenamento externos [...] fundamentam e flanqueiam a memória cultural como suporte material dela [...]” (ASSMAN, A., 2011, p. 24). Isso implica que a memória cultural

[...] é exteriorizada, objetivada e armazenada em formas simbólicas que, diferentemente dos sons de palavras ou da visão de gestos, são estáveis e transcendentem à situação: elas podem ser transferidas de uma situação a outra e transmitidas de uma geração a outra. (ASSMAN, J., 2016, p. 118).

Os acervos de bibliotecas, assim como os de outras instituições de memória, resultam da acumulação das tais memórias artificiais ou exomemórias, formadas de registros memoriais.

O desejo de perpetuar a memória, acrescido da reprodutibilidade técnica com a conseqüente criação dos acervos, fez com que a sociedade produzisse próteses de suas memórias individuais, verdadeiras memórias auxiliares, cada vez mais extensas, diversificadas e até mesmo duplicadas, a exemplo das bibliotecas, dos museus, dos arquivos, dos monumentos históricos, gerando uma ampliação descomunal da capacidade de memória do mundo. (DODEBEI, 2015)

Historicamente, bibliotecas foram criadas como extensão da nossa memória, e por isso os livros são, como apontou Mole (2019, p. 72, tradução nossa), “uma poderosa tecnologia mnemônica”. Cada biblioteca contribui por meio dos seus acervos com a preservação da memória da sociedade.

Quando pensamos na biblioteca de museu-casa sob a perspectiva macro, ou seja, o acervo e o ambiente onde ele está, constatamos que ela repousa em dois campos disciplinares, a Biblioteconomia e a Museologia, preponderantemente caracterizados por instituições de memória e por práticas de memória.

### 2.5.1 Bibliotecas pessoais/particulares/privadas no complexo campo da memória

Ao longo do tempo despertando paixões, as bibliotecas vêm sendo metaforizadas com as mais instigantes imagens. Pires (1949) e Eco (2014) convergiram nas figuras de linguagem e atribuíram às bibliotecas um sentido biológico, caracterizando-as como um meio orgânico, com fisiologia própria. Essa organicidade também foi ilustrada por Prigent (2008, p. 8) que usou a figura “exoesqueleto da vida mental”, tendo o cineasta russo Sergei Eisenstein, em seu livro de memórias, se referido à própria biblioteca como *continuum* do seu cérebro (EISENSTEIN, 1995).

Como nasce uma biblioteca particular? Se a origem não tiver sido uma herança, o nascimento de uma biblioteca em nossa casa é um fenômeno que muitas vezes nem se vê acontecer. Um parto indolor após uma gestação silenciosa.

O problema, sabe-se, é que nunca estamos totalmente conscientes de que estamos fazendo uma biblioteca. Livros vão sendo comprados, aqui e ali ao longo dos anos, ocupam as estantes e acabam, mais cedo ou mais tarde, transbordando; os livros se estendem pelos sofás, ocupam as prateleiras dos móveis e terminam em pilhas pelo chão. (MARCHAMALO, 2016, tradução nossa).

Para Eco (2014)<sup>37</sup> a biblioteca é um repositório vertiginoso de memória. Os livros possuem a sua própria memória individual, aquela que ele denominou vegetal (ECO, 2014). Como qualquer objeto, eles têm o poder de evocar lembranças, de colocar em movimento nossa memória pessoal que, “existe somente em interação constante, não apenas com outras memórias humanas, mas também com ‘coisas’, símbolos externos” (ASSMAN, J., 2016, p. 119). Essa movimentação foi explicada por Dodebei (2015): “se guardamos uma experiência vivida em nossa memória pessoal, esta experiência é sempre da ordem do presente, porque o estado ou a qualidade da memória é o movimento, a constante atualização de informações/lembranças.”

Manguel (2017)<sup>38</sup> utilizou a imagem do palimpsesto como metáfora dessa atualização

[...] E digo memória mas deveria dizer memória da memória da memória. Porque cada vez que recordamos algo que acreditamos lembrar, estamos

---

<sup>37</sup> Recentemente a família de Umberto Eco, falecido em 2016, e o *Ministero dei Beni e delle Attività Culturali e del Turismo* da Itália firmaram acordo para aquisição do acervo pelo governo italiano. A coleção moderna que compreende cerca de 30.000 itens será emprestada por 90 anos para a Universidade de Bolonha e, os livros antigos, perto de 1.200 ficarão com a Biblioteca Nacional Braidense, em Milão. (ITALY..., 2021).

“Essa notícia, ela demonstra, de um lado, a importância desse autor no cenário cultural italiano, o empenho do Estado em fazer com que todo seu legado se mantenha na Itália, afinal, tanto o autor quanto sua produção, mas também a parte material que ele deixou, ou seja, os livros e os documentos, passam a ser considerados como um patrimônio italiano, não apenas como patrimônio particular que poderia ser alienado, inclusive para instituições estrangeiras [...]” (MIDORI, 2021).

<sup>38</sup> Transcrição e tradução feita pela autora a partir de vídeo disponível no YouTube.

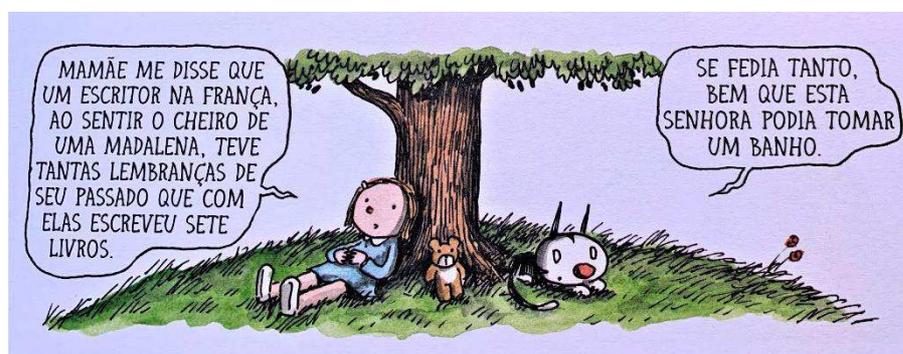
lembrando de uma lembrança que é geralmente a lembrança de uma lembrança. Não sabemos onde começam as lembranças. Então, desse palimpsesto de lembranças nós guardamos algumas como tesouros, e muitos dos quais guardamos, se somos leitores, passam por textos que lemos.

O livro evoca uma recordação autorreferente, ou seja, ao folheá-lo você pode se lembrar de que nele há um determinado trecho que gostaria de citar em um artigo. Apenas correr os olhos pela capa ou passá-los aleatoriamente pelas páginas, mesmo de um livro não lido, pode despertar uma lembrança, mesmo alheia ao livro. Podemos recordar de outras coisas por essa coisa chamada livro como apontou Jan Assman quando afirmou

Com respeito a coisas, tal como a famosa *Madeleine* de Marcel Proust, ou artefatos, objetos, aniversários, festas, ícones, símbolos ou paisagens, o termo “memória” *não é uma metáfora, mas uma metonímia* baseada no contato material entre uma mente que lembra e um objeto que faz lembrar. Coisas não ‘têm’ uma memória própria, mas podem nos lembrar, podem desencadear nossa memória, porque carregam as memórias de que as investimos” (2016, p. 119).

Eco (2014, p. 20) considerou que “à memória que o livro transmite, por assim dizer, de propósito, acrescenta-se a memória da qual emana, enquanto coisa física, o perfume da história de que ele está impregnado”. Livros funcionam como a *madeleine* de Marcel Proust, icônica referência resgatada de forma cômica na ilustração abaixo:

Figura 4 — Cartum da personagem Enriqueta com seu gato Fellini sobre *madeleines* de Proust



Fonte: Liniers (2019, p. 137)

Benjamin (1987 p. 235) descreveu essa experiência do passado no presente provocada pelos seus livros:

Afloram em mil pensamentos diversos do que acabei de relatar. **Não são pensamentos; são imagens, lembranças. Lembranças das cidades nas quais achei tantas coisas [...], lembranças dos recintos onde esses livros ficavam**, da minha toca de estudante em Munique, do meu quarto em Berna, da solidão de Isetwald à margem do lago Brienz, **e por fim do meu quarto de criança [...].**

A conexão intrínseca entre nós e nossos livros, nossa biblioteca, de ordem quase etérea, foi também revelada por Seffouh (2012, tradução nossa), que apontou a presença de subjetividade nessa relação, explicitando assim suas impressões:

Os livros que lemos costumam estar ligados a lugares específicos e particulares. Na quietude do presente, o passado surge lentamente. Os livros que se encontram na biblioteca são tantos motivos e ocasiões de reminiscências, ressurgimentos, memórias. Corresponde à grade mental de um território íntimo e pessoal. É o lugar da memória subjetiva.

Livros também podem portar vestígios memoriais externos, isto é, aqueles registrados neles ou incorporados a eles, conscientemente ou não, por nós mesmos ou ao passarem pelas mãos de outras pessoas. Sobre eles Manguel (2006, p. 23) comentou

Se o livro é de segunda mão, deixo intactas todas as marcas, os rastros de leitores prévios, companheiros de viagem que registraram sua passagem por meio de comentários rabiscados, um nome na página de rosto, um bilhete de ônibus marcando determinada página.

Bilhetes, uma nota de dinheiro, anotações manuscritas à margem, a marca de gordura do dedo ou da gota de café, uma dedicatória, os sublinhados, um carimbo, a folha da árvore deixada entre duas páginas. Alguns sinais, como cicatrizes, outros, marcas de uso e de proveniência, testemunham a trajetória daquele exemplar, compõem a biografia daquele item.

A interlocução entre atores do “ecossistema livresco” (MOLE, 2019, p. 17, tradução nossa) propiciada por um livro pode se manifestar entre leitor/autor, a perspectiva da obra, e/ou leitor/leitor (ou qualquer pessoa que manipulou aquele item e, porventura, deixou um sinal), a perspectiva das marcas. Eco (2014, p. 16) apontou que “a leitura se torna um diálogo, mas um diálogo – e este é o paradoxo do livro – com alguém que não está diante de nós, que desapareceu talvez há séculos, e que está presente só como escrita”. Por conseguinte, a biblioteca também exprime essa capacidade dialógica conforme ponderou Seffouh (2012, tradução nossa) porque “[...] é o lugar da comunicação linguística entre as gerações, uma espécie de traço constitutivo, do fio de Ariane... Não é então a biblioteca um lugar único aberto aos quatro ventos?”

Até mesmo entre atores contemporâneos esse diálogo pode acontecer, pois nem toda marca deixada num livro veio, necessariamente, de um passado longínquo. Mole (2019) relatou ter emprestado um livro para um professor e, quando o recebeu o exemplar de volta, constatou que às suas próprias anotações o professor tinha adicionado outras, estabelecendo uma discussão intelectual escrita que envolvia ele (o professor), o autor e o dono do exemplar. Segundo Mole (2019), o debate sobre o livro no próprio livro extrapolou o objeto e continuou presencialmente.

Afirma Luis Landero que as bibliotecas estão cheias de corredores e passagens secretas que se comunicam com outras bibliotecas: com as de amigos, inimigos, conhecidos, mas também com a de Ariada Gil ou Galdós, e é comovente imaginar que o mesmo que estamos lendo já leram antes, Kafka, por que não Chéjov ou Karen Blixen. Os livros, no fundo, constituem um território comum, são as fronteiras declaradas do país imaginário em que nos movemos. (MARCHAMALO, 2017, tradução nossa)

As bibliotecas que mantemos em nossas casas são elos de uma rede multidimensional formada por todas as bibliotecas existentes, também pelas que deixaram de existir e as que estão por vir. Nessa rede se sobrepõem e coexistem memórias artificiais, memórias culturais, memórias vegetais, memória social virtual, memórias individuais, memórias externas aos livros, memória da memória da memória....

### 2.5.2 Bibliotecas de museus-casas: aspectos memoriais

O museu-casa ou casa-museu desperta grande interesse no público porque proporciona ao visitante uma experiência holística (SCHUMACHER, 2016) e, pela abordagem de Aleida Assman, “também são ‘mediadores entre passado e presente’; também podemos dizer: são mídias da memória; apontam para um passado invisível e preservam o contato com ele” (2006, p. 352).

A casa histórica que é convertida em museu desperta sentimentos e memórias nos visitantes mais do que qualquer outro tipo de museu. Ela tem uma “atmosfera” especial que leva os visitantes de volta para outros tempos e faz eles se perguntarem que outras pessoas transitaram por aqueles mesmos espaços pelos quais eles estão passando (GORGAS, 2001, p. 10, tradução nossa).

Essa “atmosfera especial” é uma característica que pode ser entendida sob a perspectiva de Assman (2006, p. 360) que, ancorada na ideia de aura — do filósofo Walter Benjamin —, comentou a respeito dos locais da recordação:

[...] um local dotado de aura não traz promessa de algo imediato; mais que isso, é um local em que se podem perceber sensorialmente o afastamento e a distância irrecuperável do passado. O local da recordação é de fato uma ‘tecitura incomum de espaço e tempo’, que entretece presença e ausência, presente sensorial e o passado histórico.

No contexto dos museus-casas, para memorar um personagem notadamente reconhecido pela biblioteca particular formada em sua casa e pela sua relação com o acervo

A biblioteca apresenta um lugar ideal, onde o cenário e a coleção têm uma relação simbiótica, e, mais que qualquer outro ambiente, onde se transmitem as particularidades do proprietário. (STOKES, 2008, p. 42, tradução nossa)

A intenção de musealizar uma casa denota um desejo de memória. Nesse sentido, o entendimento amplo sobre o conceito de lugares de memória (*lieux de mémoire*), cunhado pelo historiador francês Pierre Nora (1931- ), se encaixa na criação de um museu-casa, já que lugares de memória são criados pela sociedade diante da necessidade de se terem recursos intencionais de memória, lugares pelos quais ela se torne permanente e, desse modo, “um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado das coisas [...]” (NORA, 1993, p. 22).

Museus-casas têm essa vocação na medida em que materializam a intenção de se cristalizar determinado espaço social ou familiar.

A casa museu é um lugar de memória que se mantém como local onde o personagem<sup>26</sup> está representado, através de um cenário montado. Com sua arquitetura, seus espaços, seus móveis e objetos, diz no visível suas invisíveis identidades, a identidade de seu proprietário e dos fragmentos do passado, símbolos de um determinado modo de vida. (SCARPELINE, 2020, p. 31)

Biblioteca e museu são instituições de memória. Uma biblioteca de museu-casa remete às *matrioskas*, as bonecas tradicionais da Rússia, posto que temos uma coleção<sup>39</sup> dentro de outra. Ainda que essa biblioteca seja parte de um lugar de memória, um conjunto simbólico maior que ela, ela mesma também é um lugar de memória.

Ponte (2017) apresenta a imagem de museus-casa como teatros da memória, porque são representações da vida cotidiana íntima de alguém. Entretanto, a teatralização é resultado do trabalho dos museólogos, quando estão ela se manifesta de fato, diante de espectadores — os visitantes do museu —, assim como um texto depende do leitor para ganhar vida. Afonso (2015, p. 18) explanou que

Mesmo que por experiências próprias aquele arquétipo de lar não tenha nenhuma coincidência com a situação real do indivíduo, o visitante é posto a imaginar, ainda que apenas no decorrer do tempo de visitação, como seria morar naquele espaço e de que maneira aqueles cômodos foram utilizados.

A biblioteca é um monumento vivo segundo Manguel (2017), para quem um monumento deveria, além de recordar algo, nos fazer recordar de algo. Em referência à Sala dedicada ao professor Joaquim de Carvalho — onde foi instalada, após sua morte, a biblioteca que mantinha em casa — na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Dias (2018, p. 66) fez a seguinte consideração

---

<sup>39</sup> O uso do termo coleção foi empregado com a intenção de exprimir a ideia de conjunto. Não se pretende abordar o tema do colecionismo ou discutir conceitualmente coleção.

O quadro, a estátua, os livros e impressos compõem o ‘monumento’, entendido, desde as suas origens filológicas, ‘como tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação’ (Le Goff, 1984: 95). Também por isso, cada livro pode ser visto como um documento não isolado do ‘monumento’ de que faz parte

A preservação da biblioteca do MCRB faz dela um monumento vivo. Ela vem cumprindo o papel de memorar o personagem Rui Barbosa e tem sido um meio de nos recordarmos dele. Rangel (2015, p. 102, grifo nosso) analisou que

No discurso de inauguração da instituição, proferido pelo sr. Antonio Batista Pereira, fica explícito que o desejo do ilustre morto estava sendo realizado. A marca deixada pela presença humana, aludida por Arendt, parece ter sido definida e articulada pelo jurista: o criador (Rui Barbosa) vislumbrou a criatura (museu-casa) que possibilitasse tornar seus vestígios imorredouros. **Era, de fato, seu desejo que a marca, por ele deixada, pelo trânsito na terra fosse a ferramenta de trabalho que o distinguiu em vida: o conhecimento que ele creditava as horas de estudo e consulta aos livros de sua biblioteca.**

Além disso, a vitalidade dessa biblioteca se mantém porque os livros não se tornaram objetos de museu<sup>40</sup>. Há um caráter híbrido nesse acervo: ora estático, compondo o cenário museológico, ora dinâmico, pela circulação das obras para serem consultadas no prédio anexo, o que torna temporária e visualmente incompleto aquele cenário. A disponibilidade do acervo que pertenceu a Rui Barbosa alimenta um círculo virtuoso memorial: quanto mais se pesquisa a biblioteca dele, quanto mais ela é fonte para estudos sobre o próprio Rui, maior a memoração desse personagem.

É preciso, porém, que esses livros não se petrifiquem num museu, como objetos de simples curiosidade, entre camisas e sapatos velhos. Preservemos a Casa de Rui Barbosa para memória do seu glorioso patrono. Mas a seu lado, sem mistura com o que nos coube daquele que a criou, acrescentemos aquilo que os tempos novos nos forem revelando. Aproveitemos o excelente fundo de livros de erudição humanística que aqui se encontra melhor talvez que em outra parte qualquer da nossa terra, para, ao menos nisto, lhe darmos atualidade. (PIRES, 1949, p. 53)

Na obra de ficção “Museu do Silêncio”<sup>41</sup> escrita por Yoko Ogawa, uma senhora excêntrica de uma pequena vila tem o desejo de criar um museu peculiar, um lugar onde se guardassem objetos significativos que tenham pertencido a cada morto da vila. Ela contrata um

---

<sup>40</sup> “Os objetos no museu são desfuncionalizados e ‘descontextualizados, o que significa que eles não servem mais ao que eram destinados antes, mas que entraram na ordem do simbólico que lhes confere uma nova significação (o que conduziu Krzysztof Pomian a chamar esses ‘portadores de significado’ de *semióforos*) e a lhes atribuir um novo valor – que é, primeiramente, puramente museal, mas que pode vir a possuir valor econômico. Tornam-se, assim, testemunhos (con)sagrados da cultura.” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 70).

<sup>41</sup> Ver <https://www.estacaliberdade.com.br/livraria/museu-do-silencio>

museólogo e o incumbe de coletar sorrateiramente apenas um objeto representativo de uma pessoa, que podemos interpretar como um “objeto-monumento”, que comporia com os demais objetos-monumentos recolhidos, o Museu do Silêncio.

Se Rui Barbosa fosse um personagem dessa história não poderia ser toda sua biblioteca destinada ao tal museu quando ele morresse. Apenas um item dela poderia integrar tal museu. Que objeto-monumento poderia ser selecionado do seu acervo bibliográfico para representar seu antigo proprietário?

## 2.6 Biblioteca de museu-casa: heterotopia?

Em 1967 o filósofo Michel Foucault divulgou o conceito de heterotopias, entendido por “espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis. Por serem absolutamente outros quanto a todas as alocações que eles refletem e sobre as quais falam, denominarei tais lugares, por oposição às utopias, de heterotopias” (FOUCAULT, 2013, p. 116)<sup>42</sup>.

Na noção foucaultiana, museus e bibliotecas são espaços heterotópicos relacionados à acumulação do tempo pois

[...] a ideia de tudo acumular, a ideia de constituir uma espécie de arquivo geral, a vontade de encerrar em um lugar todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos; a ideia de constituir um lugar de todos os tempos, que seja ele mesmo fora do tempo, e inacessível a sua corrosão; o projeto de organizar, assim, uma espécie de acumulação perpétua e indefinida do tempo em um lugar que não se moveria: enfim, tudo isso pertence a nossa modernidade. O museu e a biblioteca são heterotopias próprias da cultura ocidental do século XIX. (FOUCAULT, 2013, p. 119)

Entende-se que alguns museus e bibliotecas ainda sejam heterotopias, posto que Foucault se referiu a eles como fenômeno de dois séculos atrás. A partir desse conceito, Radford, Radford e Lingel (2015, p. 744, tradução nossa) articularam a relação entre lugar (a biblioteca) e a experiência nesse lugar, afirmando que a serendipidade é “o mecanismo através do qual opera a heterotopia” (p. 744, tradução nossa). Entretanto, a experiência que emana da serendipidade depende da possibilidade da serendipidade se manifestar. A experiência mental e até sensorial do prazer da descoberta, de encontrar o inesperado, só ocorre plenamente por meio do contato físico direto com estantes de livros, de se retirar um livro do lugar e folheá-lo,

---

<sup>42</sup> O conceito foi apresentado por Foucault numa conferência em 1967 e publicado 20 anos mais tarde. A tradução para o português é de 2013.

por uma lombada que chama a nossa atenção, seja pela sua diagramação, seja por um título curioso ou atraente.

Se, de acordo com esses autores, a serendipidade é a engrenagem da heterotopia, então flunar pela biblioteca e tocá-la seriam as condições *sine qua non* para manifestar o fenômeno da serendipidade. Retomando a noção exposta anteriormente — de toda biblioteca compreender também uma antibiblioteca —, nossas bibliotecas particulares são fontes para o acaso até mesmo para nós e, em maior escala, para os outros.

Na realidade da biblioteca de museu-casa, se as estantes não puderem ser exploradas por meio do acesso direto a elas e os livros não puderem ser manuseados *in loco*, à mercê da curiosidade, tem-se a impressão de que não se manifesta e não se experimenta a serendipidade plenamente. Ver sem tocar não é o suficiente quando se trata da experiência de um indivíduo em uma biblioteca de museu-casa? Diante dessa reflexão surge a pergunta: a biblioteca de museu-casa, lugar onde se acumula o tempo num espaço imóvel, ou relativamente imóvel, deixaria de ser uma heterotopia ou é um local menos heterotópico em função dessas limitações?

Considerou-se pertinente abordar o conceito de heterotopia por Michel Foucault, sobretudo a questão da serendipidade, para a reflexão sobre a biblioteca de museu-casa.

Esse capítulo discutiu como se configura uma biblioteca de museu-casa. Para tanto apontou, inicialmente, a diferença entre essa biblioteca e uma biblioteca de museu. Explorou algumas definições para biblioteca pessoal, particular e privada a fim de relacionar essas denominações à origem da biblioteca de museu-casa. Apresentou o tipo museu-casa e indicou, segundo a literatura da área, as primeiras bibliotecas de museus-casas.

Recorreu ao campo da Memória Social para relacionar bibliotecas a processos memoriais, bem como a biblioteca de museu-casa como lugar de memória e para memoração e trouxe a reflexão sobre o conceito foucaultiano de heterotopia.

Essas abordagens buscaram pavimentar o percurso para trazer à análise, no próximo capítulo, a *Bibliotheca* do Rui Barbosa, isto é, a biblioteca particular de Rui em sua residência, antes de ser vendida para o governo brasileiro pela família. Essa biblioteca será analisada principalmente à luz do conceito de lugares de saber.

### 3 A *BIBLIOTHECA*<sup>43</sup> DO RUI BARBOSA: A BIBLIOTECA DA CASA

Reverenciada em prosas, ensaios jornalísticos e textos acadêmicos, sabemos que a biblioteca reunida por Rui Barbosa instigou o imaginário nos tempos do Rui e além dele.

Graças a essas fontes, a maioria composta de textos de contemporâneos de Rui como Rodrigues ([1930?]), Costa (1949), Pereira (1924) e Pires (1949) foi possível conhecermos um pouco da dinâmica entre Rui, seus livros e os espaços que esses ocupavam na casa que virou museu, uma biblioteca que esteve sob a égide do seu proprietário e em função dele até quase um século atrás.

Ao longo dos anos somaram-se autores que trouxeram outras contribuições relevantes, tais como: Lacombe (1984), Ferreira (2008a; 2008b) e Magalhães (2013).

Alguns estudos mais específicos sobre a biblioteca de Rui Barbosa foram conduzidos na área da Conservação e Restauração, por exemplo, sobre as estruturas das encadernações dos livros do século XIX na coleção do Rui Barbosa (GONÇALVES, 2008).

Por meio da investigação sobre essa biblioteca pretendeu-se ilustrar parte da reflexão acerca da biblioteca de museu-casa, relacionando os conceitos previamente apresentados de bibliotecas pessoais como tecnologia de autodesenvolvimento e de lugares de saber para a *Bibliotheca* do Rui.

#### 3.1 De *biblioteca práctica* a *biblioteca museo*

Infantes (1997) propôs uma classificação para as bibliotecas da Época Moderna, especialmente para as dos séculos XVI a XVII, a partir da análise da quantidade de registros identificados em inventários, conforme visualizado abaixo:

Quadro 5 — Classificação das bibliotecas dos séc. XVI-XVII por Victor Infantes

Até 15 registros	Até 60 registros	Entre 50 e 300 registros	Mais de 300 registros
<i>Biblioteca práctica</i>	<i>Biblioteca profesional</i>	<i>Biblioteca patrimonial</i>	<i>Biblioteca museo</i>
O livro conservado como um bem básico. Despertar do sentimento de propriedade pessoal	O livro como instrumento profissional do seu proprietário	A formação da biblioteca por herança, pelo poder aquisitivo do proprietário ou por colecionismo	O livro representa um sinal de riqueza

Fonte: PROVENZANO (2020)

<sup>43</sup> A grafia seguiu a ortografia da língua portuguesa vigente antes da Reforma Ortográfica ocorrida em 12 de agosto de 1943, que aboliu o *h* depois de *t*. A adoção da ortografia *rêtro* foi para aludir à biblioteca que Rui manteve até seu falecimento, ou seja, a biblioteca particular domiciliar dele, enquanto sua propriedade, na residência que foi transformada em museu-casa.

Embora a biblioteca que Rui Barbosa formou ao longo da vida seja dos meados do século XIX para a passagem do século XX, e observadas as circunstâncias editoriais e intelectuais da sua época em relação aos séculos a partir do que foi proposta tal classificação, podemos reinterpretar essas categorias, desconsiderando o critério de quantidade de itens, como expressão da evolução da biblioteca de Rui até transformar-se, efetivamente, por ação do Estado, em parte de um museu-biblioteca.

Antes de escrever sobre a criatura faz-se necessário apresentar seu criador: Rui Barbosa, filho de João José Barbosa de Oliveira e Maria Adélia Barbosa de Almeida. Nascido a 5 de novembro de 1849 na cidade de Salvador, Bahia, e falecido em Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 1º de março de 1923. Casou-se com Maria Augusta Viana Bandeira em 1876 e com ela teve cinco filhos: Maria Adélia, Alfredo, Francisca, João e Maria Luisa.

Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1870, sua carreira não ficou restrita à área jurídica, na qual se sobressaiu como advogado e jurista. A atuação profissional de Rui Barbosa foi polivalente. Escreveu textos para a imprensa, foi deputado provincial e também geral, cumpriu cinco mandatos como senador, foi Ministro da Fazenda, concorreu à Presidência da República e atuou como diplomata, tendo representado o Brasil na Segunda Conferência da Paz de Haia, na Holanda, em 1907.

Foi na infância que Rui, alfabetizado aos cinco anos, começou a forjar sua cultura leitora.

Desde a mais tenra idade, Rui Barbosa vai acumulando saber por influências paterna e da leitura sistemática dos clássicos latinos e portugueses. [...] É o pai, João José Barbosa de Oliveira, político liberal, orador e homem de letras, quem lega ao filho uma formação intelectual e moral de austeridade e justiça, transformando-o num humanista. (MELO, 2000, p. 234)

Consta que a biblioteca particular formada pelo pai tivesse pouco mais de duzentos volumes quando da sua morte (PIRES, 1949). Rui teria se arvorado a estudar, ainda jovem, até mesmo os livros de medicina pertencentes ao pai, que era médico. João José trabalhou como bibliotecário<sup>44</sup> na Sociedade Bibliotheca Classica da Lingua Portugueza<sup>45</sup>, em Salvador, fato que pode explicar Rui ter tido acesso à literatura portuguesa clássica tão cedo. O caso de Rui é

---

<sup>44</sup> O primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil foi criado somente em 1911.

<sup>45</sup> Em publicação sobre os duzentos anos de história da Biblioteca Pública da Bahia há referência ao pai de Rui Barbosa como bibliotecário. “Também são feitas várias doações: a de 205 obras em 258 volumes, todos livros de literatura, pela Sociedade Bibliotheca Classica da Lingua Portugueza, **encaminhadas pelo bibliotecário João Jozé Barbosa de Oliveira**, bem como a de 73 obras, por particulares passagem:” (SOARES *et al.*, 2011, p. 54, grifo nosso).

a expressão máxima do quanto faz diferença na formação cultural o estímulo à leitura e o acesso a livros em meio ao ambiente familiar.

Desde jovem, antes de ingressar no curso de Direito, Rui já possuía livros, sua *biblioteca práctica*. Ela se desenvolveu, sobretudo, durante o período do estudo acadêmico. Há registro de ter comprado livros assim que efetivou sua matrícula para o segundo ano do curso de Direito, ainda em Recife:

Em 12 de março, três dias após a sua matrícula no 2º ano, adquire na Casa Lailhacar, antigo Garraux conforme recibo, os seguintes livros: Story, Constituição dos Estados-Unidos, 2 volumes; Tocqueville, Démocratie en Amérique, 3 volumes; Cherbuliez, Démocratie en Suisse, 2 volumes: Bertauld, Liberté. (CARVALHO, 1949, p. 10)

Um ano depois desembarcaria no porto de Santos — pois se transferira para o curso de Direito da Faculdade de São Paulo — com sua *biblioteca práctica*, ou parte dela, em mais de um caixote.

Já não é isso, já não são esses caixotes de número avultado a biblioteca de um estudante, os fundamentos do grande edifício futuro, a cuja construção se assiste com o melhor desvelo e não raro até com grandes sacrifícios? (PIRES, 1949, p. 5)

Apesar dessas evidências, Rui considerou o ano de 1871 como o início da sua biblioteca — nos referimos a um discurso proferido por ele em 1896 no qual comentou sobre sua biblioteca como “lenta estratificação de vinte e cinco anos de amor das letras” (BARBOSA, 1985, t. 5, p. 49) ter sido citada por seus críticos como sinal de ostentação material — que, a partir de então, tomaria formas de *biblioteca professional*. Nascida, portanto, do empenho pessoal do próprio Rui, desenvolveu-se sobretudo em função de sua atuação profissional plurivalente, que lhe serviu de estímulo para reunir e utilizar vultosa coleção de livros.

No ano seguinte, recém-formado, assumiu o primeiro cargo na carreira jurídica, o que impulsionou o desenvolvimento paulatino da sua coleção ao longo de muitos anos. Ferreira (2008a) destacou que no período compreendido entre o último quartel do século XIX e o primeiro do século seguinte, obras de caráter profissional eram maioria nas bibliotecas de médicos e advogados.

[...] frente à necessidade de atualização e especialização do conhecimento, em um momento de emergência do intelectual, assistiu-se à proliferação das bibliotecas mais privadas e personalizadas, com tipologias que também dizem sobre seus usos e seus proprietários: é a biblioteca do jornalista, do escritor, do investigador, do professor, do universitário, do bibliófilo. (DIAS, 2018, p. 60)

Em 1895 Rui e a família se mudaram para a casa que hoje é o museu em sua homenagem. Essa residência representou, provavelmente, a passagem da biblioteca para o perfil de *biblioteca patrimonial*, reflexo do seu êxito profissional e de prosperidade financeira. Assim,

Procurando constituir uma biblioteca, com a qual se bastasse a si mesmo, evidentemente Rui Barbosa queria trabalhar só com os seus livros, o que seria o ideal de todo homem estudioso. Assim, não freqüentava bibliotecas públicas, não tinha por costume pedir livros emprestados. (PIRES, 1949, p. 50)

Por fim, sua *biblioteca museo*, o ápice do acervo de Rui.

Uma biblioteca assim tem valor inestimável. E sobretudo quando aquele que a formou e possui é um homem das qualidades de Rui Barbosa, com o seu talento, o seu domínio de várias línguas, a sua facilidade de assimilar e produzir, os seus longos hábitos de estudo nos livros, que lhe revelaram os caminhos do saber. (PIRES, 1949, p. 6)

Liming<sup>46</sup> (2020) defendeu “bibliotecas como tecnologias de autodesenvolvimento na América no final do século XIX e no início do século XX.” (LIMING, 2020). Tal reivindicação partiu da percepção do quanto a biblioteca da escritora Edith Wharton foi fundamental para seu autoconhecimento e para a evolução da sua atividade como escritora (LIMING, 2020).

A característica da biblioteca de Rui como uma oficina porque teve seus livros como ferramentas de trabalho sempre foi muito evidente. Para ressaltar a importância dos livros na trajetória de Rui, Pires (1949, p. 2) fez a analogia entre eles e faróis, “que lhe descobriam e iluminavam os caminhos que tinha por diante”.

Nenhum outro espaço da casa contribuiu para a compreensão da vida e da obra de Rui Barbosa como sua biblioteca. A importância da biblioteca certamente motivou a compra da própria casa e possibilitou sua transformação no primeiro museu casa do Brasil, um museu biblioteca, ou um “palácio de livros”, como a chamava Américo Lacombe. (SECKLER, 2014, p. 32)

Rui teve o privilégio de experimentar o ambiente culturalmente efervescente das duas primeiras faculdades de Direito instaladas no Brasil, a de Recife e a de São Paulo, o que contribuiu para a formação de uma espécie de intelectualidade holística em Rui Barbosa. Esse contexto favoreceu o surgimento de uma geração de intelectuais como Rui, atuantes em diversas frentes num período especialmente importante no país, marcado pela transição da monarquia para a república

Não se imagine, porém, que as Faculdades de Direito no Brasil imperial contribuíram somente para a formação de juristas e de quadros políticos e administrativos. Elas tiveram ativo papel no desenvolvimento do pensamento

---

<sup>46</sup> Sheila Liming. Disponível em: <http://www.sheilaliming.com/research.html>.

social, lugar de certo modo ocupado, até então, pelos seminários católicos. Ao longo do Império, e mesmo no início do período republicano, transformaram-se em centros aglutinadores das humanidades, preparando e formando as primeiras gerações de pensadores brasileiros e até de poetas e de literatos. (RAGO; VIEIRA, *s.d.*, p. [1])

A busca de Rui Barbosa por conhecimento foi incessante e sua biblioteca é uma prova que era também, insaciável. Em que pese a formação robusta propiciada pelo curso de Direito, a biblioteca de Rui parece ter sido uma faculdade eterna e completa, composta de campi onde pôde se dedicar com o afincado desejado e/ou necessário a diversas disciplinas bem como aprofundar suas reflexões consonantes aos papéis desempenhados por ele na sociedade. Por meio dela Rui Barbosa se notabilizou em diversos temas.

Se a biblioteca privada de natureza pessoal surge como o reflexo do homem, dos motivos que estiveram na sua origem, dos critérios por ele definidos, do meio social envolvente e da sua época, por outro lado, a mentalidade e a formação intelectual, e a sua atividade profissional surgem da sua capacidade de estudo constante em que os livros têm sem dúvida um papel ativo. (SEARA, 2018, p. 5)

Sendo assim, tendo como base o que já foi escrito sobre a instrumentalidade da biblioteca do Rui Barbosa, a consideramos como uma tecnologia de autodesenvolvimento, na medida em que foi fundamental na sua trajetória profissional e na configuração das suas identidades como advogado, jurista, diplomata, jornalista e político.

### 3.2 Lugares de saber

Christian Jacob<sup>47</sup>, membro da *École des hautes études en sciences sociales* (EHESS), apresentou o conceito de lugares de saber (*lieux de savoir*) por meio do projeto Lugares de saber — inspirado no hercúleo feito historiográfico coordenado por Pierre Nora denominado Lugares de memória — que seria publicado em quatro volumes, vindo a público, porém, apenas os dois primeiros: o tomo 1, *Lieux de savoir: espaces et communautés*; em 2007<sup>48</sup> e, o tomo 2, com subtítulo *les mains de l'intellect*, em 2011. O foco do projeto de Nora (1993) foi a memória coletiva no contexto de interpretação e análise da identidade nacional da França e seus símbolos, enquanto o de Jacob priorizou os “saberes em todas as culturas humanas” (2012, p.

---

<sup>47</sup> JACOB, Christian: <https://www.anhima.fr/spip.php?article106&lang=fr>.

<sup>48</sup> Não foi possível consultar essa obra seminal no curso da pesquisa em decorrência da pandemia e o consequente fechamento das bibliotecas.

213). Recentemente o projeto foi transformado numa plataforma digital, *Savoirs*<sup>49</sup>, cujo conteúdo ainda será lançado, e gerou o tesouro, *Thésaurus Savoirs*<sup>50</sup>.

Um lugar de saber se configura a partir da dinâmica entre práticas, aparatos e os indivíduos para fins de elaboração, de transmissão e de fluxo dos saberes. Esse conceito emerge do campo de pesquisa interdisciplinar denominado antropologia dos saberes no qual “os saberes são abordados menos como conteúdo do que como objeto de práticas, ao mesmo tempo mentais, materias e sociais. (JACOB, 2009, p. 121, tradução nossa)

Definimos os ‘saberes’ como o conjunto de procedimentos pelos quais os membros de uma sociedade, ou de um grupo nessa sociedade, dão sentido ao mundo que os cerca, em suas dimensões físicas e metafísicas, visíveis e invisíveis, ao mundo dos seres vivos ou da matéria inerte, ao mundo humano em todas as suas dimensões, ao tempo e ao espaço. (JACOB, 2012, p. 211)

Alguns anos antes, Jacob (2000) já havia dado indícios sobre isso no texto intitulado “Ler para escrever: navegações alexandrinas”, publicado na coletânea “O poder das bibliotecas: memória dos livros no ocidente”. Nele, o autor discorreu sobre a Biblioteca de Alexandria, o papel dessa instituição como projeto de poder e as dinâmicas próprias do lugar. Em determinada passagem, ele enfatizou a necessidade de se “compreender a natureza das operações intelectuais e mnemotécnicas implicadas pela leitura” do livro em rolo (*volumen*) (JACOB, 2000, p. 55).

Jacob (2012, p. 217) revelou um campo relacionado à pesquisa dos lugares de saber:

A antropologia dos saberes interessa-se, desse modo, pelos processos, pelas sequências de operações, pelas dinâmicas que conduzem à produção de um artefato, que pode ser um texto, um discurso, um esquema, um conceito, uma interpretação, uma teoria, um fato científico.

Lugares de saber se manifestam em diversas configurações, objetificadas ou não.

**Certos lugares de saber são objetos, outros são seres vivos**, como um mestre, um poeta, um adivinho, um técnico, um cientista. **Certos lugares de saber são fixos, estáveis, permanentes**: o laboratório, o museu, a sala de seminários, a biblioteca. **Outros são provisórios, efêmeros, existem o tempo de uma ação particular**: as lâminas preparadas para o microscópio, as notas em uma caderneta, uma configuração de objetos lançados ao solo no caso do adivinho. Os lugares de saber podem pois ser espaços arquitetônicos ou urbanos, desenhos, textos ou discursos, instrumentos, gestos, situações sociais [...]. (JACOB, 2012, p. 211, grifo nosso)

Logo, há um saber dentro de outro saber, também a exemplo das *matrioskas*. Num lugar de saber estão contidos outros numa dinâmica multidimensional porque “desdobra, portanto,

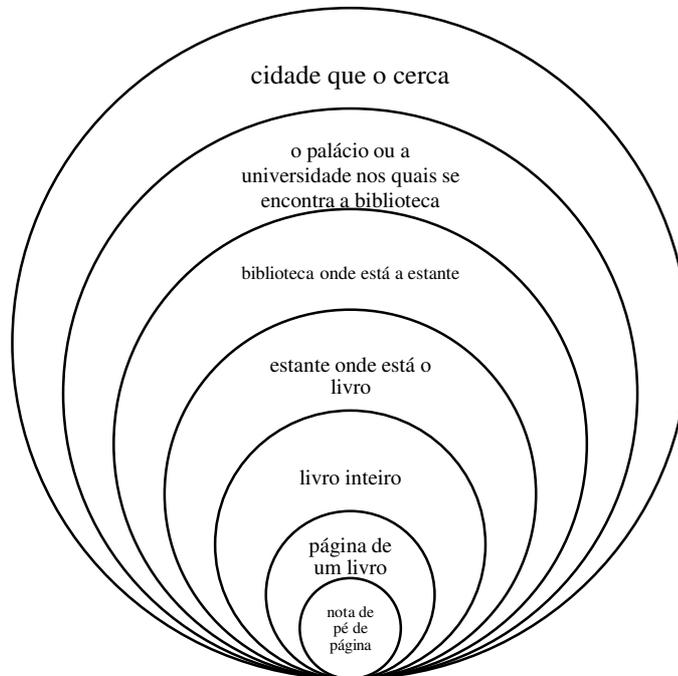
---

<sup>49</sup> Savoirs: <https://savoirs.ehess.fr/>.

<sup>50</sup> Thésaurus Savoirs: <https://datu.ehess.fr/savoirs/fr/>.

uma topografia descontínua, mas articulada e hierarquizada, organizada em níveis sucessivos e desdobrando-se em diferentes escalas” (JACOB, 2012, p. 213), representada no Desenho 2:

Desenho 2 — Representação de possíveis dimensões dos lugares de saber a partir de uma nota de rodapé



**Fonte:** a autora (2021), adaptado de Jacob (2012)

O recente relato publicado pela tradutora Flora Thomson-DeVeaux na revista *Quatro Cinco Um* sobre o processo intelectual e metodológico empreendido por ela para produzir a nova tradução para o inglês de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* evidencia o porquê de um lugar de saber ser “[...] um sistema de relações, entre seus atores, entre estes e os móveis, entre os atores humanos e os atores não humanos que são livros, máquinas, as amostras” (JACOB, 2014, p. 69, tradução nossa), assim como a ilustração que abre o artigo na revista traduz a citação acima:

Figura 5 — Flora Thomson-Deveaux em sua mesa de trabalho



**Fonte:** Borges (2020)

Em determinado trecho a tradutora explicou seu *modus operandi*

[...] quando eu deparava com um enigma léxico, consultava um dicionário de português para mapear conotações, fazia uma referência cruzada com dicionários bilíngues para encontrar alguma solução suficientemente convincente, checava o primeiro registro da palavra ou do termo no *Oxford English Dictionary*, dava uma olhada nas tendências do uso em inglês no Ngram Viewer e, por fim, tentava comparar a frequência do termo em inglês com o seu uso em português na Hemeroteca Digital. (THOMSON-DEVEAUX, 2020).

A biblioteca — por ser um espaço de relações interpessoais entre o próprio público ou entre ele e os funcionários, e de interações entre esses atores, objetos e sistemas — é um meio dinâmico repleto de saberes nela praticados, adquiridos e transmitidos, processos que a caracterizam como um lugar de saber. Por sua vez, ela mesma contém em si outros lugares de saber, como mesas, estantes, computadores, o material bibliográfico, a entrevista de referência.

Uma biblioteca é de fato um lugar de saber de um determinado tipo, materializa e delimita uma ideia, saber ou seu sonho, sua utopia, e ela ordena e distribui esse saber de acordo com as unidades discretas que são os livros, de acordo com categorias de disciplinas, idiomas, gêneros literários. Os painéis, as prateleiras inscrevem essa organização do conhecimento em um espaço empírico e compartimentado. Nas formas de saber onde a tradição, vozes e pensamentos importam, a biblioteca também tem um papel instrumental, o de trazer mais significado, validade, autoridade, a verdade, a uma afirmação, a uma informação, a uma ideia... (JACOB, 2014, p. 11).

Transposta essa dinâmica para o contexto próprio de uma biblioteca pessoal, Jacob (2014, p. 77, tradução nossa) declara que

A biblioteca pessoal de um pesquisador é também um lugar de saber, em seu arranjo material, em sua distribuição em diferentes móveis, em pilhas e linhas, na ordem e desordem que a organizam. A presença de fotografias, cartões postais, bugigangas que pontuam prateleiras têm significados emocionais e simbólicos que marcam um ambiente de vida e de trabalho. Os princípios de distribuição racional de livros são frequentemente subvertidos por caprichos de usos. Os livros mais usados, os livros recentemente usados ou adquiridos, ou livros para ler, agrupam-se ao alcance da mão e da visão do pesquisador.

Lugares de saber incluem os espaços, edificadas ou não, onde acontecem atividades dos saberes, como universidades, biblioteca, ateliês, um bosque; os planos de trabalho, “onde ocorrem as operações de construção, objetivação e transmissão do saber” (JACOB, 2014, p. 75, tradução nossa), tais como: a prancheta do arquiteto, a estante de livros, as ferramentas, uma caderneta.

Lugares de saber do tipo inscrições ou registros referem-se a dispositivos produzidos por operações intelectuais e técnicas e que também, posteriormente, demandam tais operações para serem interpretados, compreendidos e apropriados. São representações como diagramas,

plantas geográficas, tabelas, índices, a página de livro, o livro em si, sua folha de rosto, um catálogo, uma anotação manuscrita, entre outros.

Além desses, as situações sociais, presenciais ou não, são lugares de saber. A ideia de posicionamento está atrelada a elas, como a “disposição de atores em relação uns aos outros em um espaço físico: por exemplo, um professor-pesquisador diante de um anfiteatro ou cercado por seus alunos em um seminário [...]” (JACOB, 2014, p. 99, tradução nossa).

Para elucidar o posicionamento que não está relacionado à interação presencial em um local, porém, relacionado a posições de poder, Jacob (2014) apresentou o exemplo da disposição gráfica dos nomes de cada pesquisador em trabalhos científicos produzidos por co-autoria. Cada posição nominal reflete uma função naquela pesquisa ou o grau de prestígio de determinado autor na comunidade científica.

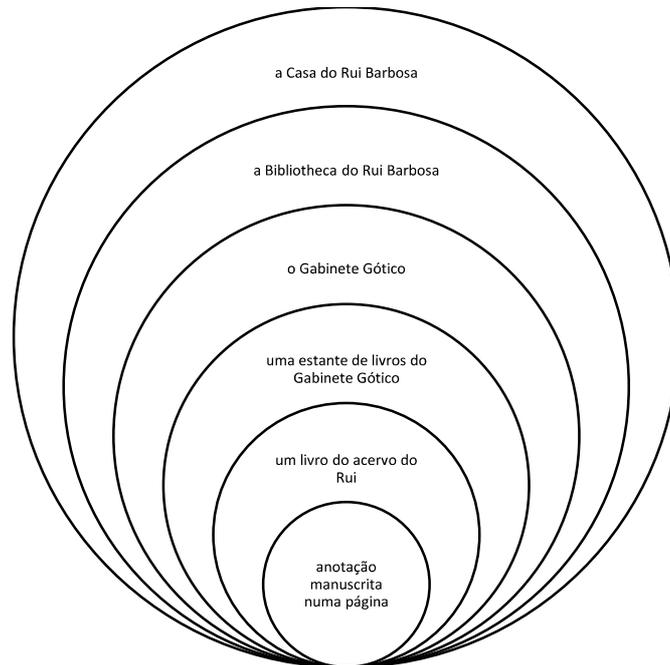
A depender do objetivo da investigação e do campo disciplinar do pesquisador, a exploração do conceito de lugar de saber exigiria um mergulho teórico muito mais profundo para trazer à tona todo o potencial que esse conceito possui para, segundo Jacob (2017), ser uma nova tendência de estudos nas ciências humanas e sociais.

No contexto desta pesquisa, o conceito foi apresentado como um aspecto associável a bibliotecas pessoais, sobretudo parecendo ser um olhar possível para a Biblioteca de Rui Barbosa, sobre a qual se discorrerá a seguir.

### 3.2.1 Lugares ruianos de saber

Ao olharmos para a Biblioteca do Rui Barbosa por meio do modelo de reflexão dos lugares de saber constatamos que ela se desdobra em diversas camadas que variam desde a escala macro, entendida como a Biblioteca (iniciada pela letra B maiúscula para caracterizá-la como uma entidade), manifestada por meio do conjunto formado pelos cômodos ocupados por livros; pelo mobiliário, as estantes de livros, as escrivaninhas; pelos instrumentos, os tinteiros, o carimbador, os lápis, o mata-borrão, a espátula de abrir envelopes ou folhas de livros, etc.; pelas folhas anotadas; pela própria biblioteca (com “b” minúsculo para denominar o acervo, a coleção em si); até a escala micro, por exemplo, uma anotação manuscrita feita por Rui em uma página de um livro. Um exemplo dessa variação pode ser visto abaixo:

Desenho 3 — Representação de possíveis dimensões dos lugares de saber ruianos a partir de uma anotação manuscrita



**Fonte:** a autora (2021), adaptado de Jacob (2012)

O exame de uma biblioteca sob a ótica dos lugares de saber tangencia aquilo que afirmou Purcell (2017, p. 20, tradução nossa) em sua pesquisa sobre bibliotecas particulares em casas de campo britânicas e irlandesas: “Os espaços em que os livros são mantidos costumam ser parte integrante de qualquer compreensão da história deles, então a arquitetura, os acessórios os móveis também são importantes.”, bem como no contexto da história da arquitetura das bibliotecas, o que pontuou o arquiteto James Campbell, autor do livro *The Libray: a world history*:

Um elemento que diferencia as bibliotecas da maioria dos outros espaços arquitetônicos é a importância primária de seus móveis e acessórios. É possível discutir a arquitetura de uma igreja ou de um castelo que perdeu seus móveis originais, mas é muito difícil fazer o mesmo com bibliotecas cujos acessórios foram removidos. (CAMPBELL, 2015, p. 22).

Sendo a Bibliotheca do Rui Barbosa um lugar de saber do passado, a associação dela ao conceito de lugares de saber foi fruto de reflexão a partir de textos sobre a Biblioteca e da percepção possibilitada pela observação de parte do acervo museológico. Buscamos ilustrar esse conceito identificando, principalmente, elementos materiais que compunham esse lugar de saber e não por meio de investigação com o intuito de se observar um ou mais saber-fazer.

A propriedade na Rua São Clemente que Rui Barbosa adquiriu em 1893, mas para onde se mudaria com sua família dois anos depois, é considerada um exemplar do século XIX de uma casa senhorial<sup>51</sup>, caracterizada por ser

Mais que simples habitat, a casa senhorial, nas variadas formas e modelos que vai assumindo, como paço, casa-torre, palácio urbano, quinta ou solar rural, apresenta-se como uma estrutura simbólica de representação do poder de uma família e da sua hierarquia no contexto da sociedade em que se enquadra. (CARITA, 2015, p. 15).

Para o termo senhorial no contexto brasileiro do século XIX, Malta (2013-2014, p. 131) dá preferência à

[...] acepção de 'boa sociedade, pelo menos para o século XIX no Brasil, que inclui homens e mulheres, livres e brancos, partícipes do mundo político imperial e responsáveis por sua ordenação, que se reconheciam e se faziam reconhecer como integrantes do almejado 'mundo civilizado'.

Pela compreensão acima, Rui Barbosa integrava esse grupo social e por isso, "A residência permanente e oficial, sim, tinha o compromisso expresso de aparentar os símbolos da distinção, distinção esperada de um homem público e intelectual como Rui Barbosa." (MALTA, 2013-2014, p. 134).

Rui viu naquela casa o espaço necessário para acomodar seus livros — tal qual Manguel visualizaria, mais de cem anos depois do intelectual brasileiro — a instalação ideal para a sua biblioteca ser possível por meio de uma nova aquisição imobiliária. Assim, "A compra da propriedade não somente proporcionou a Rui Barbosa o teto próprio e definitivo — deu-lhe ensejo de ampliar a sua biblioteca, com alma e tenacidade de bibliófilo." (MONTELLO<sup>52</sup>, 1980, [p. 177]).

A *Bibliotheca* do Rui Barbosa era composta de espaços de saber “oficiais” e “paralelos”. Os primeiros referem-se à distribuição consagrada por quatro cômodos da casa, que atualmente fazem parte do circuito de visitação do museu-casa: ocupando o maior deles, a Biblioteca (Imagem 1); que era o núcleo da *Bibliotheca*; um gabinete de estudo e trabalho chamado por

---

<sup>51</sup> A análise detalhada da Casa de Rui Barbosa no que tange a elementos arquitetônicos e decorativos no contexto de estudo de casas senhoriais pode ser compreendida em <http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casas-senhoriais/pesquisa-lista/161-casa-de-rui-barbosa>, inserida no site do projeto intitulado “A Casa Senhorial, Portugal, Brasil e Goa: Anatomia dos Interiores”, disponível em: <http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/>.

<sup>52</sup> O escritor Josué Montello (1917-2006)   uma referência para a Biblioteconomia no Brasil. Foi o responsável pela reforma do curso instituída pelo Decreto-lei 6.440 de 27 de abril de 1944 (MIRANDA, 2015). Lecionou a disciplina de nível fundamental, Organiza o de Bibliotecas em 1945 e 1947, e a de nível superior, Organiza o e Administra o de Bibliotecas em 1945 e 1946 dos Cursos de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional: Foi diretor desses cursos entre 1945 e 1948 (WEITZEL, 2015) e diretor-geral da própria Biblioteca Nacional.

Rui de Gabinete Gótico (Imagem 2); o quarto de vestir (Imagem 3), onde também eram armazenados livros; e outro escritório, chamado por ele de Gabinete Branco (Imagem 4).

Imagem 1 — Biblioteca (Salão)



Fonte: Residência..., [1923]  
FCRB/Base de Dados Iconografia/Acervo do SAHI<sup>53</sup>

Imagem 2 — Gabinete gótico



Fonte: Residência<sup>54</sup>..., [1923]  
FCRB/Base de Dados Iconografia/Acervo do SAHI

<sup>53</sup> Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

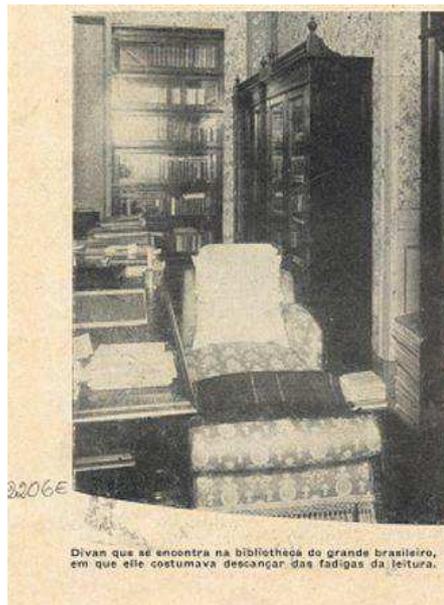
<sup>54</sup> [Sic].

Imagem 3 — Quarto de vestir



**Fonte:** Sala ([1924?])  
FCRB/Base de Dados Iconografia/Acervo do SAHI

Imagem 4 — Gabinete branco



**Fonte:** Residência ([1923])  
FCRB/Base de Dados Iconografia/Acervo do SAHI

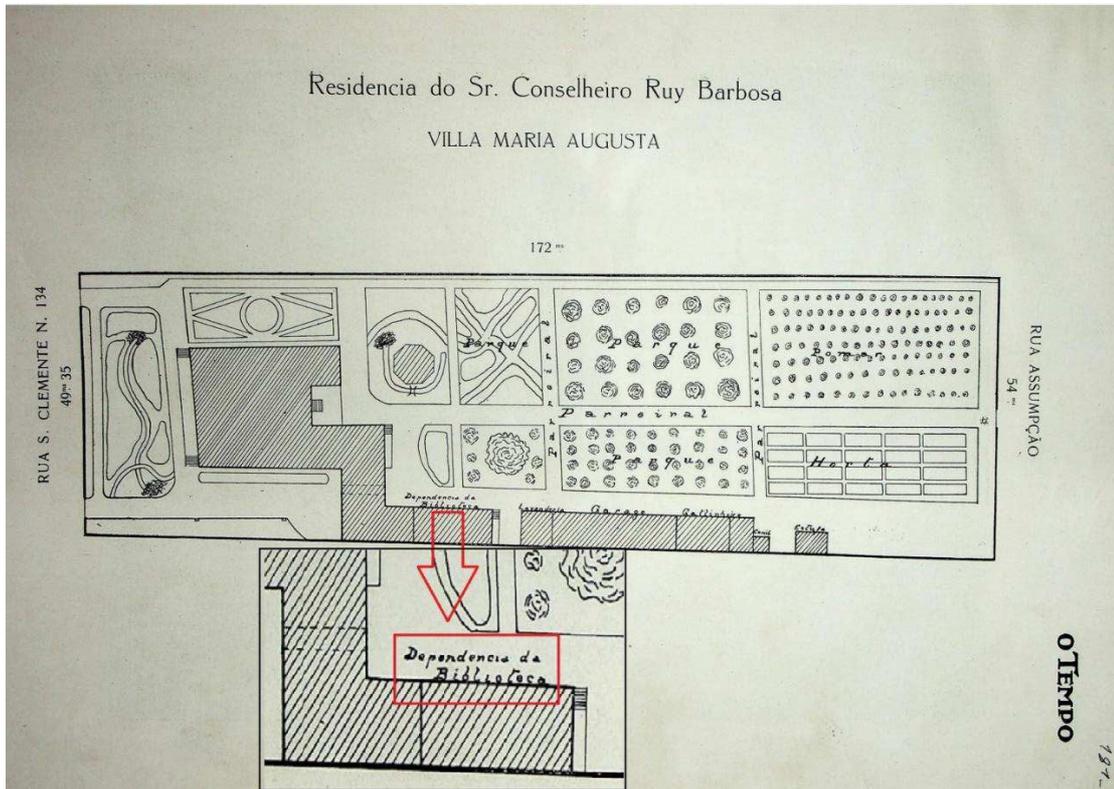
Já os paralelos se referem aos espaços aleatórios nos quais partes da biblioteca foram sendo alocadas — “um corredor, um vão de escada e dois grandes quartos no pavimento inferior, fôra do corpo da casa” <sup>55</sup>(Planta 1 e Imagem 5) — pois a coleção também viveu o

---

<sup>55</sup> Cf. Inventário de Ruy Barbosa, 1923-24, f. 1274.

fenômeno da ocupação livresca que vai, aos poucos, tomando novos territórios Para Macharmalo (2017) os livros são como colonizadores.

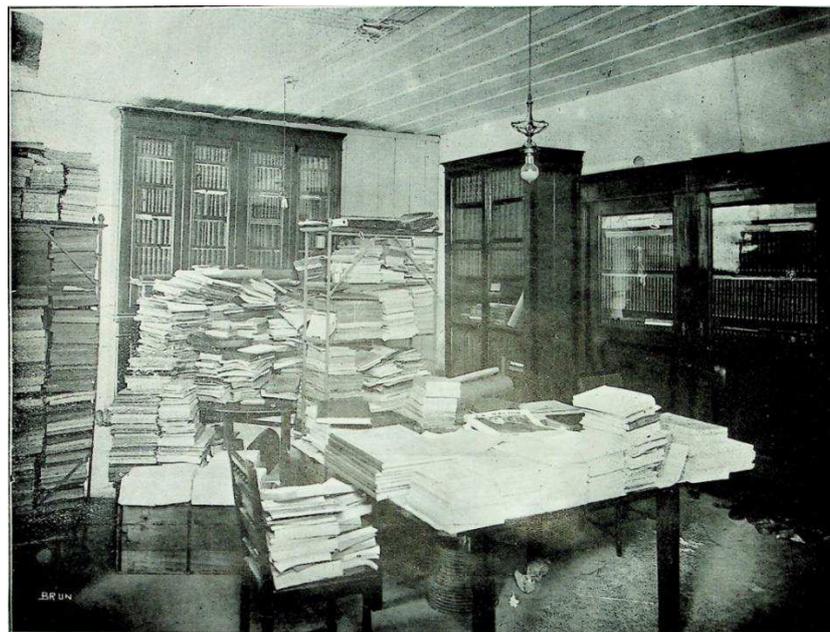
Planta 1— Indicação área biblioteca externa



Fonte: Residência (1924, p. 181)

FCRB/Serviço de Biblioteca/Acervo Biblioteca Rui Barbosa

Imagem 5 — Biblioteca em cômodo no segundo corpo da residência



Fonte: O Tempo (1924, p. [178])

FCRB/Serviço de Biblioteca/Acervo Biblioteca Rui Barbosa

Assim a casa da família parece ter sido colonizada pelos livros que Rui reuniu. Nas palavras de Montello (1976, p. 184)

Dir-se-ia que, no amplo solar, moravam mesmo os livros: Rui era apenas uma espécie de hóspede, ou apenas o seu usuário. Porque a biblioteca dominava todo o prédio, só parando de crescer quando a morte imobilizou o cérebro formidável que se nutria do saber ali reunido.

Os livros comportadamente enfileirados que se vêem nas estantes do museu-casa não nos permitem imaginar o malabarismo que foi empregado para encaixar, cada vez mais, os volumes entre as prateleiras a fim de dar conta da quantidade de livros que Rui incorporava à biblioteca.

Já não havia mais colocação conveniente para eles nas estantes, com duas e três ordens de volumes, e ainda com muitos outros deitados em pilha sobre a cabeça dos que ficavam em pé, na posição que lhes é ordinária. A sua própria sala de música já ia ceder espaço à invasão implacável. (PIRES, 1949, p. 8).<sup>56</sup>

Espaços de saber são “as estruturas e dinâmicas espaciais das atividades acadêmicas, em suas várias escalas, da geografia à arquitetura.” (THÉSAURUS SAVOIRS, 2020, tradução nossa). Enfocaremos a Biblioteca (Salão) e os gabinetes de Rui Barbosa para trazermos o conceito de lugares de saber para alguns dos cômodos da *Bibliotheca* do Rui Barbosa.

### 3.2.1.1 Biblioteca (Salão) e suas estantes

Além de núcleo da *Bibliotheca*, era sua área social. Nesse ambiente Rui Barbosa recebeu os pares das suas áreas de atuação profissional, visitantes ilustres, estudantes, amigos e outros desconhecidos.

É possível afirmar que este cômodo era um dos símbolos da figura pública e Rui Barbosa, enquanto intelectual e estudioso – papéis que se somavam a sua função política, valorizando-a. Sendo Rui Barbosa conhecedor de diversos assuntos, infere-se que sua bagagem cultural legitimava sua atuação política em diferentes campos da vida social brasileira. (ALMEIDA; RANGEL, 2019, p. 26)

Ali aconteceu a missa do casamento da filha mais velha, Maria Adélia e, de acordo com reminiscências da filha mais nova, conhecida como D. Baby<sup>57</sup>, gravadas em entrevista para o

---

<sup>56</sup> Sala de Música é a atual Sala Buenos Aires. Ver: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID\\_S=205&ID\\_M=212](http://www.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID_S=205&ID_M=212).

<sup>57</sup> O depoimento foi gravado em 1985. Foi consultada a transcrição registrada em ficha elaborada pela pesquisadora Rejane Magalhães do Setor Ruiano da FCRB.

projeto Memória de Rui<sup>58</sup>, era o lugar onde mais se apresentou o poeta e cantor Catulo da Paixão Cearense<sup>59</sup>, de quem Rui foi admirador. Embora Rui não gostasse de emprestar seus livros, ou seja, era um bibliotáfio<sup>60</sup>, não tornou encastelada essa parte da sua *Bibliotheca*. Os momentos de descontração e de socialização que se passaram ali contrastam com a formalidade e a austeridade transmitidas por essa sala cujas paredes eram (ainda são), quase camufladas por estantes de livros (Fotografia 14).

Fotografia 9 — Algumas das estantes-armários da Biblioteca



**Fonte:** Gautherot ([1974-1977])  
FCRB/Base de Dados Iconografia/Acervo do SAHI

Apesar de Rui ter se mudado com a família para a nova casa em meado de 1895, as grandiosas estantes-armários<sup>61</sup> dedicadas ao salão só foram encomendadas a um marceneiro no

<sup>58</sup> “Por duas décadas (1975 a 1997) o Museu Casa de Rui Barbosa desenvolveu o projeto Memória de Rui por meio do qual foram entrevistados, pelos servidores da instituição, cerca de trinta personalidades com algum tipo de relação com o patrono – seja familiar, amizade, correligionário, trabalho e outros vínculos – com o objetivo de criar um banco de dados” (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2018, p. 11).

<sup>59</sup> Catulo da Paixão Cearense. Ver: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2895/catulo-da-paixao-cearense>.

<sup>60</sup> “Bibliotáfio também se diz da pessoa que se recusa a emprestar seus livros. Onde se vê que a biblioteca poderia parecer uma tumba preservada de saques, uma sepultura, um templo, uma adega, um espaço sagrado, um lugar intocável em que quase nunca se entra ou somente para olhar” (SEFFOUH, 2012, tradução nossa).

<sup>61</sup> “Estantes-armários com dois corpos superpostos - sendo o de cima mais estreito e envidraçado, para os livros, e o de baixo mais largo para papéis - figuram no mobiliário setecentista, acompanhando os diferentes estilos; alguns são simples, outros se inspiram em formas da arquitetura com cornijas, frontões, etc. Merecem especial

ano seguinte (COSTA, 1949). Esse conjunto de dez estantes com medidas variadas emolduraram o interior do ambiente confirmando o que afirmou Pyne (2016, p. [53], tradução nossa): “Estantes de livros estão entre alguns dos acessórios mais óbvios para transmitir autoridade, vantagem e status social”.

Poucos possuíam uma biblioteca em casa digna de ser retratada, como raros eram aqueles que podiam adquirir tantos livros e construir um ambiente em que o prestígio intelectual se concretizasse em 3 dimensões. A biblioteca, portanto, era um ambiente ímpar para servir de cenário de retratos de homens cuja atuação no mundo público se destacava pela inteligência, perspicácia, erudição. (MALTA, 2011, p. 174)

Ainda, quatro estantes giratórias complementavam o ambiente. Embora houvesse estantes com livros nos diversos lugares ruianos de saber, consideramos como marca desse ambiente, enquanto lugar de saber, as estantes.

Elas são manifestações da materialidade dos saberes, definida como “O ambiente material e os objetos que determinam as condições de produção, as formas e as funções dos saberes, desde o mobiliário até o instrumento ou à máquina.” (THÉSAURUS SAVOIRS, 2020, tradução nossa). Ainda que integrasse o espaço “Uma secretária de jacarandá onde o Conselheiro redigiu o projeto da Constituição de 1891 e todos os decretos da Proclamação da República” (COSTA, 1949, p. 26), registrada na Fotografia 10, e que secretárias<sup>62</sup> também se inserem na materialidade dos saberes, pois são superfícies de trabalho, pretendemos destacar as estantes.

---

menção as elegantes estantes-armários georgianas, depois muito repetidas. As salas e bibliotecas com pé-direito elevado tinham estantes até o teto, e estabeleceu-se o sistema de construir uma galeria a meia altura para se atingir livros situados no alto. Os armários de livros oitocentistas incluem, além dos já mencionados, outros com portas de correr ou outros ainda com prateleiras montadas como caixas superpostas, cada uma com um batente horizontal de vidro, que se suspende e que corre dentro do corpo do móvel” (MOUTINHO; PRADO, LONDRES, 1999, p. 137).

<sup>62</sup> “Móvel destinado à escrita; escrivaninha. A palavra é usada em português desde o séc. XVI e se refere a diversos modelos de móveis fechados que apenas tinham em comum, de início, a finalidade de guardar secretamente papéis e, mais tarde, de servir de mesa para escrever” (MOUTINHO; PRADO, LONDRES, 1999, p. 342).

Fotografia 10 — Secretária da Biblioteca (atual Sala Constituição)



**Fonte:** Gautherot ([1974-1977])  
FCRB/Base de Dados Iconografia/Acervo do SAHI

Na sua aparente passividade as estantes falam.

É uma visão de mundo particular e um objeto cuja identidade é construída. A estante mostra mais do que apenas os livros que contém – ela mostra as decisões que levaram o livro a seu lugar atual no estante. Essas decisões podem refletir caprichos da fantasia e podem refletir centenas de anos de tradição. (PYNE, 2017, p. 37, tradução nossa)

Podemos imprimir tamanho grau de subjetividade no arranjo dos nossos livros que as estantes acabem expressando uma visão de mundo ilegível para outrem, decodificável apenas pelo responsável por aquela impressão. Reconhece-se que há ou que possa haver uma lógica em determinada ordem mas não conseguimos decifrar. São inimagináveis as conexões que as mentes podem estabelecer a fim de traduzir recortes do mundo nas nossas estantes, e isso é admirável. Que não se condenem, portanto, a mundividência emanada das estantes alheias.

O exemplo clássico é o da biblioteca do historiador de arte alemão Aby Warburg (1866-1929). “Ele queria que sua coleção tivesse uma fluidez e uma vivacidade que nem a separação por assunto nem as restrições cronológicas poderiam proporcionar.” (MANGUEL, 2006, p. 169). Assim, a alocação dos livros nas estantes estava sempre em movimento, seguindo o fluxo dos rearranjos mentais decorrentes das suas pesquisas. A cada nova associação de conteúdos, mudavam-se os livros de lugar. Essa movimentação seguia o princípio da “boa vizinhança”, sobre o qual

O livro conhecido não era, na maior parte dos casos, o livro de que se precisava. Era o vizinho desconhecido na mesma estante que continha a informação vital, por menos que se pudesse adivinhá-lo pelo título. (MANGUEL, 2006, p. 169)

Numa crônica para o jornal A Manhã, o jornalista Cyro dos Anjos escreveu: "Rui arrumava os livros segundo preferências do coração, como todo bom bibliófilo, sem atender às rígidas normas da biblioteconomia." (ANJOS, 1980, p. 153). Consta que Rui mantinha seus livros em movimento também. Fosse para o manejo contra insetos ou para acomodar os novos volumes, ou, quem sabe, para retraçar nas prateleiras seu próprio mapa mental. Sabemos que "Demais, não os tinha nunca em repouso. Mudava-os continuamente de situação, o que fazia por suas mãos. O seu catálogo era a sua memória [...]" (PIRES, 1949, p. 26).

Uma estante também pode refletir um momento nosso no mundo, um contexto. A percepção de Jacob (2014, p. 78, tradução nossa) sobre uma estante da biblioteca de um intelectual ou de um pesquisador no contexto dos lugares de saber é que

Uma biblioteca pessoal é um campo de batalha perpétuo contra o caos. Na sua própria ilegibilidade, uma estante pode expressar a coerência frágil e provisória de pesquisas em andamento, questões em desenvolvimento ou ondas de incerteza e preocupação.

Após a morte do marido, D. Maria Augusta, ciente da importância e da "fama" da coleção bibliográfica de Rui bem como da necessidade de se conhecer a quantidade e quais itens compunham o conjunto, providenciou um levantamento detalhado da biblioteca. Esse material integrou o inventário dos bens de Rui Barbosa.

Para esse fim, escolheu cinco pessoas que entendeu aptas e capazes de concluir essa tarefa. Após tres longos meses de exaustivo trabalho, **conservada a ordem de arrumação que o finado mantinha em cada estante e respectivas prateleiras**, anotado livro por livro, seu autor, edição e número de volumes de cada obra, ficou pronta a lista dessa enorme livraria. Essa lista, dactylographada em espaço um, atinge a um total de I.I60 paginas (Mil cento e sessenta) que forma hoje sete volumes.<sup>63</sup>

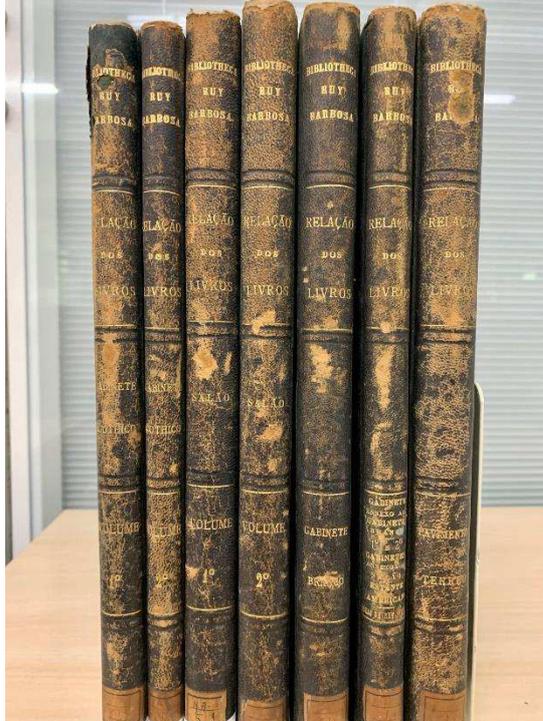
Para nossa geração pode ser difícil imaginar a execução desse serviço dentro do prazo mencionado sem o uso de computador e seus milagrosos comandos *Salvar Como* e *Ctrl+C/Ctrl+V*, bem como não se valer de buscas em catálogos online de bibliotecas para dirimir dúvidas na identificação de alguns dados bibliográficos. Os sete volumes (Fotografia 11) foram intitulados "Bibliotheca do Cons. Ruy Barbosa: relação dos livros", e subdividem-se em: Gabinete Gothico volume I; Gabinete Gothico volume II; Salão volume I e Salão volume II; Gabinete Branco; Gabinete anexo ao gabinete/Branco – 1º e 2º gabinetes/ Anexos ao Salão

---

<sup>63</sup> Cf. Inventário de Ruy Barbosa, 1923-24, f. 1.253.

– Estante Americana “Obras de Ruy Barbosa”; Pavimento Térreo. O conteúdo se apresenta da seguinte forma (Imagem 6 e Imagem 7):

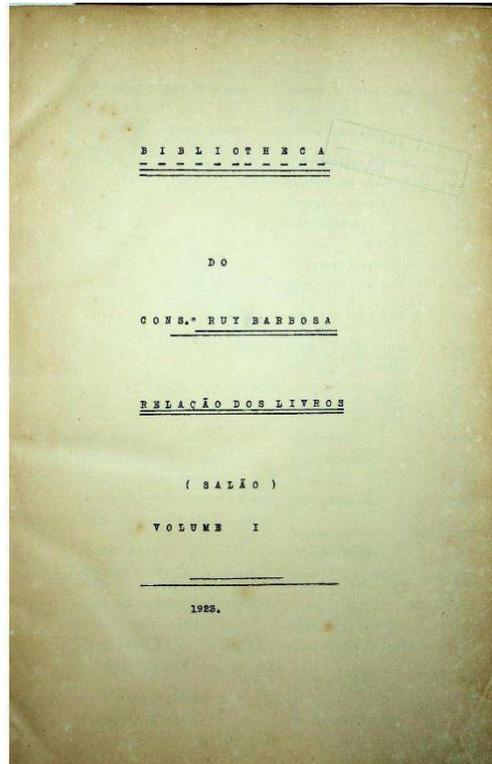
Fotografia 11 —Volumes que compuseram o levantamento dos itens da *Bibliotheca* do Rui Barbosa



**Fonte:** autora (2021)

FCRB/Serviço de Biblioteca/Acervo da Biblioteca São Clemente

Imagem 6 — Folha de rosto do volume referente à Biblioteca, nomeada como Salão (v. 1)



**Fonte:** Bibliotheca... (1923)

FCRB/Serviço de Biblioteca/Acervo da Biblioteca São Clemente

Imagem 7— Primeira folha do volume 1 referente à Biblioteca (Salão)

S A L ã O		la S S T.	-- 1 --
La PRAT.			
L-12, 12	POLITICAL TERMS-REVISED	George Cornwall Lewis. 2 <sup>nd</sup> Ed. 1877	
R-1, 10	LA LIBERTÉ CIVILE.	Jules Simon. (2a Ed.)	" 1867
B-1, 10	LA LIBERTÉ DE CONSCIENCE	Jules Simon. (2a Ed.)	" 1859
B-1, 12	LA LIBERTÉ DE CONSCIENCE EN FRANCE ET A L'ÉTRANGER	J. Scaudo de Clavert.	" 1870
B-1, 15	LA LIBERTÉ RELIGIEUSE " (4a Ed.)	Edouard Laboulaye.	" 1869
B-1, 14	LE CONCORDAT	Le Duc de Broglie.	" 1853
B-1, 15	CONTRAT SOCIAL	J.J. Rousseau.	" 1862
B-1, 15	ŒUVRES DE F.L. GOURNER	.. (N. Ed.)	" 1876
B-1, 17	LA FRANCE NOUVELLE " (2a Ed.)	M. Favrot Paradol.	" 1868
B-1, 18	MELISSINI ET HENRI IV	Idem. (2a Ed.)	" 1863
B-1, 19	ÉTUDES SUR LES MORALISTES FRANÇAIS	Idem. (2a Ed.)	" 1865
B-1, 1	ÉCRITS DE POLITIQUE ET DE LITTÉRATURE	Idem. 1 <sup>re</sup> Série.	" 1863
	Idem	Idem. 2a Série.	" 1864
	Idem	Idem. 3a Série.	" 1865
	HISTOIRE CONTEMPORAINE-1870-1890	Idem. 1 <sup>re</sup> Série.	" 1889
	Idem	Idem. 2a Série.	" "
	Idem	Idem. 3a Série.	" "
	Idem	Idem. 4a Série.	" "
	LES PRINCIPES DE 1789	Ch. Farnaud.	" 1889
B-1, 20	THE SCIENCE OF POLITICS	Sheldon Amos.	" 1883
B-1, 22	PHISIOS AND POLITICS	Baschot.	" 1884
	THE GOVERNMENT OF SWITZERLAND	Bernard Moss.	" 1889
	PRINCIPLES OF MORALS AND LEGISLATION	Jeremy Bentham. 1892	" 1866
B-1, 20	DIREITO POLITICO COMPARADO	Adolpho Poggendorf.	" 1906
B-1, 19	TRATADO DE DIREITO POLITICO	Idem 1 <sup>o</sup> Tomo.	" 1894
B-1, 20	Idem	Idem II <sup>o</sup>	" 1893
B-1, 21	GUIA DEL DERECHO CONSTITUCIONAL	Idem	" 1893
B-1, 22	SYSTEMA REPRESENTATIVO	Jose de Alencar.	" 1860
B-1, 23	PODER MODERADOR	2 <sup>o</sup> ed. 2. de Góes e Vasconcellos	" 1862
B-1, 24	ADMINISTRACION DE LA REPUBLICA	2 <sup>o</sup> ed. Edgar Montell.	" 1893
B-1, 25	LE ORIGINI DEI COMUNI	St. Almon	" 1890
B-1, 26	PRINCIPES DE 1789	Le Docteur Clavel	" 1866

Fonte: BIBLIOTHECA DO CONS,º RUY BARBOSA (1923)  
FCRB/Serviço de Biblioteca/Acervo da Biblioteca São Clemente

Esses catálogos são, portanto, o retrato mais fiel do arranjo derradeiro dos livros nas estantes de Rui Barbosa. A visão do mundo que Rui deixou impressa em suas estantes.

### 3.2.1.2 Gabinetes e uma mesa planejada

É em seu escritório que somos apresentados a Dom Vito Corleone na cena de abertura do clássico do cinema *O Poderoso Chefão*<sup>64</sup> (Imagem 8). Também é no gabinete do personagem Dr. Isak Borg que se inicia o filme *Morangos Silvestres*<sup>65</sup>, joia do diretor sueco Ingmar Bergman (Imagem 9). Em uma das torres do castelo de Hogwarts, a escola de magia e bruxaria da saga literária e fílmica *Harry Potter*, está situado o escritório do diretor da escola, Albus Dumbledore, lugar fartamente guarnecido de objetos mágicos, de livros, de retratos dos antigos diretores cobrindo as paredes e de uma imponente escrivaninha (Fotografia 12).

<sup>64</sup>Ver: <https://www.imdb.com/title/tt0068646/>.

<sup>65</sup>Ver: <https://www.imdb.com/title/tt0050986/>.

“Lugar de ser inútil” (BARROS, 1996). Assim o poeta Manoel de Barros (1916-2014)<sup>66</sup> se referia ao seu próprio escritório, o ambiente da casa no qual ele se recolhia para as leituras, as contemplações e o trabalho com as palavras, até que elas se tornassem poesia (Fotografia 13).

Imagem 8 — Cena no escritório do personagem Dom Corleone



Fonte: O Poderoso Chefão (1972)

Imagem 9 — Cena no gabinete do personagem Dr. Isak Borg

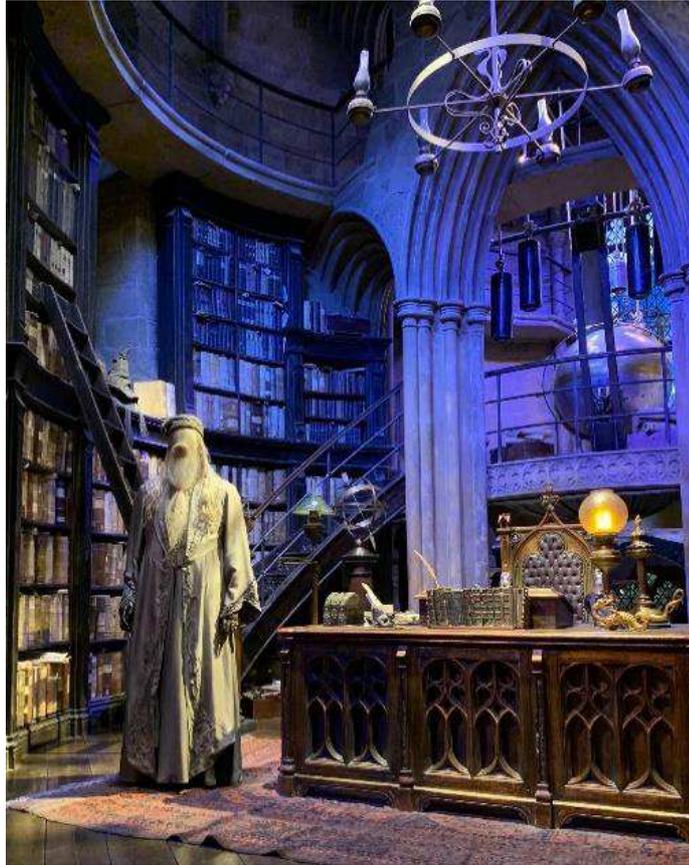


Fonte: Morangos Silvestres (1957)

---

<sup>66</sup> Em 2021 a casa onde residiu o poeta em Campo Grade (MS) foi posta à venda por um de seus netos, herdeiro da propriedade. Todos os objetos que pertenceram a Manoel de Barros, incluindo os livros da sua biblioteca particular, ainda compõem a casa. A condição para a venda é que seja criado o Museu Casa Manoel de Barros. (CASTRO, 2011).

Fotografia 12 — Set do gabinete do personagem Albus Dumbledore<sup>67</sup>



**Fonte:** a autora (2020)

Fotografia 13 — Escrivadinha no escritório de Manoel de Barros



**Fonte:** SPINDOLA (2021)

---

<sup>67</sup> Estúdio Harry Potter Warner Bros. em Londres, Reino Unido. Ver: <https://www.wbstudiotour.co.uk>/<https://www.wbstudiotour.co.uk/>.

Gabinete, escritório<sup>68</sup>, estúdio. Diferentes termos para denominar um ambiente ainda mais íntimo dentro da casa, dedicado ao exercício profundo da intelectualidade. Costuma ser um lugar para recolhimento e privacidade. O gabinete materializa a metáfora da torre de marfim, uma das imagens que Manguel (2017) atribuiu ao leitor: “Mesmo hoje em dia, a imagem da torre de marfim retém às vezes essa conotação de permitir ao intelectual retirar-se do mundo para compreendê-lo melhor.” (MANGUEL, 2017, p. 77). As outras metáfora são a do viajante e a da traça.

Rui Barbosa tinha dois gabinetes, mas compreendemos que o Gótico era sua principal torre de marfim. A respeito desse cômodo o ex-mordomo de Rui, Antônio Joaquim da Costa, recordou: “Todos nós temos a nossa paixão e o Conselheiro tinha a sua: os livros. Ninguém o podia perturbar. No seu gabinete de trabalho a paz era completa. Seu espírito, alheio a tudo, ficava absorvido no trabalho horas a fio” (COSTA, 1949, p. 42).

Esse tipo de lugar de saber “[...] era considerado o santuário do dono da casa [...]. Lugar de estudo, trabalho e repouso, ele passaria uma atmosfera de reserva, seriedade com certa amabilidade” (MALTA, 2011, p. 91).

Manguel (2006), que possuía também um gabinete integrado à Biblioteca, explicou a relação entre esses seus lugares de saber

Há uma diferença notável, ao menos para mim, entre o salão maior em que guardo a maioria dos meus livros e o cômodo menor em que trabalho. No salão maior, a biblioteca ‘propriamente dita’, escolho os volumes que eu quero ou de que preciso, sento-me e tomo notas, consulto minhas enciclopédias. No estúdio, porém, estão os livros que considero mais imediatos, mais necessários, mais íntimos. (MANGUEL, 2006, p. 149).

A impressão que os gabinetes do Rui transmitiram para o acadêmico português José Júlio Rodrigues durante uma visita à casa, ocasião na qual conheceu o Conselheiro e teve o privilégio de visitar tais cômodos foi de que “Em ambos os recantos, esplendia o *mais rigoroso e meticoloso dos arranjos*; dir-se-ia que neles habitava, ou Buffon com a sua casaca de punhos rendados, ou Goethe, de espadim de côrte compondo as páginas do Werther ou do Hermann e Dorothéa” (RODRIGUES, [1930?], p. 294).

Tal sensação harmoniza com o que declarou Malta (2011, p. 177): “Mostrar um gabinete em ordem era a chave de leitura para dizer a pessoa racional, cuja mente jamais estava confusa,

---

<sup>68</sup> “Numa casa, cômodo destinado à escrita, à leitura” (MOUTINHO; PRADO, LONDRES, 1999, p. 130)

mas com ideias claras, objetivas e precisas”. Em relação a isso, o que se pensar do escritório do psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) conforme a fotografia abaixo?

Fotografia 14 — Jean Piaget no seu escritório em Pinchat, Suíça, 1979



Fonte: Piaget dans son bureau, en 1979  
FONDATION JEAN PIAGET

Embora ambos os gabinetes de Rui fossem repletos de estantes de livros, pretendemos destacar as escrivaninhas<sup>69</sup> desses lugares ruianos de saber (Imagens 10 e 11), especialmente a do Gabinete Branco, pois elas também são elementos representativos da materialidade dos saberes.

Imagem 10 — Escrivaninha do Gabinete Branco

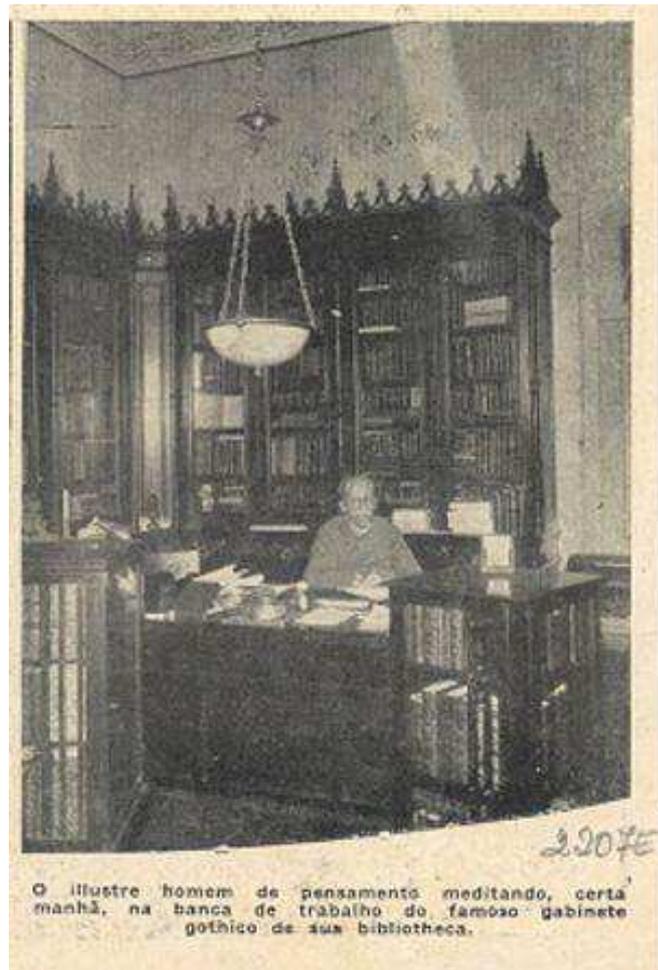


Fonte: COSTA (1949, entre p. 18 e 19)

---

<sup>69</sup> “Designação comum a diversos tipos de móvel que contêm material para se escrever e que, por seu feitio, permitem que alguém se sente diante deles tal fim; secretária. Incluem-se nessa categoria móveis de diversos formatos e acabamentos, muitos deles representativos dos estilos de mobiliário” (MOUTINHO; PRADO, LONDRES, 1999, p. 131).

Imagem 11 — Rui Barbosa e sua escrivaninha do Gabinete Gótico



**Fonte:** Residência ([1923])  
FCRB/Base de Dados Iconografia/Acervo do SAHI

Em se tratando dos lugares de saber, os chamados planos de trabalho são as diversas superfícies nas quais são produzidos saberes por meio de “operações manuais, gráficas, visuais, intelectuais” (JACOB, 2014, p. 76, tradução nossa). Tais superfícies compreendem desde a tela do computador, a escrivaninha, a bancada de um laboratório, até “[..] um chão sujo, onde um adivinho africano delimita sua ‘mesa de adivinhação’ [...]”. (JACOB, 2014, p. 76, tradução nossa).

A revisão que Rui Barbosa fez do texto do Código Civil elaborado por Clóvis Beviláqua foi publicada como “Parecer do Senador Rui Barbosa sobre redação do projeto da Câmara dos

Deputados”<sup>70</sup>, análise focada em questões gramaticais e estilísticas. Seu texto gerou uma série de críticas às quais Rui reagiu publicando sua famosa Réplica<sup>71</sup>.

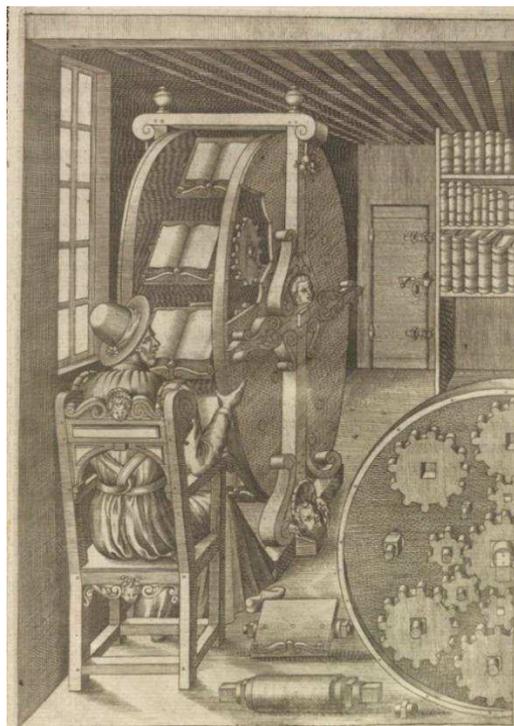
A grande mesa do Gabinete Branco, com pouco mais três metros de comprimento, foi encomendada por Rui especialmente “para nela espalhar os códigos civis de que se serviu para a redação da Réplica e da parte final do Código Civil Brasileiro” (COSTA, 1949, p. 21).

Esse móvel era uma espécie de mesa-estante. De acordo com a descrição desse objeto na base de dados do acervo museológico do MCRB

**No comprimento, sobre o tampo estante removível vazada e dividida em duas partes.** Partes laterais fechadas em madeira lisa de forma retangular. Em cada parte, duas prateleiras, reguláveis. Parte superior lisa, saliente e escalonada nas bordas. **Sob a mesa duas estantes de livros de madeira castanho escuro, com parte superior escalonada nas bordas e seis portas de vidro emolduradas.** (MESA DE ESCREVER, [s.d.], grifo nosso)

No século XVI o engenheiro italiano Agostino Ramelli (1531-ca.1600) projetou uma roda (Figura 6) para facilitar a leitura de vários livros.

Figura 6 — Roda de livros projetada por Ramelli



Fonte: RAMELLI (1588)

<sup>70</sup> Ver: <http://rubi.casaruiarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/1926>.

<sup>71</sup> Ver Tomo 2 <http://rubi.casaruiarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/1986>.

Assim como o dispositivo de Ramelli “Teve como objetivo otimizar a relação entre os movimentos do pensamento, do olhar e da mão” (JACOB, 2014, p. 78, tradução nossa), o mesão do Gabinete Branco também. A estrutura possibilitou a Rui criar um eficiente aparato para leitura e escrita. Diante de si, os livros selecionados dispostos em prateleiras ao alcance das mãos. Sobre a ampla superfície de trabalho era possível consultar ou cotejar textos com mais facilidade e celeridade. Havia espaço para Rui redigir seus apontamentos. O microecossistema composto pelo gestual, pela disposição dos objetos e pela interação entre Rui e eles configurou um lugar de saber na medida que

Passar de um livro para outro, no mesmo espaço de trabalho, é um forte gesto intelectual que pode conceber mais o modo de referência cruzada do que ruptura e descontinuidade. Passar de um livro para outro, de um texto fonte para um dicionário ou comentário, é comparar, questionar, esclarecer, criticar um texto em relação a outros: tantos gestos de pensamento que se materializam em movimentos, deslizando, rolando como aqueles permitidos pela rotação da roda do livro. (JACOB, 2014, p. 78, tradução nossa)

Essas operações intelectuais independem de estruturas arrojadas como a roda de Ramelli ou a mesa do Gabinete Branco. Sobre as nossas mesas simples no ambiente de trabalho ou naquelas onde estudamos em casa, em que repousa o computador, também executamos gestos intelectuais combinados com outros.

Assim, o exemplo do Gabinete Branco ilustra como podem ser produzidos saberes a partir de um plano de trabalho. A escrivaninha do Gabinete Gótico, onde Rui redigiu os discursos para a Campanha Civilista<sup>72</sup> (COSTA, 1949) ou a secretária da Biblioteca — cenário da elaboração do projeto da Constituição promulgada em 1891 (COSTA, 1949) — bem como quaisquer outras mesas das quais Rui fez uso nos estudo e no trabalho, podem ser compreendidas como lugares de saber, porque eram planos de trabalho.

Esses ambientes enquanto dimensões dos lugares de saber na casa, ou seja, no espaço privado, encontram ressonância na recente pesquisa de Rangel e Almeida (2017) que defendem os cômodos em um museu-casa também como museália porque eles

têm grande importância, pois estes (e as relações estabelecidas entre esses espaços) são testemunhos de como uma família vivia, se a sua vida social era agitada ou não (existência de muitos ambientes sociais), se era uma família abastada (existência ou não de área de serviço para muitos empregados), se era a casa de um letrado (existência e tamanho da biblioteca), entre outros aspetos. Também é importante sublinhar que os cômodos não são testemunhos apenas da rotina familiar, mas também das suas relações com o mundo

---

<sup>72</sup> Ver: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID\\_S=332&ID\\_M=1301](http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=332&ID_M=1301).

exterior, retratando, assim, os hábitos, os costumes e o modo de viver de um determinado período. (RANGEL; ALMEIDA, 2017, p. 10)

Rui fez da sua biblioteca ambiente de estudo e trabalho. Ela foi sua sala de leitura e *scriptorium*. Dadas as múltiplas atuações profissionais, sua biblioteca foi um verdadeiro laboratório cognitivo, capaz de abarcar, inspirar e fundamentar todas as suas atividades e lutas. A *Bibliotheca* do Rui Barbosa foi oficina intelectual, porquanto seus livros foram considerados

a ferramenta do operário que ele foi a vida inteira, operário com as suas dez horas de trabalho, a meneá-lo sem idéia de repouso futuro, como quem o tinha de arrostar inflexivelmente, no mais áspero campo de batalha. E a ferramenta gasta-se, embota-se, torna-se também anacrônica, não mais corresponde às necessidades do ofício, e é preciso renová-la, tê-la para todas as exigências da arte, sem se recorrer a estranhos nem procurá-la na hora da empreitada. Assim, Rui Barbosa esteve sempre em dia com os instrumentos do seu mister, seus caros e adorados livros (PIRES, 1949, p. 10).

### 3.2.2 Práticas e inscrições ruianas de saber

Práticas de saber são “as operações manuais, mentais, discursivas e sociais que são mobilizadas na produção, na fixação e na recepção dos saberes”. (THÉSAURUS SAVOIRS, 2020, tradução nossa).

Nesse contexto pretendemos comentar sobre a prática de Rui Barbosa anotar durante a leitura. As marcas de leitura que Rui deixou foram objeto de análise no âmbito dos estudos ruianos<sup>73</sup> (CARMO, 2011) e, recentemente, no âmbito do Mestrado Profissional em Biblioteconomia foi realizada pesquisa sobre a representação descritiva das marginálias feitas por Rui Barbosa na obra *Os Sermões*, do Padre Antonio Vieira (TRÉZZE, 2019).

Fala-se muito das anotações manuscritas de Rui Barbosa, principalmente das marginálias<sup>74</sup>. O perfil anotador de Rui revelou-se em decorrência do seu método de estudo no período ginásial. “Pelos notas de seu arquivo pôde-se recompor o seu processo de trabalho. Corria os clássicos de penna na mão anotando todas as locuções, modismos, vocábulos e construções dignos de notas.” (PEREIRA, 1924, p. 29). As anotações eram feitas em cadernos<sup>75</sup> e em papel almaço (LACOMBE 1984).

---

<sup>73</sup> Ver [http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID\\_S=100&ID\\_M=796](http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=100&ID_M=796).

<sup>74</sup> Plural do “termo que designa ‘coisas escritas à margem’. [...] Podem incluir glosas, anotações e diagramas, e notas ou comentários que terão tido origem nos estudos eurísticos. [...] nota marginal.” (FARIA; PERICÃO, p. 485).

<sup>75</sup> O genro de Rui Barbosa, Edgar Batista Pereira, após a morte do sogro, doou para a então Biblioteca Municipal de São Paulo, atual Biblioteca Mário de Andrade, cerca de 50 (cinquenta) cadernos manuscritos por Rui.

Da anotação, uma prática erudita, derivam-se notas, anotações, consideradas inscrições dos saberes, porque são “resultados de operações gráficas no sentido amplo” (THÉSAURUS SAVOIRS, 2020, tradução nossa).

Em relação aos apontamentos feitos nos próprios livros, destacam-se os registrados nos volumes da obra *Os sermões*, do Padre Antonio Vieira e nas duas primeiras edições do dicionário de Cândido Figueiredo (PIRES, 1959; CARMO, 2011), nas quais

[...] não há página sem observação, feitas em momentos distintos, como se pode observar pela cor da tinta, pelo desenho da letra. E se não todas, a maioria das notas são cruzadas entre si. Essas anotações e marcações consistem basicamente em: sinalização, com colchetes, de famílias de cognatos; cruzamento de palavras sinônimas; cruzamento de termos afins, especialmente incluindo alguns menos usuais ao lado dos mais comuns; abonações; acréscimo de acepções e de palavras (na maioria das vezes a partir de abonações); correção de definições; arrolamento de palavras semântica ou morfologicamente relacionadas. (CARMO, 2011, p. 128)

A partir de características das anotações feitas por alguns escritores, Ferrer ([2004?]) estabeleceu duas categorias de anotadores de acordo com o a localização dos apontamentos: os extratores, que

[...] recortam o texto que lêem e o guardam, naquilo que supostamente seria uma forma concentrada e quintessencial, mas que é, de fato, um estado mutilado: cadernos ou folhas de anotações que fazem o papel de uma câmara de maturação, em que os fragmentos colhidos são deixados para descansar, para amolecer e amadurecer juntos por um tempo a fim de se tornarem ingredientes adequados, ou funcionam como uma câmara de descontaminação onde os fragmentos ficam em quarentena antes de serem admitidos no texto (FERRER, [2004?], tradução nossa).

e os marginalistas, que

[...] não desmembram o texto que lêem, eles o preservam em sua integridade contextual, mas o assinalam com marcas idiossincráticas, o adornam com comentários de todos os tipos, [...] plantam as sementes de sua própria criação nas entrelinhas do texto, como os insetos que botam seus ovos no corpo vivo de suas presas, para que sua cria se alimente de sua substância palpitante. (FERRER, [2004?], tradução nossa).

Consideradas as práticas ruínas de anotação, intra e extrabibliácas, Rui foi extrator e marginalista de acordo com a tipologia acima. Ambas as modalidades de anotação foram aliadas no seu exercício intelectual e as notas são testemunhos dessas práticas ruínas de saber. Segundo Carmo (2011), que se debruçou sobre alguns livros anotados por Rui

Esses poucos exemplos colhidos na biblioteca de Rui corroboram a imagem que dele se faz: metódico, estudioso, bem informado, criterioso, erudito, obsessivo, determinado, mordaz, inteligente etc., etc. Eles como que

comprovam a sua biografia. Suas anotações são formais e metódicas, como se nunca houvesse uma hesitação. (CARMO, 2011, p. 135)

Os saberes mais evidentes dessa biblioteca sob o olhar retrospectivo — pois a *Bibliotheca* do Rui Barbosa é um lugar de saber do passado — foram identificados a partir de reflexão baseada em fontes bibliográficas ou porque eles são elementos materiais: móveis, instrumentos, notas, livros. Jacob (2012, p. 218) explica que

Quando se trata dos lugares de saber contemporâneos, a observação direta é possível. Para os lugares de saber do passado, a observação deve ser mediada pelas fontes documentais, como a iconografia ou os textos escritos, oferecendo diferentes ângulos de visão e de reflexividade sobre as práticas e os atores de um saber particular. A mediação se torna ela própria objeto de análise, em suas escolhas, seus pressupostos, sua *mise en scène*, seus silêncios.

Ainda, apontamos o próprio Rui Barbosa, o protagonista de saber na sua Biblioteca — atores de saber são “atores individuais ou coletivos engajados em atividades de saber, com seu status, suas funções, seu ethos, suas formas de organização” (THÉSAURUS SAVOIRS, 2020, tradução nossa) — e, claro, suas ferramentas de trabalho, seus livros, pois

Um livro impresso também é um lugar de saber. Entre suas mãos ou sobre sua mesa, na orientação particular que impõe ao seu olhar, no gestual e no ritmo das folhas o livro estabelece uma distância particular, onde a manipulação e a visão interagem com a memória, o pensamento e a imaginação. A arquitetura visual da página e a tipografia contribuem para a organização desse lugar do saber que é um livro, na construção de sua legibilidade e inteligibilidade. (JACOB, 2014, p. 11, tradução nossa)

Ilustramos o conceito de lugares de saber a partir da *Bibliotheca* do Rui Barbosa, pensando na interação entre Rui e esse seu meio, embora não tenhamos aplicado a metodologia da antropologia de saberes. Entendemos que a biblioteca do museu-casa passa a ser um lugar de saber de outra ordem, com outra essência. A biblioteca do MCRB ou o próprio museu são lugares onde se configuram outras dinâmicas entre os indivíduos, os dispositivos e o meio. São outras as práticas e, como lugares de saber contemporâneos, são passíveis de observação direta.

Nesse capítulo abordarmos o objeto de estudo, a Biblioteca de Rui Barbosa, a partir do contexto da existência da biblioteca contemporânea de seu proprietário. Nesse sentido, a chamamos *Bibliotheca*, foram analisados aspectos dela enquanto uma biblioteca pessoal/particular/privada na residência que viria a ser transformada em museu-casa. Foram apropriadas as ideias de Infantes (1997) sobre as denominações biblioteca prática, biblioteca profissional, biblioteca patrimonial e biblioteca museu para marcar as fases da evolução da formação da biblioteca e a analisamos recorrendo, sobretudo, ao conceito de lugares de saber.

Dar-se-á prosseguimento ao estudo sobre a biblioteca que pertenceu a Rui Barbosa sob a perspectiva da sua transformação em biblioteca de museu-casa a partir da patrimonialização da sua propriedade.

#### 4 BIBLIOTECA DE RUI BARBOSA: A BIBLIOTECA DO MUSEU-CASA

Após a morte de Rui Barbosa em 1923, entre as homenagens de pessoas públicas acerca do célebre político e jurista, uma se destacou quando consideramos o tema do patrimônio bibliográfico: o jornalista Constâncio Alves<sup>76</sup> dedicou o espaço da sua coluna *Dia a Dia* no *Jornal do Commercio* de 8 de março de 1923<sup>77</sup> à biblioteca de Rui. No texto intitulado *Ruy Barbosa e os livros*, o autor chamou a famosa coleção de “cidade dos livros”, fazendo transparecer preocupação quanto ao risco de dispersão do acervo.

Essa aflição reflete “[...] as angústias da perda, da falta, do erro e as consequentes ações de proteção ‘patrimonial’ de lembranças” (DODEBEI, 2015, online). Especialmente no caso da biblioteca de Rui Barbosa cabe a seguinte observação

[...] o contexto, o conjunto, a coleção (ou melhor a biblioteca) é um único bem patrimonial indivisível que se compreende e se entende assim, reunida, preferencialmente no espaço em que se desenvolveu (PEDRAZA GRACIA, 2013, p. 445, tradução nossa).

##### 4.1 A institucionalização da *Bibliotheca* do Rui Barbosa

Admitimos a institucionalização da biblioteca em razão, evidentemente, da transformação da residência em museu — a casa foi adquirida pelo governo brasileiro em 1924<sup>78</sup> e o museu criado em 1927<sup>79</sup>. Entretanto consideramos que a patrimonialização da biblioteca ultrapassa a relação indissociável entre a parte e o todo. Não bastou musealizar a casa para se compreender institucionalizada a biblioteca. A biblioteca teve sua própria transformação.

Reconhecemos que ela foi institucionalizada também em função dos processos administrativos e biblioteconômicos pelos quais passou para manifestar sua nova forma de ser e para tornar-se acessível. Para memorar Rui Barbosa a biblioteca não deveria estar confinada em si mesma, hermética. A biblioteca que, até a partida do seu proprietário, havia sido

---

<sup>76</sup> Constâncio Alves foi bibliotecário e professor do curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, do qual proferiu a aula inaugural. Sentado ao seu lado, dentre os participantes da mesa, Rui Barbosa. Ver: <https://blogdabn.wordpress.com/tag/aula-inaugural-do-curso-de-biblioteconomia/>.

<sup>77</sup> Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568\\_11&PagFis=8090&Pesq=%22Ruy%20Barbosa%20e%20os%20livros%22](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&PagFis=8090&Pesq=%22Ruy%20Barbosa%20e%20os%20livros%22).

<sup>78</sup> Decreto n° 4.789, de 2 de janeiro de 1924.

<sup>79</sup> Decreto n° 17.758 de 4 de abril de 1927.

internalizada apenas por ele, foi desvelada para ser inventariada, foi tratada por bibliotecários, registrada, sistematizada em catálogo e, através dele, externalizada.

Sucessivos procedimentos que marcaram a sutil transformação da biblioteca da casa, uma biblioteca do espaço privado domiciliar, em uma biblioteca de museu-casa. Processo que a despiu do papel de biblioteca pessoal, a *Bibliotheca* do Rui Barbosa, para se configurar como a Biblioteca de Rui Barbosa, esta que “[...] é toda a memória de um só homem, perpetuada ao longo de páginas de papel impresso, anotadas e posta a serviço do mundo — a Biblioteca é o próprio Rui. *Semper et ubique.*” (PINHEIRO, 2008, p. 23).

Após a morte de Rui Barbosa, ocorrida em 1º de março de 1923, como não é difícil acontecer um impacto econômico diante da falta definitiva do provedor de uma família, na de Rui também reverberou o peso da sua ausência no que concerne à situação financeira familiar e à manutenção material da propriedade.

A casa de São Clemente tornou-se dispendiosa e a ideia de preservá-la, cultuando assim a memória do marido, sorriu a Maria Augusta como a mais querida a seu coração. Ela havia recebido duas propostas bem mais vantajosas do que a avaliação feita: uma de compra da casa oferecida pela embaixada inglesa e a outra de compra da biblioteca, pelo Jockey Clube de Buenos Aires. (MAGALHÃES, 2013, p. 12)

Embora fossem atraentes as ofertas feitas por essas entidades, diante da possibilidade de esfacelamento da propriedade e da desterritorialização do acervo bibliográfico, D. Maria Augusta prezou pela opção que manteria a unidade daquele patrimônio e que representasse um tipo de herança para a sociedade brasileira.

Segundo depoimento<sup>80</sup> de Américo Jacobina Lacombe (1909-1993)<sup>81</sup>, que presidiu a Casa de Rui Barbosa por mais de 50 anos,

Foi D. Maria Augusta quem impediu: “Não senhor! Isso vai ficar para o Brasil. Comprometi-me com o Azeredo. Vai ser vendido ao Brasil e vai ser vendido ao Brasil e não assino escritura que não seja com o governo”. E foi ela que forçou, com prejuízo monetário evidente. [...] De modo que é preciso fazer justiça a D. Maria Augusta, primeiro como mulher de Rui Barbosa, mulher extraordinária, domadora, como dizia o Tobias. Segundo, como defensora do Brasil na aquisição da casa. Patrimônio que hoje ficou conosco. (LACOMBE, 1976)

---

<sup>80</sup> Transcrição da entrevista de Américo Jacobina Lacombe gravada em 1976 para o projeto Memória de Rui. Foi consultada a transcrição registrada em ficha elaborada pela pesquisadora Rejane Magalhães do Setor Ruiano da FCRB.

<sup>81</sup> Américo Jacobina Lacombe: <https://www.academia.org.br/academicos/americo-jacobina-lacombe/biografia>.

Ainda, de acordo com depoimento<sup>82</sup> de uma das netas de Rui, Lucila Maria, sobre a recusa de venda dos livros do avô ao Jockey Club de Buenos Aires, ela recordou que a avó foi enfática e teria dito: “Rui se fosse vivo não deixaria essa biblioteca sair daqui.”. A verve de D. Maria Augusta, que culminou na tomada de decisão consciente e acertada sobre o destino do espólio de Rui Barbosa, foi vital para a biblioteca formada por ele, representando uma atitude de resistência contra um mal que sempre rondou a história das bibliotecas particulares, o risco de dispersão das coleções após a morte de seus proprietários, temor externado por Mole (2019, tradução nossa) na seguinte passagem:

E percebi — com um pequeno arrepio de horror — que um dia a coleção como um todo teria de ser fragmentada. Os livros que estive reunindo, armazenando, organizando e lendo por todos esses anos saíam das prateleiras quando eu morresse, ou fossem reduzidos, ou apenas precisasse do dinheiro, e voltariam a circular pelo mundo. Ao fazer isso, esses livros continuariam sua jornada pelo mundo das coisas. Mesmo uma biblioteca privada não é totalmente privada. Os livros têm sua própria vida social.

Demonstramos anteriormente que D. Maria Augusta contratou profissionais para realizar o levantamento da biblioteca que Rui deixou. Com relação a essa atitude da viúva, Ferreira (2008b, p. 7) considerou que “Ao decidir como inventariante fazer um catálogo de todo o acervo e só vendê-lo de forma integrada, deu o último e definitivo passo para a preservação permitindo seu uso com uma nova acepção de cidadania”.

O bibliotecário espanhol Manuel José Pedraza Gracia analisou os conceitos de taxação, de valoração e de valorização de bibliotecas patrimoniais. A taxação, atribuir preço a um item, e a valoração, conferir valor cultural a um item são processos complexos que dependem, respectivamente, de variáveis relacionadas a elementos extrínsecos e intrínsecos, tanto à determinada edição quanto ao exemplar em si; e de critérios subjetivos próprios de cada observador ou avaliador (PEDRAZA GRACIA, 2019), apontados no quadro abaixo:

Quadro 6 — Critérios para taxação e valoração de bibliotecas patrimoniais segundo Pedraza Gracia

Taxação	
Extrínsecos	desconhecimento do mercado; oferta e demanda; o processo de compra e venda, finalidade da avaliação, moda e gostos, tradição, mitologia, valor simbólico, fetichismo bibliofílico, a eliminação de lacunas, valor emocional, antiguidade, o tempo ou o estilo, raridade, censura, frescor ou grau de

<sup>82</sup> Também parte do projeto Memória de Rui, a entrevista foi gravada em 1985. Foi consultada a transcrição registrada em ficha elaborada pela pesquisadora Rejane Magalhães. do Setor Ruiano da FCRB.

	conhecimento, celebrações, centenários e outros eventos, o espaço de oferta e procura, outras condições externas
Intrínsecos à edição	o autor; a obra; ou assunto; a edição; a impressão ou edição; a marca tipográfica; o idioma; a tipografia; a ilustração; cuidados tipográficos; as preliminares ou paratextos; o tipo de produção; a qualidade do suporte ...
Intrínsecos ao exemplar	a encadernação; o estado de conservação; a integridade; a restauração; a proveniência; os autógrafos; as anotações; os <i>membra disjecta</i> <sup>83</sup> ; os ex-libris; o expurgo; as margens; a cópia; o status de inédito; as contrafações; outras marcas de proprietários anteriores ...
Valoração	
Valor cultural	econômico, emocional, estético, histórico, ideológico, identitário, integrador, pedagógico, simbólico, testemunhal

**Fonte:** elaborado pela autora (2021) a partir de Pedraza Gracia (2019, p. 6-7)

Em petição que consta nas fls.1.252 a 1.255 dos autos do processo de inventário, o advogado de D. Maria Augusta, seu filho Alfredo Rui Barbosa, ponderou sobre a dificuldade de ser conduzida uma avaliação item a item da biblioteca, considerando a quantidade do acervo, e o tempo que isso levaria — “Como calcular o valor dessas obras e de enumeras outras anotadas e commentadas pelo finado?”<sup>84</sup> — e então sugeriu que ela fosse avaliada no todo.

Também há no inventário documento elaborado pelos peritos apontando a complexidade da tarefa: “Achamos, portanto, que as dificuldades da avaliação dessa maravilhosa bibliotheca só poderiam ser removidas por um trabalho de longos mezes, quiçá anos, por uma comissão de especialistas”<sup>85</sup>.

O formal de partilha amigável que consta autos do processo de inventário dos bens de Rui Barbosa mostra que a biblioteca foi avaliada em 1.200:000\$000 (mil e duzentos contos de réis), enquanto o imóvel e o mobiliário<sup>86</sup> juntos somaram o valor de 1.077:770\$000, pouco menos de mil e cem contos de réis (Imagem 12).

---

<sup>83</sup> “*Membra disjecta* [loc. lat.]. literalmente, fragmentos dispersos; conjunto dos fragmentos de um mesmo volume ou de fragmentos de um mesmo volume ou de fragmentos de volumes diversos [...]” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 491)

<sup>84</sup> Cf. Inventário de Ruy Barbosa, 1923-24, f. fls.1.252 a 1.255.

<sup>85</sup> Cf. Inventário de Ruy Barbosa, 1923-24, f. 1.274.

<sup>86</sup> Na aquisição da casa pelo governo brasileiro, apenas as estantes de livros foram compradas. Em 1928, por meio do Decreto nº 5.566, de 5 de novembro é que foi autorizada a disponibilização de recursos financeiros para a adquirir os móveis que tinham ficado com seus familiares.

Imagem 12 — Formal de Partilha Amigável indicando valor da Biblioteca

1301

PARTILHA AMIGAVEL

PARTILHA AMIGAVEL que fazem D. MARIA AUGUSTA RUY BARBOSA, por fallecimento de seu marido, CONSELHEIRO RUY BARBOSA, com suas filhas maiores e capazes: D. MARIA ADÉLIA RUY BARBOSA BAPTISTA FERREIRA; DR. ALFREDO RUY BARBOSA; D. FRANCISCA RUY BARBOSA AIROSA; DR. JOÃO RUY BARBOSA; e D. MARIA LUIZA VICTORIA RUY BARBOSA, na forma abaixo:

MONTE..... 2.571:183\$490

Representado em:

O predio N° 124 á rua SãO CLEMENTE.....	850:000\$000	
Os meveis á fls. 1262 á 1269.....	227:770\$000	
A bibliotheca com 33.800 volumes-fls. 1269.....	1.200:000\$000	
Dinheiro -fls. 1266.....	293:413\$490	2.571:183\$490

DEBEM EM PETROPOLIS:

Os prazos 412, e 412j de quartearão

Frances -fls. 34....	86:000\$000	
A transportar....	86:000\$000	2.571:183\$490

Fonte: Inventário (1923-24, f. 1.301)

Antes do processo de inventário dos bens de Rui Barbosa ser concluído, foi publicado o Decreto n° 4.789, de 2 de janeiro de 1924, por meio do qual o governo federal autorizou a compra da propriedade onde residiu Rui Barbosa até seu falecimento, incluindo a biblioteca (BRASIL, 1924). A intenção expressa no documento era de que fosse fundado um museu-biblioteca para cultuar a memória daquele personagem.

A transformação da residência de Rui Barbosa em museu-casa pode ser compreendida como a construção de um conjunto de dispositivos memoriais postos a serviço de interesses políticos inseridos em um discurso mais amplo de **identidade e memória nacional**. (RANGEL, 2015, p. 112, grifo nosso)

Esse processo de patrimonialização do legado de Rui Barbosa se traduz naquilo que Davallon (2000; 2002) considerou filiação inversa, pois a sociedade brasileira se tornou, por escolha dela mesma, herdeira dos bens de Rui. É uma herança assumida para si por uma comunidade que reconhece determinado legado como patrimônio, e não uma herança transmitida para ela pelo falecido, por isso, inversa. Tal comunidade seleciona qual(is) objeto(s) constituem o legado a se transformar(em) em objeto(s) patrimonial(is), conferindo a este(s) o status de patrimônio.

A transformação de uma casa em uma Casa-Museu está pautada principalmente no desejo de uma comunidade ou grupo social de transmitir e preservar aquele legado às gerações futuras, baseados na memória do patrono ou patronesse, no acervo cultivado ou até mesmo na relevância do edifício para formação de uma sociedade. (AFONSO, 2015, p. 21)

A patrimonialização da propriedade de Rui Barbosa difere, portanto, dos processos referentes às propriedades de John Soane e Menéndez Pelayo, tendo ambas sido transmitidas por iniciativa de seus proprietários.

Três anos após a aquisição da casa, o governo criou, por meio do Decreto nº 17.758 de 4 de abril de 1927, o Museu Ruy Barbosa cuja finalidade primordial era a de conservar a biblioteca e o arquivo que pertenceram ao patrono bem como quais outros objetos dele ou relacionados a ele (BRASIL, 1927). Embora o museu viesse a ser aberto ao público somente em 13 de agosto de 1930, esse decreto também aprovou seu regulamento. Dentre as competências descritas do profissional denominado Conservador, que seria o dirigente da instituição, estavam: “h) providenciar quanto á [...] organização do catalogo da biblioteca [...]” e “i) conceder autorização para a consulta de obras da bibliotheca e manuscriptos do archivo; devendo, em casos taes, estar sempre o visitante acompanhado de um dos funcionarios do Museu; [...]” (BRASIL, 1927).

Menos de um ano depois, pelo Decreto nº 5.429 de 9 de janeiro de 1928, foi criada a Casa de Ruy Barbosa, então denominada um museu-bibliotheca (BRASIL, 1928). Assim, “O Museu-Biblioteca da Casa de Rui Barbosa foi instalado de maneira a conservar, quanto possível, a feição que a residência da família apresentou nos últimos tempos de sua vida.” (REAL, 1957, p. [12]).

Por meio de Portaria publicada em 18 de março de 1933, a Biblioteca Nacional designou um de seus funcionários, o bibliotecário Otavio Calasans Rodrigues<sup>87</sup>, para trabalhar três dias da semana na Casa de Rui Barbosa (BIBLIOTECA NACIONAL, 1933).

Informou-se no relatório interno intitulado “Trabalhos Realizados na Casa de Ruy Barbosa” datado de 14 de fevereiro de 1935<sup>88</sup> que o catálogo onomástico da biblioteca, ou seja, organizado por nome de autor, havia sido concluído, porém a elaboração das fichas datilografadas ainda estava em execução. Nove anos depois foi publicado o primeiro volume, compreendendo as entradas por ordem alfabética de A-B, do Catálogo da Biblioteca de Rui Barbosa<sup>89</sup>, a partir do catálogo que havia sido organizado por Calasans em 1934 (LACOMBE, 1943).

Menos de um ano após a publicação do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que tratou da proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, a Casa de Rui Barbosa teve sua edificação tombada como bem cultural, tendo sido registrada sob o nº 32 no Livro de Tombo Histórico e, sob o nº 52, no Livro de Tombo das Belas Artes.

No regimento da Casa de Rui Barbos, publicado em 1946, constou

Os livros de grande raridade, os incunábulos, os exemplares em papel especial ou numerados, as obras com dedicatória, assinatura, ou anotações de homens notáveis, e, de modo geral, todos os documentos de valor histórico, deverão ser guardados em estantes fechadas e só poderão ser dados à consulta mediante autorização do Diretor e assistência direta e interrupta de um servidor para tal fim especialmente destacado. (BRASIL, 1946)

Essa resolução sobre os itens considerados especiais pode ter sido motivada pelo conhecimento mais detalhado acerca deles em razão da publicação do primeiro volume do catálogo da biblioteca, em 1944. Do ato de catalogar surgem as primeiras revelações sobre um acervo.

Até o edifício-sede da FCRB ser construído — inaugurado em 8 de novembro de 1978 como Espaço Américo Jacobina Lacombe —, parte do museu não estava aberta ao público pois servia a atividades administrativas e de pesquisa.

A área técnica da Biblioteca São Clemente e a sala de consulta, antes designada de leitura, estavam situadas nos trechos sinalizados em vermelho na Planta 2.

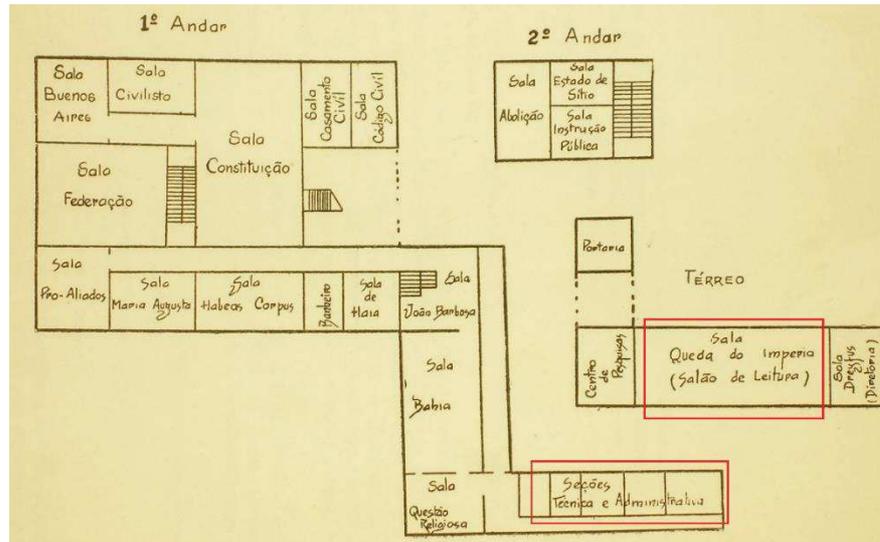
---

<sup>87</sup> Diplomado bibliotecário em 1933 pelo curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, também foi professor deste curso, tendo ministrado as seguintes disciplinas: Classificação e Catalogação, em 1944, 1945 e 1948, e Mapoteca, em 1947. (WEITZEL, 2015).

<sup>88</sup> Documento do Arquivo Institucional da FCRB. Identificação: DA 08\_99\_17010 – 0005.

<sup>89</sup> Os demais volumes (v. 2, C-D-E e o v. 3, F-H) foram publicados em 1951 e 1957, respectivamente.

Planta 2 — Distribuição salas do Museu e Setores Administrativos no MCRB em 1964



Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 1964, p. [9-10]

Por meio de correspondência interna datada de 1976<sup>90</sup> para o diretor da Divisão Técnica, o chefe da biblioteca, José Galante de Sousa, apresentou proposta de transferência das obras de referência da Biblioteca Rui Barbosa (1.150 volumes) para o novo prédio, a fim de facilitar o acesso a elas por parte da equipe técnica da biblioteca e dos pesquisadores. Sugeriu, ainda, que o total de 15.350 itens entre obras de diversos assuntos e periódicos que não cabiam nas salas do museu — “Aí, todas as estantes e armários estão literalmente cheios, com duas carreiras em casa prateleira, bem como não há lugar para novas estantes.” — fossem alocados no espaço ocupado pela Biblioteca São Clemente até então.

Enquanto Rui fomentou seu acervo, a casa teve que se adaptar à *Bibliotheca*. No entanto, a certa altura da permanência da biblioteca no museu-casa a realidade se impôs e a biblioteca teve que se adequar ao museu. Pensou-se, portanto, no aspecto funcional de se manterem as obras de referência reunidas por Rui Barbosa próximas às novas instalações da área técnica da biblioteca e da sala de consulta. Também, a limitação de espaço disponível para acomodar, com segurança, os itens que extrapolavam a capacidade das estantes ficou patente. Fato é que parte do material bibliográfico que pertenceu a Rui Barbosa está guardado na Biblioteca São Clemente.

A dissociação a que pode ser submetido um acervo quando institucionalizado é um ponto sensível levantado por Calva González (2017), uma vez que a coleção se despersonaliza.

<sup>90</sup> Documento do Arquivo Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa: DA 199-820 (21).

Freqüentemente, as coleções reunidas por bibliófilos particulares chegam, com o tempo, a bibliotecas ou instituições públicas que garantem (até certo ponto) que a coleção permanecerá unida, sem dispersão (e portanto, objeto de culto e estudo para pesquisadores) e, como essas instituições são públicas, disponibilizam-na a todos os cidadãos. (GONZÁLEZ MANZANARES, 2009, p. 35, tradução nossa)

A coleção de Rui Barbosa teve que passar por uma disassociação “controlada”; todavia consideramos não haver maior prejuízo para aqueles que consultam essa biblioteca pois o acesso à coleção é intermediado pelos bibliotecários e não feito diretamente nas estantes do museu.

De todo modo, o caso da Biblioteca de Rui Barbosa expõe uma das dificuldades que podem surgir para que uma biblioteca de museu-casa esteja apta à circulação de visitantes. Da mesma forma, as resoluções necessárias para atender medidas de conservação e de segurança do acervo de modo que impactem ao mínimo a experiência do público. A FCRB teve a vantagem de ampliar suas instalações e assim pôde acomodar mais adequadamente parte dos livros do Rui Barbosa.

#### **4.2 Ex-lugares ruianos de saber: a Biblioteca no contexto museológico**

Para abertura do museu ao público, ocorrida em 13 de agosto de 1930, foi atribuído um nome para cada cômodo do museu-casa em alusão à vida pessoal de Rui — a antiga sala de jantar nomeada como Sala Bahia<sup>91</sup>, porque ele era natural daquele estado — e a passagens relevantes da sua trajetória pública, como a Sala Pró-Aliados<sup>92</sup>, antiga sala de visitas, em referência à atuação de Rui em prol dos Aliados na Primeira Guerra Mundial.

Os mencionados lugares de saber “oficiais” que compunham a Biblioteca foram então denominados: Sala Civilista, antes Gabinete Gótico; Sala Constituição, que era a parte principal da Biblioteca; Sala Casamento Civil, o quarto de vestir e, Sala Código Civil, o Gabinete Branco.

---

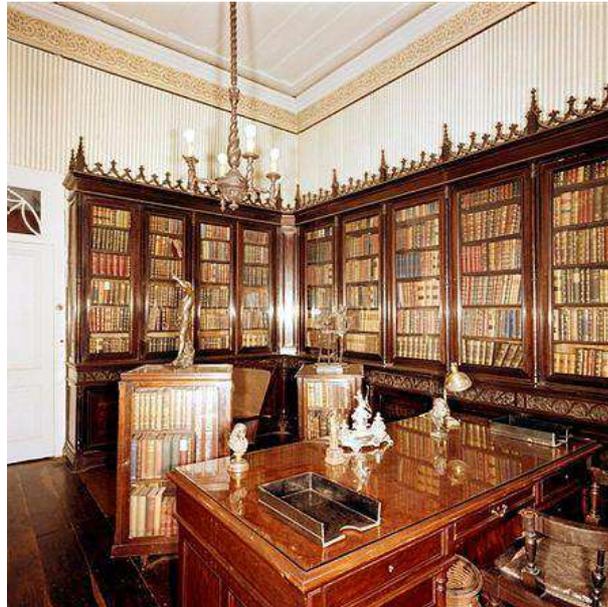
<sup>91</sup> Sala Bahia: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/entidades-vinculadas/casa-de-rui-barbosa/atuacao/museu-e-jardim/visita-virtual-ao-museu/area-social-2/sala-de-jantar>.

<sup>92</sup> Sala Pró-Aliados: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/entidades-vinculadas/casa-de-rui-barbosa/atuacao/museu-e-jardim/visita-virtual-ao-museu/area-social-2/sala-de-visitas>.

#### 4.2.1 Sala Civilista<sup>93</sup>

O nome faz referência à campanha que Rui Barbosa empreendeu nos anos de 1909-1910 para sua candidatura ao cargo de presidente da República.

Fotografia 15 — Parte da Sala Civilista



**Fonte:** Gautherot ([1974-1977])  
FCRB/Base de Dados Iconografia/Acervo do SAHI

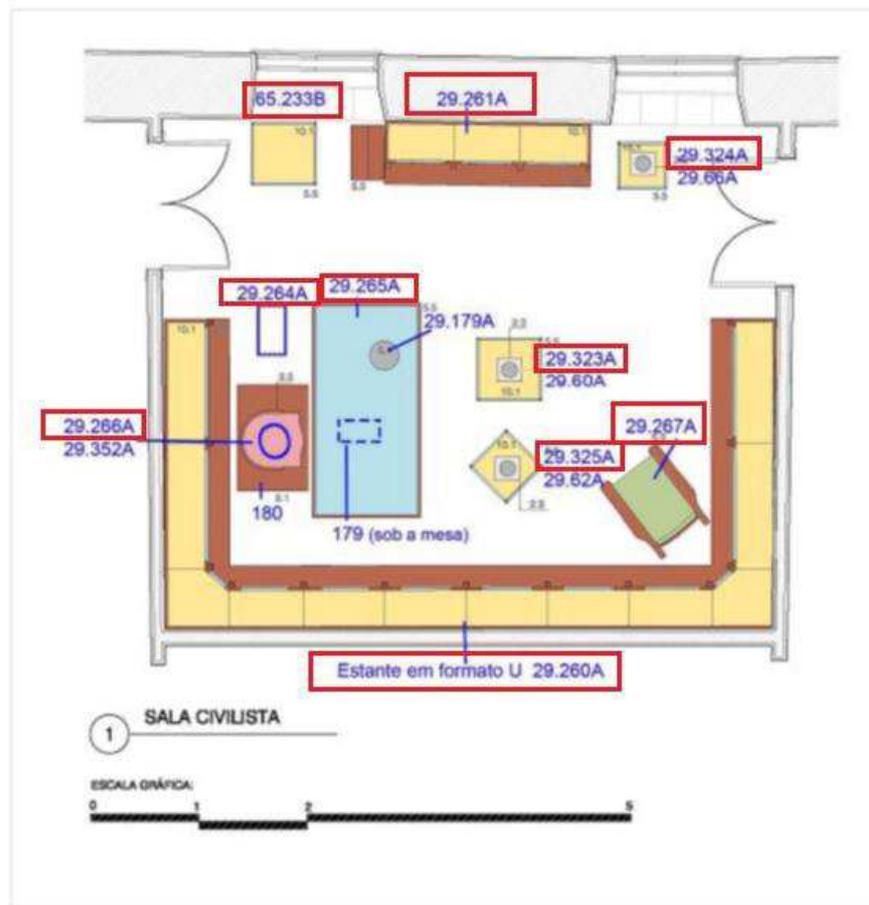
Quadro 7— Elementos dos saberes na Sala Civilista

<b>Materialidade dos saberes</b>		
	<b>Objeto</b>	<b>Nº de registro acervo museológico</b>
<b>Mobiliário</b>	Estante de livros	29.260A , 29.261A
	Estante de livros giratória	29.323A , 29.324A, 29.325A, 65.233B
	Estante para papéis	29.264A
	Mesa	29.265A
	Cadeira	29.266A
	Cadeiraespreguiçadeira	29.267A
<b>Inscrições dos saberes</b>		
Livros e possíveis notas manuscritas		

**Fonte:** a autora (2021). Elaborado a partir do Inventário Museu Casa de Rui Barbosa 2019-2020 (2020) e com base no *Thésaurus Savoirs*

<sup>93</sup> Sala Civilista: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/entidades-vinculadas/casa-de-rui-barbosa/atuacao/museu-e-jardim/visita-virtual-ao-museu/area-de-trabalho/gabinete-gotico>.

Planta 3 — Localização de elementos da materialidade dos saberes na Sala Civilista



**Fonte:** autora (2021) adaptado da Planta baixa com localização do acervo museológico na Sala Civilista (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2020, p. 36)

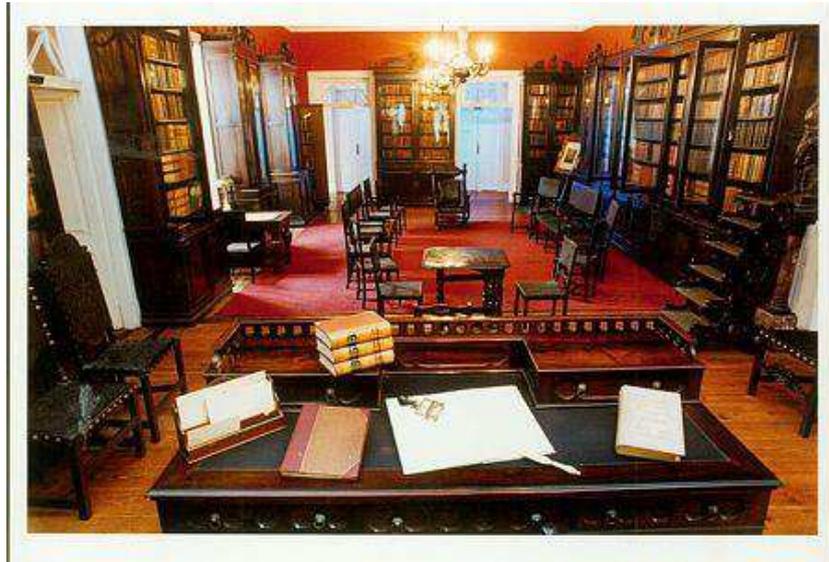
#### 4.2.2 Sala Constituição

A denominação desse cômodo alude à incumbência de revisar o projeto da Constituição de 1891<sup>94</sup>, a primeira Constituição do Brasil República.

<sup>94</sup> Constituição de 1891:

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/Constituicao1891>.

Fotografia 16 — Vista parcial da Sala Constituição



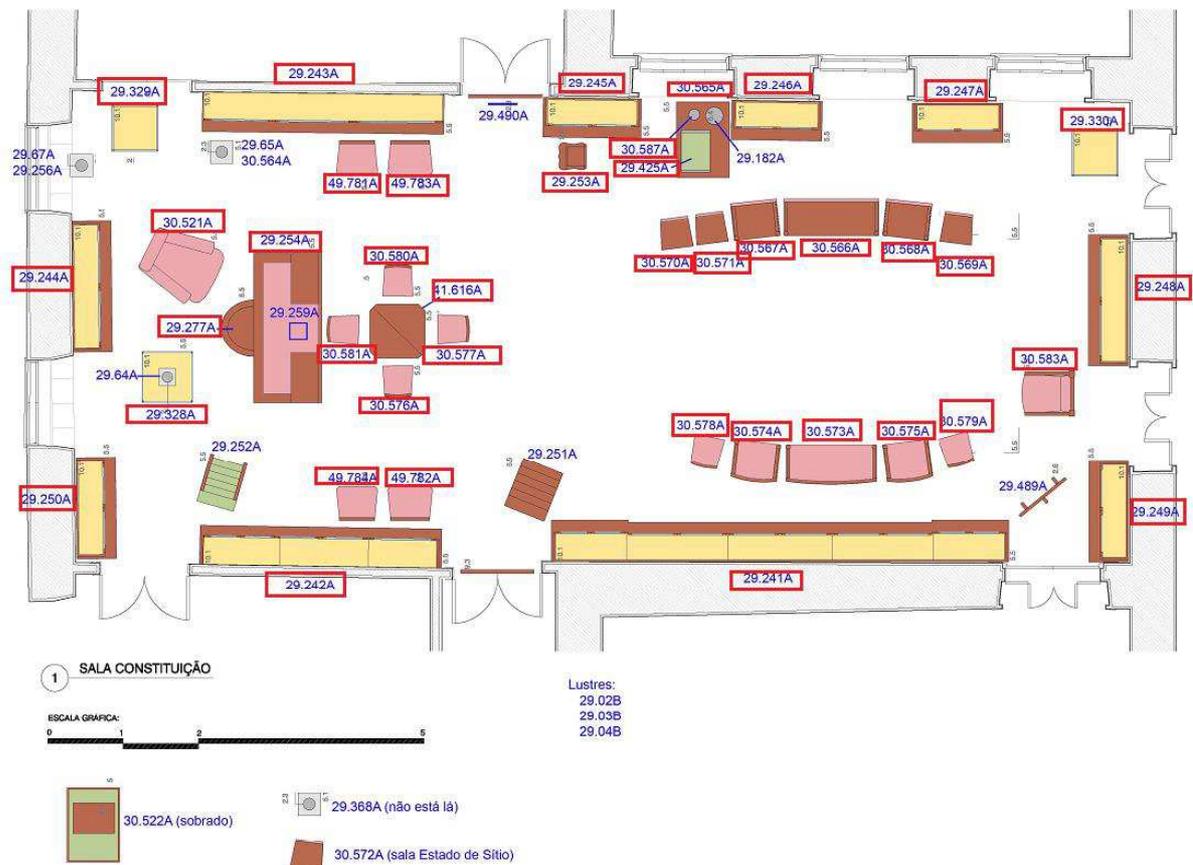
**Fonte:** REIS (*S.d.*)  
FCRB/Base de Dados Iconografia/Acervo do SAHI

Quadro 8 — Elementos dos saberes na Sala Constituição

Materialidade dos saberes		
	Objeto	Nº de registro acervo museológico
<b>Mobiliário</b>	Cadeira-escada	29.253A
	Cadeira secretária giratória	29.277A
	Cadeira de braços	30.567A,30.568A , 30.574A , 30.575A
	Cadeira	30.569A ,30.570A ,30.571A ,30.576A ,30.577A ,30.578A 30.579A , 30.580A , 30.581A, 49.781A , 49.782A , 49.783A 49.784A
	Canapé	30.566A , 30.573A
	Cadeira de balanço	30.583A
	Poltrona	30.521A
	Mesa de escrever	29.254A
	Mesa	30.565A , 41.616A
	Estante giratória	29.328A, 29.329A, 29.330A
	Estante de livros	29.241A, 29.242 A, 9.243A, 29.244A, 29.245A, 29.246 A, 29.247A, 9.248A , 29.249A,29.250A,
	<b>Instrumentos</b>	Mata-borrão
Tinteiro		30.583A
<b>Inscrição dos saberes</b>		
Livros e possíveis notas manuscritas		

**Fonte:** a autora (2021). Elaborado a partir do Inventário Museu Casa de Rui Barbosa 2019-2020 (2020) e com base no *Thésaurus Savoires*

Planta 4 — Localização de elementos da materialidade dos saberes na Sala Constituição



**Fonte:** autora (2021) adaptado da Planta baixa com localização do acervo museológico na Sala Constituição (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2020, p. 39)

#### 4.2.3 Sala Casamento Civil

Fez-se referência à atuação de Rui em favor da institucionalização do casamento civil. Nesse cômodo havia (e há) uma concentração de livros sobre questões jurídicas do matrimônio.

Fotografia 17 — Parte da Sala Casamento Civil



**Fonte:** Gautherot ([1974-1977])  
FCRB/Base de Dados Iconografia/Acervo do SAHI

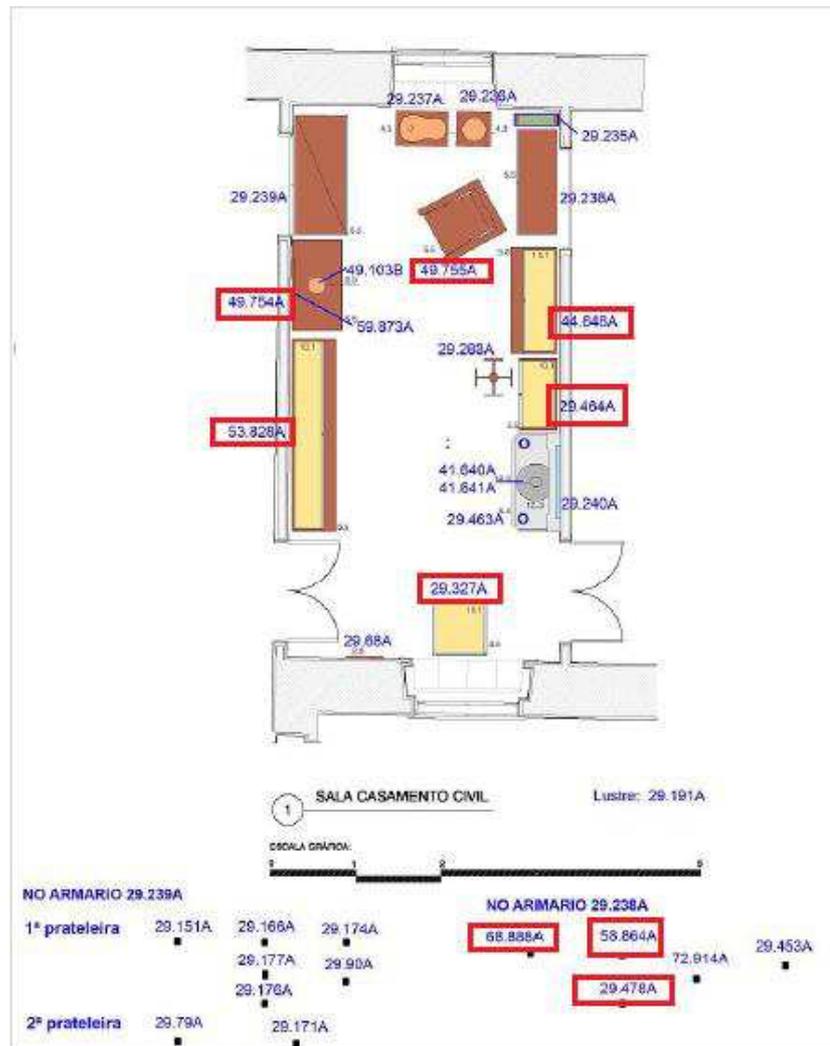
Quadro 9 — Elementos dos saberes na Sala Casamento Civil

<b>Materialidade dos saberes</b>		
	<b>Objeto</b>	<b>Nº de registro acervo museológico</b>
<b>Mobiliário</b>	Estante de livros	29.291A <sup>95</sup> , 44.648A, 53.828A
	Cadeira de braços	49.755A
	Secretária	49.754A
	Estante giratória	29.327A
<b>Instrumentos</b>	Pincenê	29.478A, 66.888A
	Óculos	58.864A
<b>Inscrição dos saberes</b>		
Livros e possíveis notas manuscritas		

**Fonte:** a autora (2021). Elaborado a partir do Inventário Museu Casa de Rui Barbosa 2019-2020 (2020) e com base no *Thésaurus Savoirs*

<sup>95</sup> Na planta não há indicação 29.291A mas sim 29.464A.

Planta 5 — Localização de elementos da materialidade dos saberes na Sala Casamento Civil



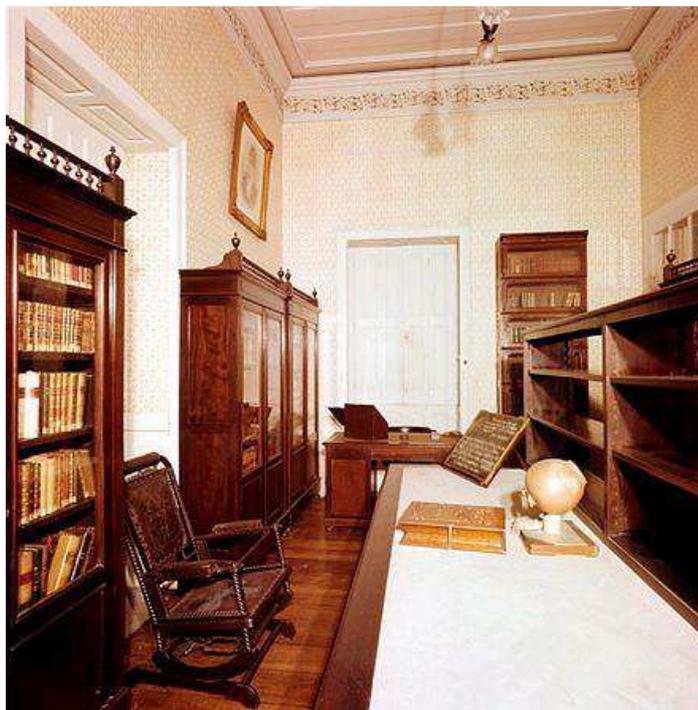
**Fonte:** autora (2021) adaptado da Planta baixa com localização do acervo museológico na Sala Casamento Civil (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2020, p. 42)

#### 4.2.4 Sala Código Civil<sup>96</sup>

Assim nomeada para memorar a revisão que Rui Barbosa fez do projeto do Código Civil, trabalho que gerou um parecer e, posteriormente, o documento intitulado Réplica.

<sup>96</sup> Aposento particular de Rui: [http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID\\_S=206&ID\\_M=200](http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID_S=206&ID_M=200).

Fotografia 18 — Mesão e algumas estantes da Sala Código Civil



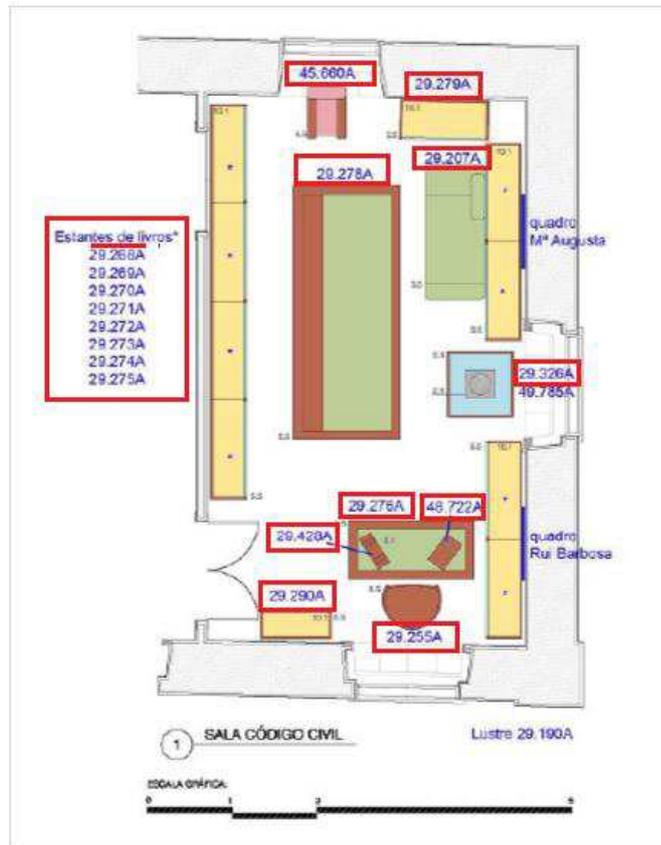
**Fonte:** Gautherot ([1974-1977])  
FCRB/Base de Dados Iconografia/Acervo do SAHI

Quadro 10 — Elementos dos saberes na Sala Código Civil

<b>Materialidade dos saberes</b>		
	<b>Objeto</b>	<b>Nº de registro acervo museológico</b>
<b>Mobiliário</b>	Cadeira	29.255A
	Estante	29.268A, 29.269A , 29.270 A, 29.271A 29.272A , 29.273A, 29.274A , 29.275A, 29.279A , 29.290A
	Mesa	29.276A , 29.278A
	Estante de livros giratória	29.326A
	Cadeira de balanço	45.660A
	Preguiceiro	29.207A
<b>Suporte</b>	Bibliocanto	29.428A
	Papeleira	48.722A
<b>Inscrição dos saberes</b>		
Livros e possíveis notas manuscritas		

**Fonte:** a autora (2021). Elaborado a partir do Inventário Museu Casa de Rui Barbosa 2019-2020 (2020) e com base no *Thésaurus Savoirs*

Planta 6 — Localização de elementos da materialidade dos saberes na Sala Código Civil



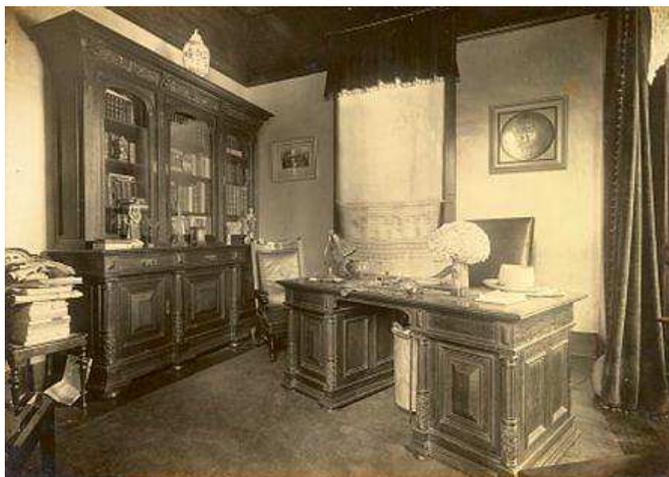
**Fonte:** autora (2021) adaptado da Planta baixa com localização do acervo museológico na Sala Código Civil (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2020, p. 45)

#### 4.2.5 Sala de Haia<sup>97</sup>

Trata-se, de acordo com Scarpeline (2009), de simulacro do escritório que Rui Barbosa tinha em sua casa de Petrópolis (Imagem 13). Para o museu-casa, o cômodo que foi o quarto de uma das filhas de Rui Barbosa recebeu parte do mobiliário do gabinete da casa de veraneio e foi denominado Sala de Haia (Fotografia 19) em virtude da participação de Rui na Segunda Conferência Internacional da Paz em 1907, na cidade de Haia, Holanda. Nessa ocasião, Rui adquiriu o mobiliário por isso chamava seu escritório em Petrópolis de gabinete holandês.

<sup>97</sup> Escritório: [http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID\\_S=206&ID\\_M=203](http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID_S=206&ID_M=203).

Imagem 13 — Escritório de Rui Barbosa na casa de Petrópolis



**Fonte:** VIEIRA, (2006)<sup>98</sup>  
FCRB/Base de Dados Iconografia/Acervo do SAHI

Fotografia 19 — Uma das estantes e parte da mesa da Sala de Haia



**Fonte:** Gautherot ([1974-1977])  
FCRB/Base de Dados Iconografia/Acervo do SAHI

---

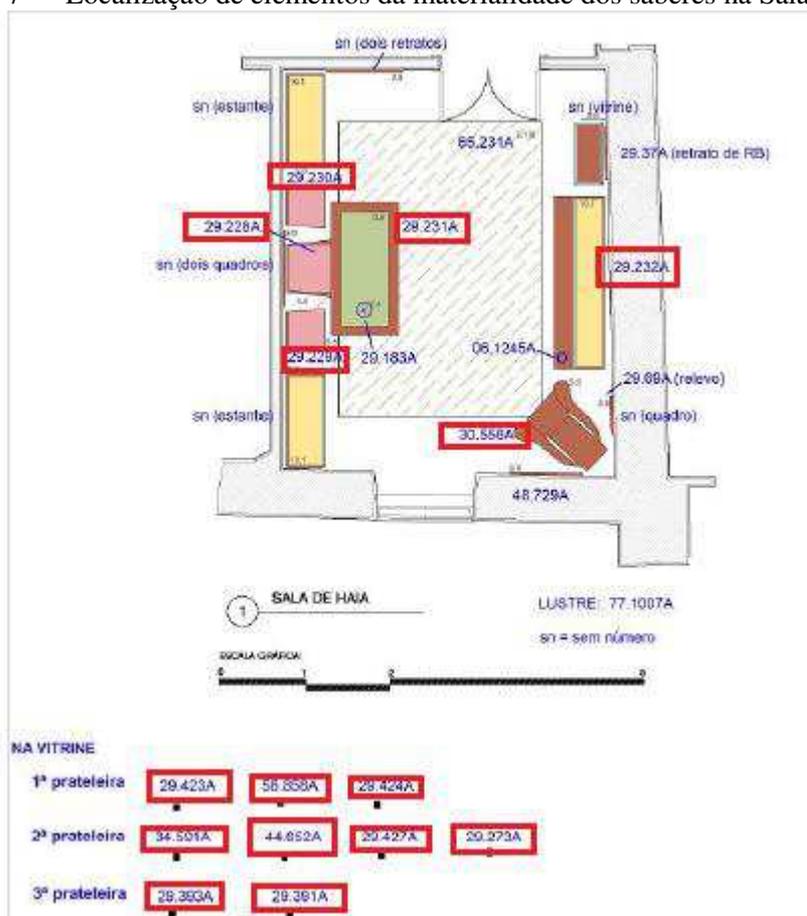
<sup>98</sup> Data da imagem digital.

Quadro 11— Elementos dos saberes na Sala de Haia

Materialidade dos saberes		
	Objeto	Nº de registro acervo museológico
<b>Mobiliário</b>	Cadeira	29.229A , 29.230A
	Estante	29.232A
	Mesa de escrever	29.231A
	Cadeira de braços	29.228A , 30.558A
<b>Instrumentos</b>	Caneta de pena	29.373A <sup>99</sup> , 44.652A , 58.858A
	Espátula em marfim	29.391A
	Carimbador	29.423A
	Lupa	29.424A
	Porta-penas	29.427A
	Tinteiro	34.591A
	<b>Suporte</b>	Pasta de documentos
Inscrição dos saberes		
Livros e possíveis notas manuscritas		

**Fonte:** a autora (2021). Elaborado a partir do Inventário Museu Casa de Rui Barbosa 2019-2020 (2020) e com base no Thésaurus Savoires

Planta 7 — Localização de elementos da materialidade dos saberes na Sala de Haia

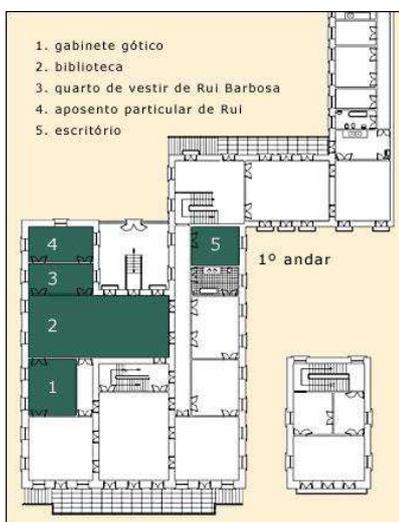


**Fonte:** autora (2021) adaptado da Planta baixa com localização do acervo museológico na Sala de Haia (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2020, p. 16)

<sup>99</sup> Na planta não há indicação 29.373A mas sim de 29.273A.

Assim, hoje o visitante vê a biblioteca por cinco cômodos do museu conforme abaixo:

Planta 8 — Área de Trabalho do Museu Casa de Rui Barbosa



Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa (2005)

### 4.3 Patrimônio bibliográfico: um tema em evolução

Para iniciar a reflexão sobre o tema, apresentamos patrimônio bibliográfico pelas autoras portuguesas Faria e Pericão (2008, p. 565) que o definem como “conjunto das espécies bibliográficas, seja qual for o seu tipo de suporte, acumuladas ao longo dos séculos e que veiculam a herança cultural de um povo”.

Em artigos, Santos e Reis (2018) abordaram os marcos da proteção legal do patrimônio bibliográfico no Brasil por meio de uma revisão de leis, enquanto Azevedo (2021), nome que é referência em patrimônio bibliográfico e documental no país, apresentou uma discussão conceitual sobre esse tema. Souza (2017) abordou o patrimônio bibliográfico em Ciência e Tecnologia no contexto universitário, tendo como estudo de caso a Biblioteca Paulo Geyer. Nesse estudo a autora evidenciou a “existência de patrimônios ‘escondidos’ nas universidades” (SOUZA, 2017, p. 104).

Por meio do artigo de Santos e Reis (2018) atentamos para o fato da origem da noção de patrimônio bibliográfico no Brasil ter nascido com um caráter vago. O decreto-lei nº 25 de 1937, que tratou da organização do patrimônio histórico e artístico nacional, incluiu o valor bibliográfico como um dos critérios aplicáveis aos bens culturais, porém, como destacaram Santos e Reis (2018), não houve explicitação acerca de tal valor.

De acordo com Santos e Reis (2018), o patrimônio bibliográfico no Brasil foi discutido com base na tríade ilustrada a seguir:

Desenho 4 — Aspectos da discussão sobre patrimônio bibliográfico no Brasil



Fonte: própria autora (2019), adaptado de Santos e Reis (2018).

Se no Brasil o problema da imprecisão dos conceitos é evidente — “a indefinição terminológica no campo do patrimônio cultural se estende a suas diferentes modalidades e aos seus respectivos bens constituintes” (SANTOS; REIS, 2018, p. 228) —, em alguns países da América Latina, como Colômbia e México, e da Europa, o conceito de patrimônio bibliográfico e/ou a noção sobre seus valores vem se desenvolvendo de maneira profusa e abrangente, aproximando-se do binômio memória-identidade.

O México tem sido uma referência na reflexão acerca de patrimônio bibliográfico, sendo o bibliotecário Juan Miguel Palma Peña (2011, 2013, 2014) um pesquisador que tem se dedicado ao tema. Dentre questões abordadas em alguns de seus textos destacam-se: a necessidade de formação em valores sociais e patrimoniais para a conscientização sobre patrimônio documental; a relação entre patrimônio bibliográfico e documental e os direitos culturais; e uma extensa revisão (de leis, conceitos e informações) sobre patrimônio bibliográfico e documental da humanidade.

A compreensão sobre patrimônio bibliográfico e documental sugerida por Palma Peña (2013) é ampla e apresenta os suportes bem caracterizados, sem estabelecer marcos temporais e, independentemente de critérios estéticos, considerando todas as expressões e criações

que foram produzidas como testemunho fiel do desenvolvimento das sociedades; e que foram expressas em manuscritos, impressos, mídias audiovisuais, documentos eletrônicos, etc., cuja finalidade é armazenar, transmitir, preservar, conservar, comunicar e divulgar a soma de conhecimento que contêm (PALMA PEÑA, 2013, p. 34, tradução nossa).

No panorama europeu, Gómez Gómez (2012), a partir de reflexão sobre o Patrimônio Documental e Bibliográfico da Andaluzia, comunidade autônoma da Espanha, apontou como seus valores: histórico e intelectual — compreendidos os bens escritos do passado e do presente como fontes para conhecer a história da humanidade; representativo e simbólico — pelo potencial de simbolizar uma cultura; e social e político — na medida em que os bens escritos custodiados em arquivos e bibliotecas fazem dessas instituições fundamentais para o desenvolvimento das sociedades democráticas.

Os valores destacados no exemplo andaluz se coadunam com uma das ideias de Palma Peña (2011) sobre o quanto o patrimônio bibliográfico influencia as sociedades em decorrência de promoverem identidade e de propiciarem a transmissão de conhecimentos ao longo do tempo.

De acordo com Gómez Gómez (2012), os livros e documentos, qualquer que seja a época em que foram produzidos, são objetos complexos pois se caracterizam como bens culturais tanto materiais quanto imateriais. Além dos aspectos próprios da materialidade, como bens culturais, “livros e documentos autênticos carregam uma mensagem que lhes outorga verdadeira razão de ser” (GÓMEZ GÓMEZ, 2012, p. 1038, tradução nossa).

Nesse sentido, Palma Peña (2009) aponta as seguintes características que podem ser observadas em um impresso: a intelectual, relacionada a autoria e a outras funções de responsabilidade pela concepção da obra; a material, concernente aos insumos e processos de produção; e a gráfica, que compreende aspectos estéticos e elementos incluídos posteriormente à publicação da obra como marcas de propriedade.

Portanto, a ideia sobre patrimônio bibliográfico tem sido centrada no valor emanado dos itens, visto que eles representam a materialização de expressões culturais e do desenvolvimento literário, científico e tecnológico da sociedade. A reflexão que se segue é fruto de inquietação provocada pela percepção de que o patrimônio bibliográfico pode se manifestar em outra camada que não baseada na representatividade intelectual, material ou gráfica de um bem ou de conjunto de bens materiais em relação a um grupo cultural.

#### **4.4 Algumas reflexões: endogenia e exogenia no campo do patrimônio bibliográfico**

Quem determina o que é ou não patrimônio? Melot (2004) admitiu um objeto patrimonial como primordial para a existência de um grupo. As comunidades se representam

em objetos — por isso o caráter simbólico —, os bens patrimoniais. Assim, o patrimônio cultural são tais objetos validados pela comunidade.

Se patrimônio está relacionado à identidade, na medida em que as pessoas se reconhecem e identificam os outros em um objeto ou num conjunto de objetos — que são manifestações materializadas das diversas expressões da sociedade — tem-se, então, a noção de patrimônio.

No contexto deste estudo, o entendimento sobre patrimônio bibliográfico se expressa na ideia de conjunto; na importância de dissociar a concepção de patrimônio bibliográfico da necessidade de chancelas do Estado ou de instituições certificadoras e, ainda, que o reconhecimento de um item ou de um conjunto deles como patrimônio bibliográfico independe do enquadramento em conceitos relacionados à raridade, de antiguidade das publicações ou da luxuosidade dos materiais.

O conjunto representativo do patrimônio bibliográfico nacional é a soma de itens singulares reconhecidos como patrimônio, de grupos desses itens e da rede de instituições que é a guardiã desse patrimônio, como bibliotecas de diversos tipos e outras organizações que possuem acervos bibliográficos. Se patrimônio bibliográfico é conjunto, tais organizações representam, simultaneamente, conjuntos e subconjuntos: elas preservam, disseminam e produzem elementos do patrimônio bibliográfico.

Dando prosseguimento à reflexão sobre outra interpretação para patrimônio bibliográfico, parte-se da premissa que qualquer item ou conjunto de itens bibliográficos tem valor para alguém. A validação dar-se-ia por meio da representatividade de uma personalidade física ou jurídica em uma comunidade — isto é, o elo identitário desse ente com um grupo — que se transmite para um ou mais objetos, tornando-o, portanto, um objeto com valor patrimonial. Na presente discussão, patrimônio bibliográfico.

Assim, a patrimonialização dar-se-ia por uma espécie de hereditariedade, já que a relevância sociocultural atribuída a um indivíduo ou a uma instituição por uma comunidade seria então transmitida a um conjunto de itens que pertenceu àquela personalidade ou organização, tal qual os descendentes (aqui objetos/materiais bibliográficos herdam características de seus ascendentes (proprietários de outrora). O potencial patrimonial migra do sujeito possuidor para o objeto possuído.

Expõe-se aqui, portanto, a percepção sutil de duas instâncias patrimonializantes para um item bibliográfico ou um conjunto deles. Uma endógena, emanada das características intrínsecas e extrínsecas “originais” de um objeto. No caso dos itens bibliográficos, por seu

conteúdo intelectual e/ou aspectos materiais, ou seja, os itens representativos da expressão cultural de um grupo.

A outra instância, exógena, seria aquela associada ao contexto histórico e social focado num indivíduo ou organização: o fato da obra de ter sido possuída por alguém com laço identitário com um grupo, o uso e/ou quem/como fez uso de determinado item ou conjunto de itens.

Se a ideia de patrimônio está associada à identidade, a segunda perspectiva mencionada acima (exógena) reflete as coleções bibliográficas que podem expressar relação identitária em nível institucional, proveniente da associação entre “coleção possuída”, “possuidor” e a instituição que custodia a coleção, e não uma relação de reconhecimento identitário direto entre uma comunidade e certo item bibliográfico ou conjunto de itens bibliográficos tendo em vista seu sentido textual e/ou material.

Antes de avançar na reflexão é importante resgatar a ideia de valor sob duas perspectivas relevantes para o contexto desta investigação.

No campo da Conservação do Patrimônio, Riegl (2014)<sup>100</sup> apresentou os valores de memória e de atualidade atribuíveis aos monumentos. Monumento seria uma obra de arte ou escrita “[...] criada pela mão do homem e elaborada com o objetivo determinante de manter sempre presente na consciência das gerações futuras algumas ações humanas ou destinos (ou a combinação de ambos).” (RIEGL, 2014, p. 31). Nos estudos sobre museus-casas, Ponte (2017) abordou a discussão sobre valores dos objetos. O quadro abaixo apresenta os conceitos de valores por esses autores:

Quadro 12 — Valores dos monumentos e valores dos objetos em museus-casas

<b>Valores memoriais dos monumentos (RIEGL, 2014)</b>	
<b>Valor de Antiguidade</b>	Representa o aspecto não moderno do monumento, incluindo sinais de desgaste, de passagem do tempo. É um valor validado por todos mediante as características evidentes.
<b>Valor Histórico</b>	Nessa perspectiva o monumento é testemunho, possui valor documental. Deve ser preservado preventivamente para manter-se mais próximo ao seu estado original.
<b>Valor Volível de Memória ou de Comemoração</b>	Apresenta ligação com o presente já que a construção do monumento visava, desde o início, a consciência das gerações futuras. [...] “trata-se de um valor que nos é transmitido pelo autor ou é por nós atribuído e que transcende o valor histórico.” (NOTA da edição brasileira, 2014, p. 25)
<b>Valores de atualidade dos monumentos (RIEGL, 2014)</b>	

<sup>100</sup> O texto original *Der Moderne Denkmalkultur: Sein Wesen Und Seine Entstehung* é de 1903. A edição consultada pela pesquisadora é a da editora Perspectiva, traduzida em português e publicada em 2014.

<b>Valor utilitário ou de uso</b>	A manutenção da utilidade de um monumento
<b>Valor de Arte</b>	<b>Valor de Novidade:</b> Valor pela integridade formal do monumento, isto é, enquanto se apresenta visualmente novo, com aspecto de “novidade”
	<b>Valor de Arte Relativo:</b> valorização puramente estática baseada na sensibilidade moderna
<b>Valores dos objetos em museus-casa (PONTE, 2017)</b>	
<b>Valor Financeiro</b>	Ligado ao preço estipulado pelo mercado considerando-se uma série de variáveis
<b>Valor Artístico</b>	Valor do objeto que é representativo de alguma corrente artística
<b>Valor Histórico</b>	“relaciona-se com o valor do bem na perspectiva da leitura histórica e da sua importância e o seu enquadramento no devir do tempo, com valor de antiguidades, autenticidade e de marco de civilização;” (PONTE, 2019, p. 121)
<b>Valor Sentimental</b>	Ligado ao apreço que o possuidor tem pelo seu objeto
<b>Valor de Função/Contexto</b>	“reflete a importância que o objeto tem no contexto de vivência com o patrono ou a comunidade da casa onde se encontra.” (PONTE, 2019, p. 121)

**Fonte:** autora (2021) a partir de Riegl (2014) e Ponte (2017)

Os valores mencionados representam outra instância patrimonializante que não aquela atrelada às propriedades endógenas emanadas das características intrínsecas e extrínsecas “originais” de um item bibliográfico ou de um conjunto deles, ou seja, pelo conteúdo intelectual e/ou aspectos materiais tidos como representantes da expressão cultural de um grupo, os itens representativos de certa identidade cultural. Esses valores revelam uma instância patrimonializante exógena para um item bibliográfico ou um conjunto deles, o fato de ter(em) sido possuído(s) por alguém com quem um grupo reconhece um laço identitário ou em razão do uso e/ou quem/como fez uso de determinado item ou conjunto de itens.

Esse entendimento justifica considerar patrimônio bibliográfico um acervo completo (ou parte dele) que tenha pertencido a uma personalidade, ainda que o conjunto seja temática, cronológica e materialmente heterogêneo.

Desse modo, apropriando-nos do conceito de valor histórico dos monumentos — o monumento possui valor documental (RIEGL, 2014) — ou atribuindo esse valor à Biblioteca de Rui Barbosa, considerada anteriormente como monumento, e conferindo a essa biblioteca também o valor de função/contexto, por meio do qual os objetos do museu-casa “valem pelo contacto que estabeleceram com determinada personalidade, não devendo ser estudados desenquadrados da vivência da pessoa que os possuiu (PONTE, 2017, p.120), consideramos o acervo bibliográfico que pertenceu a Rui Barbosa como patrimônio bibliográfico, ainda que o conjunto seja temática, cronológica e materialmente heterogêneo.

Em se tratando de uma biblioteca de museu-casa incide a propriedade que esse tipo de museu tem de reunir patrimônio material e imaterial (PONTE, 2017) pois,

Ao visitarmos estes espaços contactamos com objetos, mas não uns quaisquer objetos, com os objetos que uma pessoa ou um grupo utilizou no seu dia a dia, reflexo das suas atividades profissionais, dos seus gostos, mas também determinantes para a sua vivência, para as experiências gastronómicas e/ou profissionais (PONTE, 2017, p. 119).

Essa instância exógena tem afinidade com uma interpretação que Azevedo (2021) apresentou a partir da ideia de patrimônio bibliográfico local evidenciada por Raphaëlle Mouren, nas palavras dele a noção de “Um conjunto de livros que está imbricado de algum modo com as pessoas e suas histórias.” (AZEVEDO, 2021, p. 202).

Por essa ótica, o autor destacou a iniciativa do Projeto Memorial do Livro Moronguêta<sup>101</sup>. Sediado em Belém, Pará, teve seu início em 2012 com o objetivo de reunir bibliotecas particulares que pertenceram a intelectuais daquele estado, inclusive alguns dos seus objetos pessoais relacionados aos espaços onde estavam as coleções e /ou se dedicavam à leitura e à produção intelectual. Alguns exemplos de objetos recolhidos são par de óculos, par de bibliocantos, cadeiras etc. (MEMORIAL DO LIVRO MORONGUÊTÁ, c2019).

Na perspectiva de monumento, ainda podemos atribuir à Biblioteca de Rui Barbosa o valor de uso ou utilitário. Pelo fato de a biblioteca estar acessível para consulta, continua servindo ao propósito de fomentar pesquisas e ser uma fonte de informação. Os livros continuam sendo ferramentas de trabalho.

Para ilustrar a apropriação dos conceitos de endogenia e exogenia no contexto do patrimônio bibliográfico, apresentam-se as seguintes abstrações: os folhetos de cordel escritos por um cordelista de Crato seriam patrimônio bibliográfico “endógeno” no mínimo para a comunidade cratense, identificação que poderia se desdobrar em outros níveis políticos-territoriais (reconhecimento pelo estado do Ceará e/ou pelo país), assim como, suponhamos, a primeira edição publicada do parecer feito por Rui Barbosa sobre a redação do Código Civil que viria a ser publicado em 1916 também seria patrimônio bibliográfico “endógeno” para a FCRB ou até mesmo para o Senado Federal.

Do mesmo modo, a primeira edição da tradução feita por Rui Barbosa da obra *Der Papst und das Konzil*<sup>102</sup>, de Johann Joseph Dolinger, do alemão para português, seria patrimônio bibliográfico “endógeno” para a FCRB e/ou para uma associação de tradutores, ainda, para a comunidade alemã no Brasil.

---

<sup>101</sup> Memorial do Livro Moronguêta: <http://moronguetaufpa.blogspot.com/>.

<sup>102</sup> O papa e o concílio.

Por outro lado, a biblioteca que pertenceu a Rui Barbosa, ou seja, o acervo reunido por ele ao longo da vida seria patrimônio bibliográfico “exógeno” para entidades ou grupos que assim o reconhecessem: a Ordem dos Advogados do Brasil ou um curso de Direito de qualquer universidade brasileira podem considerar essa biblioteca patrimônio bibliográfico, sobretudo em função das obras jurídicas que compõem o conjunto. Em se tratando da FCRB, a relação identitária é mais evidente já que foi a biblioteca pessoal de quem dá nome à própria instituição da qual faz parte e, mesmo nesse caso, tal acervo seria patrimônio bibliográfico por exogenia.

Embora pareça óbvio que a coleção reunida por Rui Barbosa seja patrimônio bibliográfico a partir do contexto da FCRB, é importante ponderar que o alto grau de explicitabilidade de uma relação identitária *per se* não é engessada ou excludente, de modo que outros grupos também podem validar um acervo como patrimônio bibliográfico ainda que não se tenha a custódia ou a posse desse acervo.

A caracterização de patrimônio bibliográfico como endógeno ou exógeno nos exemplos acima foi empregada com o intuito de ilustrar as duas camadas de significados pelas quais podem se manifestar o patrimônio bibliográfico.

Esse capítulo buscou traçar um histórico da passagem da *Bibliotheca* do Rui Barbosa, após o falecimento dele, para a Biblioteca de Rui Barbosa, uma biblioteca de museu-casa, considerando procedimentos de cunho administrativo e biblioteconômicos que marcaram sua institucionalização. Atribuímos o conceito de “filiação inversa” (DAVALLON, 2000; 2002) ao processo de patrimonialização da casa e, por conseguinte, da biblioteca.

Pelo fato de a biblioteca ter deixado de ser a biblioteca particular coetânea de seu proprietário Rui Barbosa e passado a ser uma biblioteca de museu-casa, resgatamos o conceito de lugares de saber para aplicar à biblioteca no contexto museológico, no qual consideramos os cômodos e os dispositivos que compunham a biblioteca da casa e dos quais Rui Barbosa fazia uso como ex-lugares ruianos de saber.

Trouxemos o tema patrimônio bibliográfico para pensar a biblioteca de museu-casa do MCRB. Recorremos aos conceitos de valores memoriais e de atualidade dos monumentos (RIEGL, 2014) e de valor dos objetos em museus-casas (PONTE, 2017) para explicar a Biblioteca de Rui Barbosa como patrimônio bibliográfico. Introduzimos reflexão sobre instâncias endógenas e exógenas para o patrimônio bibliográfico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a pesquisa que resultou nessa dissertação nos propusemos a pensar a metamorfose subjetiva da biblioteca domiciliar em biblioteca de museu-casa tendo como caso ilustrativo a Biblioteca de Rui Barbosa do MCRB. O que pretendemos expressar por meio de tal reflexão?

A abordagem da pesquisa foi centrada na Biblioteca como entidade, configurada pela conjunção de ambiente, de mobiliário e da coleção. Por isso entendemos que a *Bibliotheca* do Rui Barbosa, a Biblioteca contemporânea de seu proprietário, após a musealização da casa, tendo se tornado Biblioteca de Rui Barbosa, transformou-se em outra entidade dadas as diferenças percebidas entre a existência como a biblioteca particular de Rui Barbosa em sua residência e como a biblioteca do MCRB.

A biblioteca (coleção) é a mesma, ou seja, aquela que Rui Barbosa reuniu, porém a *Bibliotheca* do Rui Barbosa se constituía de um outro espaço de interações. Enquanto a Biblioteca da casa foi um ambiente de prática de leitura, a Biblioteca do museu-casa já não é lugar de leitores. Eles existem mas não os vemos porque a leitura precisa ser praticada fora da Biblioteca.

No contexto museológico o mobiliário original tornou-se museália. Embora as estantes de livros não tenham sido desfuncionalizadas, ou seja, elas continuam a guardar os volumes que Rui acumulou ao longo da vida, potenciais leitores e/ou os visitantes do museu não podem estabelecer uma relação dialógica intensa com elas porque não podem explorá-las com suas próprias mãos. A interação entre eles e as estantes dura o tempo do contato visual e depende do quanto os olhos conseguirão decodificar das lombadas no decurso da visita ao museu-casa.

Destarte a *Bibliotheca* do Rui Barbosa foi um lugar de saber assim como a Biblioteca de Rui Barbosa também é, trata-se de lugares de saber diferentes. Observamos, por exemplo, que a prática de estudo e leitura já não acontece na Biblioteca do museu-casa. Quanto a episódios de socialização, se, por um lado, na Biblioteca da casa, Rui se reunia com amigos e colegas para reuniões e conversas, que são práticas de saber, por outro, na Biblioteca do museu-casa, as visitas guiadas ou aquelas dramatizadas, que ocorrem em função da série intitulada “Um Domingo na Casa de Rui Barbosa”, são também práticas de saber.

Por essas reflexões declaramos metamorfose subjetiva pois, embora a *Bibliotheca* do Rui Barbosa seja a origem da Biblioteca de Rui Barbosa ou ainda, a biblioteca do museu-casa seja o *continuum* da biblioteca da casa, consideramos essas Bibliotecas sujeitos distintos.

## REFERÊNCIAS

- ABBOTSFORD. [Sem título]. [S.d]. Disponível em: <https://www.scottsassbotsford.com/visit/the-house/the-library/187>. Acesso em: 21 jan. 2021.
- ABREU, Regina. Chicletes eu misturo com bananas? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005. p. 27-42.
- ACKERMAN, Ada. **A Biblioteca infinita de Sergei Eisenstein**. Tradução para o português Camila Cavalcante, Mônica Oliveira. São Paulo: Kinoruss, 2019.
- AFONSO, Micheli Martins; SERRES, Juliane Conceição Primon. Casa-museu, Museu-casa, Casa histórica: um lugar de memórias. **Revista VOX MUSEI arte e patrimônio**, v. 1, n. 1, p. 39–47, 28 jan. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/voxmusei/article/view/6748>. Acesso em: 1 mar. 2020.
- AFONSO, Micheli Martins **Uma abordagem brasileira sobre a temática das Casas-Museu: classificação e conservação**. 2016. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em: [repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/5426/1/Micheli%20Martins%20Afonso\\_Dissertacao.pdf](repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/5426/1/Micheli%20Martins%20Afonso_Dissertacao.pdf). Acesso em: 2 jun. 2021.
- AGÊNCIA LUSA. Arquivo-Biblioteca Ephemera aumenta capacidade com novo armazém no Barreiro. Observador. 21 fev. 2020. Disponível em: <https://observador.pt/2020/02/21/arquivo-biblioteca-ephemera-aumenta-capacidade-com-novo-armazem-no-barreiro/>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 55(3), p. 4, 1933. Disponível em: [http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=anais\\_bn\\_wi&Pesq=Calasans%20Rodrigues&pagfis=15200](http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=anais_bn_wi&Pesq=Calasans%20Rodrigues&pagfis=15200). Acesso em: 26 maio 2021.
- A PESQUISA na Biblioteca de Fernando Py. Responsáveis: Prof. Dr. Fabiano Cataldo; Profa. Ma. Stefanie Freire. Webinar "Fernando Py e sua Biblioteca Particular Privada". Rio de Janeiro: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Patrimônio Bibliográfico e Documental, 10 set. 2020. 1 vídeo (2h08min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MOQAD1PJiIM>. Acesso em: 16 set. 2020.
- ARTHUR, John. The library at the Mount, in western Massachusetts. In: LASKY, Julie. *Appreciating Edith Wharton's Other Career*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2012/08/30/garden/appreciating-edith-whartons-other-career.html>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 115–127, 8 ago. 2016. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=642>. Acesso em: 12 nov. 2020.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. A doação da biblioteca João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura: aspectos de uma história pouco conhecida. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 3, p. 233-249, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/38934>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

AZEVEDO, Fabiano; SILVA, Elisangela; SILVA, Katia Leal da. Bibliófilas, sim! Breves apontamentos sobre duas bibliotecas de mulheres brasileiras. *Herança: revista de história, cultura e patrimônio*, Lisboa, p. 87-123, v. 3, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.ponteditora.org/index.php/heranca/article/view/231>. Acesso em: 20 mar. 2021.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. Perspectiva e apontamentos sobre patrimônio bibliográfico e documental. In: LOSE, Alicia Duhá, MAGALHÃES, Lívia Borges Souza, MAZZONI, Vanilda Salignac (org.). *Paleografia e suas interfaces*. Salvador: Memória & Arte, 2021. p. [177]-221. *E-book*

BARBOSA, Rui. **Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947. (Obras Completas de Rui Barbosa, v. 10, t. 3, 1883). Disponível em: [http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=ObrasCompletasRuiBarbosa&pasta=Vol.%20X%20\(1883\)\Tomo%20III&pesq=cultura&pagfis=1657](http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=ObrasCompletasRuiBarbosa&pasta=Vol.%20X%20(1883)\Tomo%20III&pesq=cultura&pagfis=1657). Acesso em: 4 abr. 2021.

BARBOSA, Rui. **Discursos parlamentares**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1985. (Obras Completas de Rui Barbosa, v. 23, t. 5, 1896). Disponível em: [http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=ObrasCompletasRuiBarbosa&pasta=Vol.%20XXIII%20\(1896\)\Tomo%20V&pesq=biblioteca&pagfis=11159](http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=ObrasCompletasRuiBarbosa&pasta=Vol.%20XXIII%20(1896)\Tomo%20V&pesq=biblioteca&pagfis=11159). Acesso em: 22 maio 2021.

BARROS, Manoel de. Manoel de Barros busca o sentido da vida. [Entrevista cedida a] José Castelo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, caderno , p. D12, 3 ago 1996.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 215-225. (Obras Escolhidas, v.1).

BIBLIOTECA de museu. In: CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. *E-book*. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>. Acesso em: 19 nov. 2019.

BIBLIOTECA de museu. In: FARIA, M. I.; PERICÃO, M. G. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: Edusp, 2008. p. 101.

BIBLIOTECA pessoal. *In*: CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. Disponível <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>. Acesso em: 15/02/2020.

BIBLIOTECA privada. *In*: BUONOCORE, Domingo. **Diccionario de bibliotecología**: terminos relativos a la bibliologia, bibliografia, bibliofilia, biblioteconomia, archivologia, documentologia, tipografia y materias afines. 2. ed. aum. Buenos Aires: Marymar, 1976. p. 84.

BIBLIOTECA privada. *In*: FARIA, M. I.; PERICÃO, M. G. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008. p. 104.

BIBLIOTHECA do Cons.º Ruy Barbosa: relação dos livros. [Rio de Janeiro], 1923. 7 v.

BIERBAUM, Esther Green. **Museum librarianship**. Second edition. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, 2000. *Ebook*.

BORGES, Caio. Sem título. 1 ilustração. *In*: THOMSOM-DEVEAUX, Flora. **A gestação do menino-diabo**: como traduzir Memórias Póstumas de Brás Cubas para o inglês com dicionários frágeis e bases de dados gigantescas. **Revista Piauí**, edição 165, jun. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/gestacao-do-menino-diabo/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110406compilada.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm). Acesso em 2 mar. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 17.758, de 4 de abril de 1927**. Crea o Museu Ruy Barbosa e aprova o seu regulamento. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-17758-4-abril-1927-500996-republicacao-86883-pe.html>. Acesso em: 21 nov. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 4.789, de 2 de janeiro de 1924**. Autoriza o Poder Executivo a adquirir a casa em que residiu, o senador Ruy Barbosa, com mobiliário, bibliotheca, arquivo. etc.. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4789-2-janeiro-1924-565500-publicacaooriginal-89254-pl.html>. Acesso em: 21 nov. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 5.429, de 9 de janeiro de 1928**. Crêa a "Casa de Ruy Barbosa". Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-5429-9-janeiro-1928-562193-publicacaooriginal-86048-pl.html>. Acesso em: 21 nov. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 22.168, de 25 de novembro de 1946**. Aprova o Regimento da casa de Rui Barbosa do Ministério da Educação e Saúde. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/442419/publicacao/15676351>. Acesso em: 12 maio 2021.

BRULON, Bruno. Os objetos de museus, entre a classificação e o devir. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 25, n. 1, p. 037–037, 29 jan. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/025>. Acesso em: 10 mar. 2021.

CALVA GONZÁLEZ, Juan José. El coleccionista, su colección y la biblioteca personal: la práctica de coleccionar. **Biblioteca Universitaria**, Mexico, D. F., v. 20, n. 2, p. 133–139, 1 dez. 2017. Disponível em: <https://bibliotecauniversitaria.dgb.unam.mx/rbu/article/view/187>. Acesso em: 6 jan. 2020.

CAMPBELL, James. **The Library: a world history**. 2015.

CARITA, Hélder. **A casa senhorial em Portugal: modelos, tipologias, programas interiores e equipamento**. Com fotografias de Antonio Homem Cardoso. Lisboa: Leya, 2015.

CARMO, Laura do. Marcas de leitura de Rui Barbosa. **Escritos**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 5, p. 121–137, 2011. Disponível em: <http://escritos.rb.gov.br/numero05/artigo07.php>. Acesso em: 18 nov. 2020.

CARVALHO, Ana Cristina. O museu que é uma casa, a casa que é um museu: reflexões sobre os museus-casas históricas no Brasil. *In: MUSEUS-casas históricas no Brasil*. São Paulo: 2013. p. 8–23.

CARVALHO, Antonio Gontijo. **Rui, estudante**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (BRASIL). **Casa de Rui Barbosa: guia do visitante**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1964. Disponível em: <http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=BibObPub&Pesq=relat%c3%b3rio%20de%20atividades&pagfis=2891>. Acesso em: 20 maio 2021.

CASO, Ángeles. *In: MARCHAMALO, Jesús. Ángeles Caso: todo ordenado. In: Los reinos de papel: bibliotecas de escritores*. Madrid: Siruela, 2016. (Ojo del tiempo). *E-book*.

CASTRO, Gustavo de. **A Casa da poesia**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/casa-da-poesia/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

COSTA, Antônio Joaquim da. **Rui Barbosa na intimidade**. [Rio de Janeiro]: Casa de Rui Barbosa, 1949. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/4792>. Acesso em: 20 mar. 2020.

DAVALLON, Jean. Le patrimoine : “une filiation inversée” ? **Espace Temps**, v. 74, n. 1, p. 6–16, 2000. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/espat\\_0339-3267\\_2000\\_num\\_74\\_1\\_4083](https://www.persee.fr/doc/espat_0339-3267_2000_num_74_1_4083). Acesso em: 17 dez. 2020.

DAVALLON, Jean. Comment se fabrique le patrimoine ? **Sciences humaines**, 36, Mars/Avril/Mai 2002. Dossier : Qu'est-ce que transmettre ? Disponível em: [https://www.scienceshumaines.com/comment-se-fabrique-le-patrimoine\\_fr\\_12550.html](https://www.scienceshumaines.com/comment-se-fabrique-le-patrimoine_fr_12550.html). Acesso em: 27 jan. 2021.

DEM HIST. **Demhist Categorization Project House Museums Typologies**. 2007. Disponível em: [http://www.museumartconsulting.com/sito\\_inglese/case-museo\\_Pavoni-2.htm](http://www.museumartconsulting.com/sito_inglese/case-museo_Pavoni-2.htm). Acesso em: 21 nov. 2019.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). **Conceitos-chave em Museologia**. Tradução e comentários Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê

Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DIAS, Débora. Do privado ao público: a biblioteca pessoal e suas metamorfoses. *Cescontexto*, Lisboa, n. 23, p. 57–71, dez. 2018.

DODEBEI, Vera. *Memoração e patrimonialização em três tempos: mito, razão e interação digital*. In: TARDY, Cécile; DODEBEI, Vera (org.). *Memória e novos patrimônios*. Marseille: OpenEdition Press, 2015. *E-book*. Disponível em: <http://books.openedition.org/oep/865>. Acesso em: 19 maio 2020.

DODEBEI, Vera; GOUVEIA, Inês. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. *DataGramZero - Revista de Ciência da Informação*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 1–11, out. 2008.

DUROSELLE-MELISH, Caroline; LINES, David A. The Library of Ulisse Aldrovandi (1605): Acquiring and Organizing Books in Sixteenth-Century Bologna. *The Library*, v. 16, 1 jun. 2015. Disponível em: <https://academic.oup.com/library/article/16/2/133/975847>.

ECO, Umberto. *A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia*. 3. ed. Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo. Rio de Janeiro: Record, 2014.

EDIFICIO y jardín. Biblioteca de Menéndez Pelayo [site]. [2018]. Disponível em: <https://www.bibliotecademenendezpelayo.es/edificio-y-jardin/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

EISENSTEIN, Sergei. *Beyond the stars: the memoirs of Sergei Eisenstein*. Edited by Richard Taylor; translated by William Powell. London: British Film Institute; Calcuta: Seagull Books, 1995. (Selected Works, v. 4).

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. A biblioteca de Rui Barbosa no palácio dos livros. In: *Catálogo da biblioteca de Rui Barbosa*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 28–46. 2008a.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. A biblioteca de Rui Barbosa: uma concepção de cidadania. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, 13., 2008, Rio de Janeiro. 2008b.

FERRER, Daniel. *Towards a Marginalist Economy of Textual Genesis*. [2004?]. Disponível em: <http://www.item.ens.fr/articles-en-ligne/towards-a-marginalist-economy-of-textual-genesis/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

FERRER, Daniel. “Um imperceptível traço de goma de tragacanto...”. Tradução: Raphael Luiz de Araújo, Samara Fernanda. *Manuscrita*: revista de crítica genética, n. 30, p. 60-73, 2016. Título original: “Un imperceptible trait de gomme de tragacanth...”.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. *Estudos Avançados*, v. 27, n. 79, p. 113–122, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142013000300008&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000300008&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 29 nov. 2020.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Área de trabalho**. 2005. Disponível: [http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID\\_S=206](http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/geral.php?ID_S=206). Acesso em: 13 nov. 2019.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Edital concurso N° 2/2018. Processo n° 01550.000107/2018-21. Seleção de bolsistas para o Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura da FCRB. Rio de Janeiro, 2018. Aviso de Seleção publicado no Diário Oficial da União, Seção 3, p. 100 - 25/5/2018.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Centro de Memória e Informação. Museu Casa de Rui Barbosa. **Inventário do acervo museológico Museu Casa de Rui Barbosa 2019-2020**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2020. *E-book*.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Missão, visão e valores**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/entidades-vinculadas/casa-de-rui-barbosa/acesso-a-informacao/institucional/a-fcrb/missao-visao-e-valores>. Acesso em: 8 jun. 2021.

FARES, Cláudia. **Apresentação**. In: GABINETE de obras máximas e singulares. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2016. p. 16-22.

GARDNER, Gareth. Sir John Soane's Library-Dining Room features an impressive Regency interior and his collection of books, Ancient Greek vases and paintings. In: FEELEY, Sarah. Marvel at Sir John's Museum. **The English Home**. [2019]. Disponível em: <https://www.theenglishhome.co.uk/marvel-at-sir-john-soanes-museum/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

GAUTHEROT, Marcel. Biombo da Sala Casamento Civil. 1 fotografia. Rio de Janeiro, [1974-1977]. Fundação Casa de Rui Barbosa. Base de dados Iconografia. Disponível em: <http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/Preview.fwx?&position=2&archiveType=ImageFolder&archiveId=5002&albumId=5002&sorting=ModifiedTimeAsc&search=casamento%20and%20civil&fileId=CE29C4840AA53CD6D10ABCAA711A45DA5C7B6A664273B498F3FFF064C42E881824E7E072C2C70B224D037E3F25438E01494AFB3BB21E04AB22D4D85BDEE50CA12D3233BD7E70EA77DDB8009E793EF17AE401EA3F446DBB198B51FABCCD9BCA4F4A997E75A40EE3DA151184AB4D6AEA64C91D43365A49696E2ECDEC190A77252F90725CEB4D808DDFF73E3949A437D2B454ACD1A99F8CCB06769142D372364CDE>. Acervo do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa. Código da imagem: 1.9.7-24 (07).

GAUTHEROT, Marcel. Sala Civilista. 1 fotografia. Rio de Janeiro, [1974-1977]. Fundação Casa de Rui Barbosa. Base de dados Iconografia. Disponível em: . Acesso em: 2 jul. 2021. Base de dados Iconografia Fundação Casa de Rui Barbosa. Código da imagem: fcrb - fcrb mg serie 100045.11.

GAUTHEROT, Marcel. Sala Constituição. 1 fotografia. Rio de Janeiro, [1974-1977]. Fundação Casa de Rui Barbosa. Base de dados Iconografia. Disponível em: <http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/Preview.fwx?&position=13&archiveType=ImageFolder&archiveId=5002&albumId=5002&sorting=ModifiedTimeAsc&search=Gautherot&fileId=CE29C4840AA53CD6D10ABCAA711A45DA5C7B6A664273B498F3FFF064C42E881824E7E072C2C70B224D037E3F25438E01494AFB3BB21E04AB22D4D85BDEE50CA12D3233BD7E70EA77CB0027EE82BC7147FC88DC6EFA35D5F8AA16967C447C42A3F577CAC9A965B4B65C55FAA5F512E93455CE293C9489E2C68B89B80D5399866C614D>

5D1B6A7113C608E6675FF037E993050978BEA588C7A657392A01A264B9F6. Acervo do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa. Código da imagem: RB - CM pg21.

GAUTHEROT, Marcel. Sala Código Civil. 1 fotografia. Rio de Janeiro, [1974-1977]. Fundação Casa de Rui Barbosa. Base de dados Iconografia. Disponível em: <http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/Preview.fwx?&position=242&archiveType=ImageFolder&archiveId=5002&albumId=5002&sorting=ModifiedTimeAsc&search=gautherot&fileId=CE29C4840AA53CD6D10ABCAA711A45DA5C7B6A664273B498F3FFF064C42E881824E7E072C2C70B224D037E3F25438E01494AFB3BB21E04AB22D4D85BDEE50CA12D3233BD7E70EA77D465EB8C3AA3EDB863664EAAF9B49FE5575C190155FEC2775FA4FA0D4D8C892C592EB64B8561C28D28910987D78EF3089B7E2E641746222A59193DAAC85F7D5C8F7A885ED1B4AD20071628289289C1ED9E3EFB034CFE798C>. Acervo do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa. Código da imagem: fcrb - fcrb mg serie 100042.06 (1).

GAUTHEROT, Marcel. Sala de Haia. 1 fotografia. Rio de Janeiro, [1974-1977]. Fundação Casa de Rui Barbosa. Base de dados Iconografia. Disponível em: <http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/Preview.fwx?&position=224&archiveType=ImageFolder&archiveId=5002&albumId=5002&sorting=ModifiedTimeAsc&search=gautherot&fileId=CE29C4840AA53CD6D10ABCAA711A45DA5C7B6A664273B498F3FFF064C42E881824E7E072C2C70B224D037E3F25438E01494AFB3BB21E04AB22D4D85BDEE50CA12D3233BD7E70EA77D465EB8C3AA3EDB82C7ADC6CB6E1FE674FB5197D64F9F53A270B937F31F7FBDE55CE293C9489E2C68B89B80D5399866C614D5D1B6A7113C608E6675FF037E993050978BEA588C7A657392A01A264B9F6>. Acervo do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa. Código da imagem: fcrb - fcrb mg serie 1.00021.09

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓMEZ GÓMEZ, Margarita. El patrimonio documental y bibliográfico como patrimonio cultural. In: *HERREROS*. Ma Angeles Peinado (coord.). **El Patrimonio Cultural y Natural como Motor de Desarrollo**: Investigación e Innovación. [Sevilha]: Universidad Internacional de Andalucía, 2012. p. 1036-1047. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4152952>. Acesso em: 20 set. 2019.

GONÇALVES, Edmar Moraes. **Estudo das estruturas das encadernações de livros do século XIX na coleção Rui Barbosa**: uma contribuição para a conservação-restauração de livros raros no Brasil. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/JSSS-7U5K6G>. Acesso em: 25 maio 2021.

GONZÁLEZ MANZANARES, Joaquín. **La pasión libresca extremeña**: retazos de bibliografía, bibliofilia y bibliotecas. Badajoz: Biblioteca de Extremadura, 2009. Disponível em: <https://biex.juntaex.es/biex/download/Libro1.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2019.

GORGAS, Mónica Risnicoff de. Reality as illusion, the historic houses that become museums. **Museum International**, v. 53, n. 2, p. 10–15, 2001. DOI: 10.1111/1468-

0033.00307. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1468-0033.00307>. Acesso em: 26 nov. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HAWLEY, Hughson. **Perspective of the Proposed Library of J. Pierpont Morgan** [desenho]. 1902. Disponível em: <https://www.themorgan.org/drawings/item/143106>. Acesso em: 15 mar. 2021.

HILL, Murry. The Morgan Library & Museum. **Timeout**, 7 maio 2012. Disponível em: <https://www.timeout.com/new-york-kids/museums/the-morgan-library-museum>. Acesso em: 12 mar. 2021.

HOME library. *In*: REITZ, Joan M. Online Dictionary for Library and Information Science. Santa Barbara, CA [EUA]: ABC-CLIO, c2004-2014. Disponível em: [https://products.abc-clio.com/ODLIS/odlis\\_h.aspx](https://products.abc-clio.com/ODLIS/odlis_h.aspx). Acesso em: 26 fev. 2020.

INFANTES, Victor. Las ausencias en los inventarios de libros y de bibliotecas. **Bulletin hispanique**, v. 99, n. 1, p. 281–292, 1997. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/hispa\\_0007-4640\\_1997\\_num\\_99\\_1\\_4939](https://www.persee.fr/doc/hispa_0007-4640_1997_num_99_1_4939). Acesso em: 7 dez. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Programa Bibliomuseus**. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/programa-bibliomuseus/>. Acesso em: 12 maio 2021.

ITALY acquires Umberto Eco library and archive. 28 jan. 2021. Disponível em: <https://www.wantedinmilan.com/news/italy-acquires-umberto-eco-library-and-archive.html>. Acesso em: 31 jan. 2021.

JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. *In*: BARATIN, M; JACOB, C. (coord.). **O poder das bibliotecas: memória dos livros no ocidente**. Tradução de Marcela Mortara. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 45-73.

JACOB, Christian. Lieux de savoir: Places and Spaces in the History of Knowledge. **KNOW: A Journal on the Formation of Knowledge**, Chicago, v. 1, n. 1, p. 85–102, 1 mar. 2017. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/692293>. Acesso em: 30 abr. 2020.

JACOB, Christian. **Qu'est-ce qu'un lieu de savoir ?** Marseille: OpenEdition Press, 2014. Disponível em: <http://books.openedition.org/oep/423>. Acesso em: 6 abr. 2020.

JACOB, Christian. Retorno aos lugares de saber. **Rev. UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, p. 206–227, jan./dez. 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/revistaufmg/volumes/19>. Acesso em: 9 jun. 2020.

LACOMBE, Américo Jacobina. **Apresentação**. 1943. *In*: CATÁLOGO da Biblioteca de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1944. v.1.

LACOMBE, Américo Jacobina. **À sombra de Rui Barbosa**. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978. (Brasiliana, v. 365).

LAZAN, Betsy R. **Libraries in the Houses of History: A Possible Model for House Museum Library Collections**. 2001. Thesis (Masters of Science in Library Science) – School of Information and Library Science, University of North Carolina at Chapel Hill, Chapel Hill, 2001. Disponível em: [https://cdr.lib.unc.edu/concern/masters\\_papers/gm80j0191?locale=en](https://cdr.lib.unc.edu/concern/masters_papers/gm80j0191?locale=en). Acesso em: 15 fev. 2020.

LIMING, Sheila. **What a library means to a woman: Edith Whaton & the will to collect books**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. *E-book*.

LINIERS. [Sem título]. [S.d]. Disponível em: <http://raimapu.cl/cra.php>. Acesso em: 27 ago. 2020.

LINIERS. [Sem título]. In: LINIERS. Macanudo 10. Tradução Claudio Roberto Martini. Campinas: Zarabatana Books, 2019.

MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. **Rui Barbosa na Vila Maria Augusta**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/9834>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MALTA, Marize. **O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X : Faperj, 2011.

MALTA, Marize. Arte Doméstica: modos de morar em fins do século XIX no Rio de Janeiro e a casa de Rui Barbosa. In: MALTA, Marize; MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho. **Casas Senhoriais Rio-Lisboa e seus interiores**. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ, 2013-204. p. 127-141.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. Tradução Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MANGUEL, Alberto. **Conferencia La biblioteca de noche**. 2017. 1 vídeo (ca 59 min). Publicado pelo canal Centro de Documentacion Audiovisual. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yImaCKJOiqQ>. Acesso em: 29 jun. 2020.

MANGUEL, Alberto. **Embalando minha biblioteca: uma elegia e dez divagações**. Tradução de Rita Almeida Simões. Lisboa: Tinta da China, 2018.

MANGUEL, Alberto. **Lembranças do que lemos e vivemos**. 2016. 1 vídeo (ca. 4 min). Publicado pelo canal Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BfLpfH46uoA>. Acesso em: 29 jun. 2020.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça**. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

MANGUEL, Alberto. **Uma história natural da curiosidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. *E-book*.

MARCHAMALO, Jesús. **Los reinos de papel**: bibliotecas de escritores. Madrid: Siruela, 2016. (Ojo del tempo).

MARCHAMALO, Jesús. **Tocar los libros**. Valdivia (Chile): Ediciones Universidad Austral de Chile, 2017. *E-book*. (Biblioteca Luis Oyarzún).

MELO, Maria Lúcia Horta Ludolf de. Rui e o manuscrito. *In: Estudos históricos sobre Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2000. p. 205–256. Disponível em: <http://187.0.209.89/handle/20.500.11997/12389>. Acesso em: 26 fev. 2021.

MELOT, Michel. Qu'est-ce qu'un objet patrimonial?. *Bulletin des bibliothèques de France (BBF)*, n. 5, p. 5-10, 2004. Disponível em: <https://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2004-05-0005-001>. Acesso em: 26 maio 2021.

MESA DE ESCREVER. Ficha do objeto no sistema de bases de dados Sophia. Disponível em: <http://acervos.casaruibarbosa.gov.br/>. Tombo: 29.278A.

MEZANNOTTI. [Sem título].[2008?]. 1 fotografia. *In: MANGUEL, Alberto. A 30.000-volume window on the world. The New York Times*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/05/15/garden/15library.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MEZANNOTTI. [Sem título].[2008?]. 1 fotografia. *In: MANGUEL, Alberto. A 30.000-volume window on the world. The New York Times*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/05/15/garden/15library.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MIDORI, Marisa. O legado de Umberto Eco se mantém na Itália. Rádio USP, 5 fev. 2021. Coluna Bibliomania. *Podcast*. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/o-legado-de-umberto-eco-se-mantem-na-italia/>. Acesso em: 24 fev. 2021.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. Na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). *In: DIAS, Antônio Caetano; PLACER, Xavier; VILLAR, João Carlos Fernandes; MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. A primeira escola de Biblioteconomia do Brasil. Revista Chronos*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 10, 2015. p. [54]-81. Edição comemorativa dos 100 anos de instalação da Escola de Biblioteconomia no Brasil: 1915-2015. Organização [de] Ana Virginia Pinheiro, Fabiano Cataldo e Laura Klemz Guerrero. Coordenação temática [de] Simone da Rocha Weitzel. Disponível em: <http://www.unirio.br/cchs/eb/historia/edicao-comemorativa-da-revista-chronos-1>. Acesso em: 25 abr. 2021.

MOLE, Tom. **The secret life of books**: why they mean more than words. London: Elliot and Thompson, 2019. *E-book*.

MONTELLO, Josué. Rui Barbosa entre os livros e a família. 1976. *In: Rui: sua casa e seus livros*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980. p. [177]-186.

MORANGOS silvestres. Direção: Ingmar Bergman. 1957. 1 vídeo (ca 1h32min). Publicado pelo canal Cine Antiqua Purple. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ul67hzDSgik>. Acesso em: 13 maio 2021.

MORGAN Library & Museum McKim Building. Architect Magazine. 17 jul. 2012. Disponível em: <https://www.architectmagazine.com/project-gallery/morgan-library-museum-mckim-building-293>. Acesso em: 15 mar. 2021.

MOUTINHO, Stella Rodrigo Octavio; PRADO, Rúbia Braz Bueno do; LONDRES, Ruth Rodrigo Octavio. **Dicionário de artes decorativas e decoração de interiores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Tele Centro Sul Projetos Culturais, 1999.

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO. **Biblioteca**. [2018?]. Disponível em: <https://mam.org.br/biblioteca/> . Acesso em: 25 maio 2020.

MUSEUM library. *In*: GLOSARIO ALA de bibliotecología y ciencias de la información. Edição de Heartsill Young. Colaboração de Terry Belanger. Madrid: Diaz de Santos, c1988.

MUSEUM library. *In*: REITZ, Joan M. Online Dictionary for Library and Information Science. Santa Barbara, CA [EUA]: ABC-CLIO, c2004-2014. Disponível em: [https://products.abc-clio.com/ODLIS/odlis\\_m.aspx](https://products.abc-clio.com/ODLIS/odlis_m.aspx). Acesso em: 26 fev. 2020.

NAMER, Gérard. **Mémoire e société**. Paris: Ed. Meridiens Klincksieck, 1987.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução [de] Yara Aun Khoury. **Projeto História- Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 13 abr. 2020.

NOTA da edição brasileira. *In*: RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**. Tradução [de] Wener Rothschild Davidsohn. São Paulo: Perspectiva, 2014. (Elos). p. 23-25.

O PODEROSO chefão. Direção: Francis Ford Copolla. 1972. 1 vídeo (2h57 min). Disponível em: [https://www.primevideo.com/detail/0QX1EUXLLBS07CXIW1KY9F1K68/ref=atv\\_dp?language=pt\\_BR](https://www.primevideo.com/detail/0QX1EUXLLBS07CXIW1KY9F1K68/ref=atv_dp?language=pt_BR). Acesso em: 23 maio 2021.

PALMA PENA, Juan Miguel. El patrimonio cultural, bibliográfico y documental de la humanidad: Revisiones conceptuales, legislativas e informativas para una educación sobre patrimonio. **Cuicuilco**, México, v. 20, n. 58, p. 31-57, sept./dic. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0185-16592013000300003&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-16592013000300003&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 9 nov. 2019.

PALMA PEÑA, Juan Miguel. La socialización del patrimonio bibliográfico y documental de la humanidad desde la perspectiva de los derechos culturales. *Revista General de Información y Documentación*, v. 21, p. 291-312, 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/38822662.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2019.

PALMA PEÑA, Juan Miguel. Los valores de la cultura bibliográfica y documental mexicana del siglo XX: algunas reflexiones para su permanencia. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 53., 2009, Ciudad de Mexico. Disponível em: [https://www.academia.edu/10287613/Los\\_valores\\_de\\_la\\_cultura\\_bibliogr%C3%A1fica\\_y\\_do](https://www.academia.edu/10287613/Los_valores_de_la_cultura_bibliogr%C3%A1fica_y_do)

cumental\_mexicana\_del\_siglo\_XX\_algunas\_reflexiones\_para\_su\_permanencia. Acesso em: 13 jul. 2020.

PALMA PEÑA, Juan Miguel. Valores sociales y valores patrimoniales: elementos para determinar la significación del patrimonio documental. **Biblioteca Universitaria**, v. 16, n. 1, p. 33–45, 6 jun. 2014. Disponível em: <https://bibliotecauniversitaria.dgb.unam.mx/rbu/article/view/187>. Acesso em: 9 nov. 2019.

PATRIMÔNIO bibliográfico. *In*: FARIA, M. I.; PERICÃO, M. G. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008. p. 565.

PEDRAZA GRACIA, Manuel José. Percepción museográfica de la biblioteca histórica o patrimonial: perspectivas y reflexiones en torno a los fondos y libros antiguos. **El profesional de la información**, v. 22, n. 5, p. 440-447, septiembre-octubre 2013. Disponível em: <http://www.elprofesionaldelainformacion.com/contenidos/2013/sept/09.html>. Acesso em: 22 nov. 2019.

PEDRAZA GRACIA, Manuel José. Tasación, valoración y valorización en la biblioteca patrimonial: aportaciones para una discusión pendiente. 2019. Jornadas de Gestión de Patrimonio Bibliográfico (2., 2019, Disponível em: <https://rebiun.xercode.es/xmlui/handle/20.500.11967/441>. Acesso em: 20 maio 2020.

PEREIRA, Baptista. **Rui estudante**. São Paulo: Centro Acadêmico Onze de Agosto, 1924. PIAGET dans son bureau, en 1979. 1 fotografia. Fondation Jean Piaget. Disponível em: [http://www.fondationjeanpiaget.ch/fjp/site/biographie/index\\_photos\\_grand.php?photo\\_id=173](http://www.fondationjeanpiaget.ch/fjp/site/biographie/index_photos_grand.php?photo_id=173). Acesso em: 29 maio 2021. Photo n° 178.

PINHEIRO, Ana Virgínia. Rui, para sempre e em todo lugar. *In*: **Catálogo da biblioteca de Rui Barbosa**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. [16]–26.

PIRES, Homero. **Rui e os livros**. 5. ed. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB\\_HomeroPires\\_RuiBarbosa\\_e\\_os\\_livros.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_HomeroPires_RuiBarbosa_e_os_livros.pdf). Acesso em: 9 dez. 2019.

PONTE, António. Casas-museu – locais onde o património material e imaterial confluem numa comunicação orquestrada. 2017. *In*: CARVALHO, Ana Cristina (org.). Anais dos Encontros Brasileiros de Palácios, Museus Casas e Casas Históricas: 2014-2017. São Paulo: Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, 2018, cap. 2017: XI Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas.

PONTE, António. Casas-Museu. Entre o conceito e o modelo de ação. Da constituição ao modelo de investigação. *In*: MONGE, Maria de Jesus (coord.). **10 anos de reflexão sobre casas-museu em Portugal**. [Vila Real?]: Direção Regional de Cultura do Norte, 2019. p. 19-[34]. (Património a Norte, 1). *E-book*.

PRIGENT, Christian. Na casa dos homens. 2008. *In*: PIC, Muriel. **As desordens da biblioteca**: fotomontagens; A biblioteca obscura de W. H. F Talbot. Tradução [de] Eduardo Jorge de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2015.

PRIVATE library. *In*: GLOSARIO ALA de bibliotecología y ciencias de la información. Edição de Heartsill Young. Colaboração de Terry Belanger. Madrid: Diaz de Santos, c1988.

PRIVATE library. *In*: REITZ, Joan M. Online Dictionary for Library and Information Science. Santa Barbara, CA [EUA]: ABC-CLIO, c2004-2014. Disponível em: [https://products.abc-clio.com/ODLIS/odlis\\_p.aspx](https://products.abc-clio.com/ODLIS/odlis_p.aspx). Acesso em: 26 fev. 2020.

PROVENZANO, Letícia Krauss. Reflexões sobre o patrimônio bibliográfico: o casado da Biblioteca de Rui Barbosa. **Memória & Informação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, 30 dez. 2020. p. 173-192. Disponível em: <http://www.memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/137>. Acesso em: 18 jul. 2021.

MEMORIAL DO LIVRO MORONGUÊTÁ. Disponível em: <http://moronguetaufpa.blogspot.com/p/moveis-e-objetos.html>. Acesso em: 14 jun. 2021.

PURCELL, Mark. **The country house library**. New Haven; Londo: Yale University Press, 2017.

PYNE, Lydia. **Bookshelf**. New York: Bloomsbury, 2016. (Object Lessons). *E-book*.

RADFORD, Gary. P.; RADFORD, Mary L.; LINGEL, Jessica. The library as heterotopia: Michel Foucault and the experience of library space. **Journal of Documentation**, v. 71, n. 4, p. 733–751, 13 jul. 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/281161941\\_The\\_library\\_as\\_heterotopia\\_Michel\\_Foucault\\_and\\_the\\_experience\\_of\\_library\\_space](https://www.researchgate.net/publication/281161941_The_library_as_heterotopia_Michel_Foucault_and_the_experience_of_library_space). Acesso em: 29 nov. 2020.

RAGO, Maria Aparecida de Paula; VIEIRA, Rosa Maria. **Escola do Recife**. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:9LMrd8hYjcQJ:https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ESCOLA%2520DO%2520RECIFE.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>. Acesso em: 19 maio 2021.

RAMELLI, Agostino. *Le Diverse Et Artificiose Machine Del Capitano Agostino Ramelli*. Paris, France, 1588. Disponível em: <https://digital.sciencehistory.org/works/4b29b614k>. Acesso em: 25 maio 2021.

RANGEL, Aparecida Marina de Souza Rangel. **Museu-Casa de Rui Barbosa: entre o público e o privado**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/641>. Acesso em: 17 nov. 2019.

RANGEL, Aparecida Marina de Souza Rangel; ALMEIDA, Álea Santos de. Os cômodos do Museu Casa de Rui Barbosa enquanto museália. **MIDAS. Museus e estudos interdisciplinares**, Évora, Portugal, n. 8, 31 jul. 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/1300>. Acesso em: 6 jan. 2020.

REIS, Rogério. **Sala Constituição**. 1 fotografia. Rio de Janeiro, [S.d.]. Disponível em: <http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb>. Acesso em: 2 jul. 2021. Código da imagem: FCRB 1.9.7-1(03).

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos**: a sua essência e a sua origem. Tradução [de] Wener Rothschild Davidsohn. São Paulo: Perspectiva, 2014. (Elos).

REAL, Regina Monteiro. **Casa de Rui Barbosa**: resumo histórico de suas atividades. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1957.

REIDÊNCIA de Rui Barbosa à Rua São Clemente, RJ, 1923. 1 fotografia. [1923]. Fundação Casa de Rui Barbosa. Base de dados Iconografia. Disponível em: <http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/Preview.fwx?&position=1&archiveType=ImageFolder&archiveId=5002&albumId=5002&sorting=ModifiedTimeAsc&search=REID%C3%80NCIA&fileId=CE29C4840AA53CD6D10ABCAA711A45DA5C7B6A664273B498F3FFF064C42E881824E7E072C2C70B224D037E3F25438E01494AFB3BB21E04AB22D4D85BDEE50CA12D3233BD7E70EA7752B4C5ED55CBF9B0C858374C2D25A8D5BD76EE66767D9967633BD164476873C4C88939A8DF346F7D1493CBFBA6A583DE2B6D4042AD9CF74770989ECCD46BA399C66B6B69C574F0711C7AA2CCB475CDD5E0116649B6974DAB>. Acesso em: 2 jul. 2021. Acervo do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa. Código da imagem: rb-rbic 2196.

RESIDÊNCIA de Rui Barbosa à Rua São Clemente, RJ, 1923. 1 fotografia. [1923]. Fundação Casa de Rui Barbosa. Base de dados Iconografia. Disponível em: <http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/Preview.fwx?&position=24&archiveType=ImageFolder&archiveId=5002&albumId=5002&sorting=ModifiedTimeAsc&search=Resid%C3%A0ncia%20de&fileId=CE29C4840AA53CD6D10ABCAA711A45DA5C7B6A664273B498F3FFF064C42E881824E7E072C2C70B224D037E3F25438E01494AFB3BB21E04AB22D4D85BDEE50CA12D3233BD7E70EA7752B4C5ED55CBF9B0452C4F914A747EED4AAB800DB56CB0A4057F695AEADCED0EA1B893808CFDD6FB1493CBFBA6A583DE2B6D4042AD9CF74770989ECCD46BA399C66B6B69C574F0711C7AA2CCB475CDD5E0116649B6974DAB>. Acesso em: 2 jul. 2021. Acervo do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa. Código da imagem: rb-rbic 2205.

RESIDÊNCIA de Rui Barbosa à Rua São Clemente, RJ, 1923. 1 fotografia. [S.d.]. Fundação Casa de Rui Barbosa. Base de dados Iconografia. Disponível em: <http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/Preview.fwx?&position=67&archiveType=ImageFolder&archiveId=5002&albumId=5002&sorting=ModifiedTimeAsc&search=RESID%C3%80NCIA%20and%20de%20and%20Rui%20and%20Barbosa&fileId=CE29C4840AA53CD6D10ABCAA711A45DA5C7B6A664273B498F3FFF064C42E881824E7E072C2C70B224D037E3F25438E01494AFB3BB21E04AB22D4D85BDEE50CA12D3233BD7E70EA7752B4C5ED55CBF9B0452C4F914A747EEDBD76EE66767D9967057F695AEADCED0E836B7E372CAED0361493CBFBA6A583DE5640A3BABC7F06F89E349EEDE2FEE3969904309D72DAF6E855EF0DF5A1CCE42A20C5C3D173966468>. Acesso em: 2 jul. 2021. Acervo do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa. Código da imagem: rb-rbic 2206.

RESIDÊNCIA de Rui Barbosa à Rua São Clemente, RJ, 1923. 1 imagem digital. [1923]. Fundação Casa de Rui Barbosa. Base de dados Iconografia. Disponível em: <http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/Preview.fwx?&position=2&archiveType=I>

imageFolder&archiveId=5002&albumId=5002&sorting=ModifiedTimeAsc&search=Gabinete%20G%C3%B3tico&fileId=CE29C4840AA53CD6D10ABCAA711A45DA5C7B6A664273B498F3FFF064C42E881824E7E072C2C70B224D037E3F25438E01494AFB3BB21E04AB22D4D85BDEE50CA12D3233BD7E70EA7752B4C5ED55CBF9B0452C4F914A747EED5744DF6623C9A699057F695AEADCED0E645D879838E6F4401493CBFBA6A583DEE427921E5374E200A21251816A6C02BE7699C51957926DF24E3752AC1752D143E7E65788B1C82B73. Acesso em: 2 jul. 2021. Acervo do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa. Código da imagem: rb-rbic 2207.

RESIDÊNCIA do Sr. Conselheiro Ruy Barbosa Villa Maria Augusta. 1 planta. O feitiço de Ruy Barbosa. **O Tempo**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 13, 171-[182], edição especial de 15 jan. 1924.

RICHARDSON, Charles James. Description of the House and Museum, on the North side of Lincoln's Inn-Fields, the residence of Sir John Soane. [By Sir J. Soane.]. London, 1832-33. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/two-views-of-the-library-dining-room-looking-north#>. Acesso em: 21 jan. 2021.

RODRIGUES, José Júlio. **Silhuetas e visões**. Faro (Portugal): Armelim Cácia, [1930?].

SALA Casamento Civil, Museu Casa de Rui Barbosa. 1 fotografia. [2006]. Fundação Casa de Rui Barbosa. Base de dados Iconografia. Disponível em: <http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/Preview.fwx?&position=21&archiveType=ImageFolder&archiveId=5002&albumId=5002&sorting=ModifiedTimeAsc&search=Sala%20and%20Casamento%20and%20Civil&fileId=CE29C4840AA53CD6D10ABCAA711A45DA5C7B6A664273B498F3FFF064C42E881824E7E072C2C70B224D037E3F25438E01494AFB3BB21E04AB22D4D85BDEE50CA12D3233BD7E70EA7752B4C5ED55CBF9B079E26028B0A8BC2EA48A51519E8187103E55EC3ADE24604C150309FE0E58A8E3B76A0AE987EE99F801A33C4102A57F97D1E0C3472B206DD6E88C36B35A9FAA2219AC83D41BC0765B7A6C330FAF97B34B>. Acesso em: 2 jul. 2021. Acervo do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa. Código da imagem: RB-RBIC 68.

SANTIAGO, Maria Claudia. O processo de institucionalização da Biblioteca do médico Antônio Fernandes Figueira. *In*: SILVA, Maria Celina Soares de Mello e (org.). **Da minha casa para todos**: a institucionalização de acervos bibliográficos privados. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, 2018. p. 26–36. *E-book*. Disponível em: [http://www.mast.br/images/publicacoes\\_mast/livro\\_da\\_minha\\_casa\\_para\\_todos\\_v2.pdf](http://www.mast.br/images/publicacoes_mast/livro_da_minha_casa_para_todos_v2.pdf). Acesso em: 24 out. 2019.

SANTOS, Renata Ferreira dos; REIS, Alcenir Soares dos. O Patrimônio bibliográfico no Brasil: trajetória de leis, políticas e instrumentos de proteção legal. **Investigación Bibliotecológica**: archivonomía, bibliotecología e información, v. 32, n. 75, p. 223-259, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2018.75.57970>. Acesso em: 26 set. 2019.

SCARPELINE, Rosaelena. **Lugar de morada como lugar de memória**: a construção de uma casa museu, a Casa de Rui Barbosa-RJ. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281135?mode=full>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SCARPELINE, Rosaelena. O objeto, a Casa Museu e sua herança cultural. **Memória & Informação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 17–36, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/119>. Acesso em: 19 nov. 2020.

SCHUMACHER, Casey M. **One for the books**: a case study of the interpretation of personal libraries in historic house museums. 2016. Thesis (Masters of Arts in Museum Studies) – Department of Museum Studies, Baylor University, Waco, 2016. Disponível em: <https://baylor-ir.tdl.org/handle/2104/9624>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SEARA, M. DO R. T. D. F. G. P. A biblioteca pessoal de Alberto Mac-Bride : História, Medicina e organização da informação. 27 abr. 2018. Dissertação. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/33576>. Acesso em: 26 abr. 2020.

SECKLER, Jurema. Museu Casa de Rui Barbosa, 80 anos: pesquisa e renovação. *In*: PESSOA, Ana; RANGEL, Aparecida (org.). **III Encontro Luso-Brasileiro de Museus Casas**: espaço, memória e representação. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014. p. 28-34. (Coleção FCRB Aconteceu). *E-book*. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/anais\\_do\\_III\\_Encontro\\_Luso\\_Brasileiro\\_de\\_Museus\\_Casas.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/anais_do_III_Encontro_Luso_Brasileiro_de_Museus_Casas.pdf). Acesso em: 19 nov. 2019.

SIR JOHN SOANE’S MUSEUM. **Books**. Disponível em: <http://collections.soane.org/books>. Acesso em 21 jan. 2021.

SIR JOHN SOANE’S MUSEUM. **Our history**. [2019] Disponível em: <https://www.soane.org/about/our-history>. Acesso em 21 jan. 2021.

SOARES, Francisco Sérgio Mota; CARMO, Laura Berenice Trindade; AZIZ, Carmem Lúcia Cabral; COELHO, Sizaltina dos Santos. **A Biblioteca Pública da Bahia**: dois séculos de História. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2011. *E-book*.

SOUZA, Ingrid Lopes de. Patrimônio bibliográfico de C&T em universidades: proposta para formação das coleções especiais da Biblioteca Paulo Geyer. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, Museu de Astronomia e Ciências Afins – PPACT, 2017. Disponível em: <http://site.mast.br/ppact/trabalhos.html>. Acesso em: 13 mar. 2021.

SPINDOLA, Pedro. [Sem título]. 2021, Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/casa-da-poesia/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

STOKES, Heidi Hutchins. **Rediscovering the Private Library**: The National Trust of Great Britain and the Campaign to Expand the Role of Library Collections in Historic House Museums. 2008. Thesis (Master of Arts in Museum Professions) – Seton Hall University, South Orange, 2008. Disponível em: <https://scholarship.shu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2937&context=dissertations>. Acesso em: 15 nov. 2019.

TALEB, Nassim Nicholas. **A lógica do cisne negro: o impacto do altamente improvável**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2015. *Ebook*.

**THÉSAURUS SAVOIRS**. 2020. Disponível em: <https://datu.ehess.fr/savoirs/fr/>. Acesso em: 21 maio 2021.

THOMSOM-DEVEAUX, Flora. A gestação do menino-diabo: Como traduzir Memórias Póstumas de Brás Cubas para o inglês com dicionários frágeis e bases de dados gigantescas.

**Revista Piauí**, edição 165, jun. 2020. Disponível em:

<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/gestacao-do-menino-diabo/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

TRÉZZE, Luziana Jordão Lessa. As marginais de Rui Barbosa na obra “Os sermões”, do padre Antônio Vieira: diretrizes de representação descritiva. 2019. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

TRINGHAM, Ruth. Archaeological houses, households, housework and the home. *In*: Benjamin, D.; Stea, D. (ed.). **The Home: Words, Interpretations, Meanings, and Environments**. Aldershot: Avebury Press, 1995. p. 79-107.

UMA antiga cocheira, no quintal, que Ruy Barbosa transformou em bibliotheca. O feitio de Ruy Barbosa. **O Tempo**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 13, 171-[182], edição especial de 15 jan. 1924.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Bem vindo ao PPGB-UNIRIO. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppgb/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

VIEIRA, J. A. **Gabinete de trabalho de Rui Barbosa, em sua residência a Av. Ipiranga nº 405 - Petrópolis, RJ**. 1 imagem digital. 2006. Fundação Casa de Rui Barbosa. Base de dados Iconografia. Disponível em:

<http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/Preview.fwx?&position=4&archiveType=ImageFolder&archiveId=5002&albumId=5002&sorting=ModifiedTimeAsc&search=Gabinete%20and%20de%20and%20trabalho&fileId=CE29C4840AA53CD6D10ABCAA711A45DA5C7B6A664273B498F3FFF064C42E881824E7E072C2C70B224D037E3F25438E01494AFB3BB21E04AB22D4D85BDEE50CA12D3233BD7E70EA7752B4C5ED55CBF9B0CDD75EB52DEDf1AF575C190155FEC27717B39B3100B88CD2370D79B6D6B3BCC128910987D78EF3089B7E2E641746222A59193DAAC85F7D5C8F7A885ED1B4AD20071628289289C1ED9E3EFB034CFE798C>. Acesso em: 2 jul. 2021. Acervo do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa. Código da imagem: RB-RBIC 885.

WEITZEL, Simone da Rocha. Professores e alunos fundadores, de 1915 a 1949. **Revista Chronos**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 10, 2015. p. 82-99. Edição comemorativa dos 100 anos de instalação da Escola de Biblioteconomia no Brasil: 1915-2015. Organização [de] Ana Virginia Pinheiro, Fabiano Cataldo e Laura Klemz Guerrero. Coordenação temática [de] Simone da Rocha Weitzel. Disponível em: <http://www.unirio.br/cchs/eb/historia/edicao-comemorativa-da-revista-chronos-1>. Acesso em: 25 abr. 2021.

YOUNG, Linda. **Historic house museums in the United States and the United Kingdom: a history**. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2016. *E-book*.

YOUNG, Linda. Literature, Museums, and National Identity; or, Why are there So Many Writers' House Museums in Britain? **Museum History Journal**, v. 8, n. 2, p. 229–246, 1 jul. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1179/1936981615Z.00000000052>. Acesso em: 16 nov. 2019.

DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS CONSULTADOS:

Documento do Arquivo Institucional. 12. set. 1976. Fundo AFCRB. Serviço de Arquivo Histórico e Institucional, Rio de Janeiro, DA 199-820 (21).

Documento do Arquivo Institucional. 14 fev. 1935. Fundo AFCRB. Serviço de Arquivo Histórico e Institucional, Rio de Janeiro, DA 08\_99\_17010 – 0005.

Inventário Conselheiro “Ruy Barbosa”. 1923-24. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=arquivoruibarbosa&pagfis=55153>.